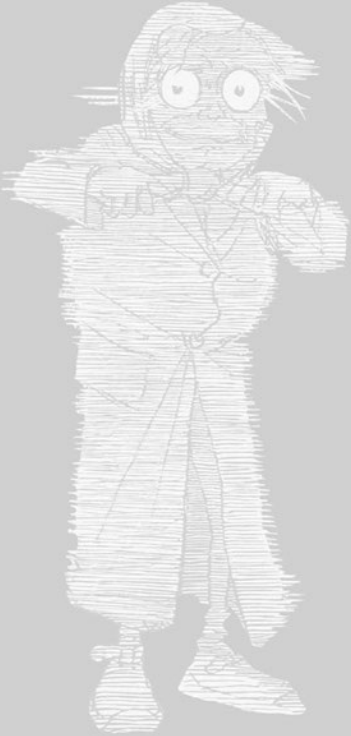
FANTASMAGORIA e PRIMEIROS POEMAS de LEWIS CARROLL

PIU

FANTASMAGORIA e PRIMEIROS POEMAS de LEWIS CARROLL

PIU



FANTASMAGORIA E PRIMEIROS POEMAS DE LEWIS CARROLL

Traduzido por
José Francisco Botelho
e Paula Taitelbaum

Ilustrado por
AB Frost e Lewis Carroll

SUMÁRIO

Prefácio

PARTE 1 FANTASMAGORIA

{ CANTO I } O ENCONTRO

{ CANTO II } AS CINCO REGRAS

{ CANTO III } ESCARAMUÇAS

{ CANTO IV } SUA CRIAÇÃO

{ CANTO V } EMBATE

{ CANTO VI } BARAFUNDA

{ CANTO VII } TRISTE REMINISCÊNCIA

PARTE 2 PRIMEIROS POEMAS

Minha Fada

Pontualidade

Melodias

Irmão e Irmã

Fatos

Regras e Regulamentos

Horrores

Mal-entendidos

As Baladas Pesarosas Nº 1

Os Dois Irmãos

No Brejo Solitário

O Palácio dos Farsantes

Casos de Mistério, Imaginação e Humor Nº 1

Uma Fábula

Conto de uma Cauda

O Cabeça-dura

SAIBA MAIS

PREFÁCIO

Sem um pingo de razão

Caio Riter

Não sei ao certo quando me encontrei pela primeira vez com a literatura de Lewis Carroll. É provável que tenha sido em meus primeiros mergulhos nas páginas escritas, ou não. Ou quem sabe eu tenha perdido mesmo o rumo da história, da minha história de leitor, assim como ocorreu com a menina que, ao perseguir um coelho apressado, teve a oportunidade de enveredar pelo País das Maravilhas. Sempre me atraiu o périplo de Alice que, curiosa, envereda por um buraco e vai parar em um mundo avesso a qualquer lógica. Desde a primeira vez, das muitas, em que acreditei ser possível perseguir coelhos e sonhos.

E eu não consigo saber o porquê de tal fascínio.

Talvez não o saiba exatamente por não haver qualquer razão, qualquer lógica nos universos urdidos pelo autor inglês que, junto com Edward Lear, deu vida a mundos em que impera o nonsense – essa sensação de sonho, de pesadelo, de descompromisso com o real. Quando se aceita o convite para viver as vidas que os personagens de Carroll propõem, não se pode esperar por tramas racionais, daquelas em que a lógica do real se sobrepõe.

Não.

Ao contrário.

A palavra literária carrolliana, quer poética, quer narrativa, nos isca, nos atrai, nos envolve e já não há como deixar de experimentá-la. Creio que comigo foi isso que aconteceu. Sei que, quando me deixo enlaçar por Carroll, não encontrarei o cotidiano de forma prosaica. Sei que o escritor irá, a todo momento, me surpreender com inusitados arranjos linguísticos e também com eventos inesperados. Me torno arisco, mas arrisco.

São, pois, esses ecos alicianos que encontraremos nos poemas que fazem parte deste livro, embora eles tenham sido escritos antes de Lewis Carroll presentear a jovem Alice Liddell com As Aventuras de Alice no Subterrâneo, primeiro título dado ao livro que ele escreveu e ilustrou de forma artesanal, atendendo ao pedido de sua amiga mirim, que o incitou a escrever a história que ele havia contado a ela e às irmãs durante um passeio pelo Tâmisa. Foi assim que nasceu Alice, a obra mais famosa de Carroll.

Todavia, neste livro, a palavra do criador de Alice se organiza de maneira poética: o jogo de palavras e o nonsense nos tomam e nos atraem para uma brincadeira que pode até parecer ingênua, mas que não é nada boba. Não importa o sentido (o leitor que o dê, se lhe agradar, parece dizer o autor), mas sim as sensações que os versos, a maioria deles narrativos, propiciam (tem tanta gente esquisita solta pelos poemas).

Situações do cotidiano das crianças inglesas da época, mas também das de hoje, são exploradas por um olhar diferenciado que tende ao humor e à construção de cenas inverossímeis, que nos desacomodam e nos fazem mergulhar no universo da desrazão, em que o inesperado vem para deslocar nosso olharação e nos fazer ver o prosaico através de um viés inusitado.

E agora percebo, relendo o parágrafo anterior, que me deixei tomar pelo jogo verbal do escritor inglês e produzi uma palavra-valise: olharação, uma fusão das

palavras olhar e coração. Olha-se com os olhos, mas também se vê com o coração. Olha-se, percebe-se e parte-se para a ação. Uma palavra-valise é sempre mais. Conceito, aliás, criado por Carroll em Alice através do espelho e o que ela viu lá, quando Humpty Dumpty explica para a jovem que uma palavra-valise traz “dois significados embrulhados numa só palavra”. Isso não é demais?

Então.

É este entendimento que encontramos na literatura de Carroll: literatura é libertar as palavras de sua casca utilitária, sem qualquer preocupação com seu significado de dicionário, mas sim com o jogo sonoro que ela é capaz de propor e com a potência de abrir-se a outros sentidos que não os convencionais. Ou até não fazer sentido algum.

Assim, no divertido diálogo entre um fantasma e o habitante de uma casa, percebe-se a intenção de Carroll de brincar com uma situação sinistra, mas divertida, já que se fundamenta em um grande engano, além de questionar, de certa forma, algumas situações sociais. Em seus poemas iniciais, escritos para seus irmãos menores, quando Carroll tinha apenas treze anos, o autor busca divertir seus primeiros leitores, ao mesmo tempo em que critica a sociedade e as histórias infantis, tão comuns na época. Histórias cheias de moral adulta que pretendiam “domar” os pequenos. Algo que a Carroll parece incomodar.

A poesia do autor de Alice não pretende ensinar. Quer mais é seduzir, divertir, jogar com os sentidos. Por isso, é poesia grande. Por isso, me envolveu e segue envolvendo. Tanto que, hoje, sou um colecionador de Alices e de tudo mais que Carroll criou.

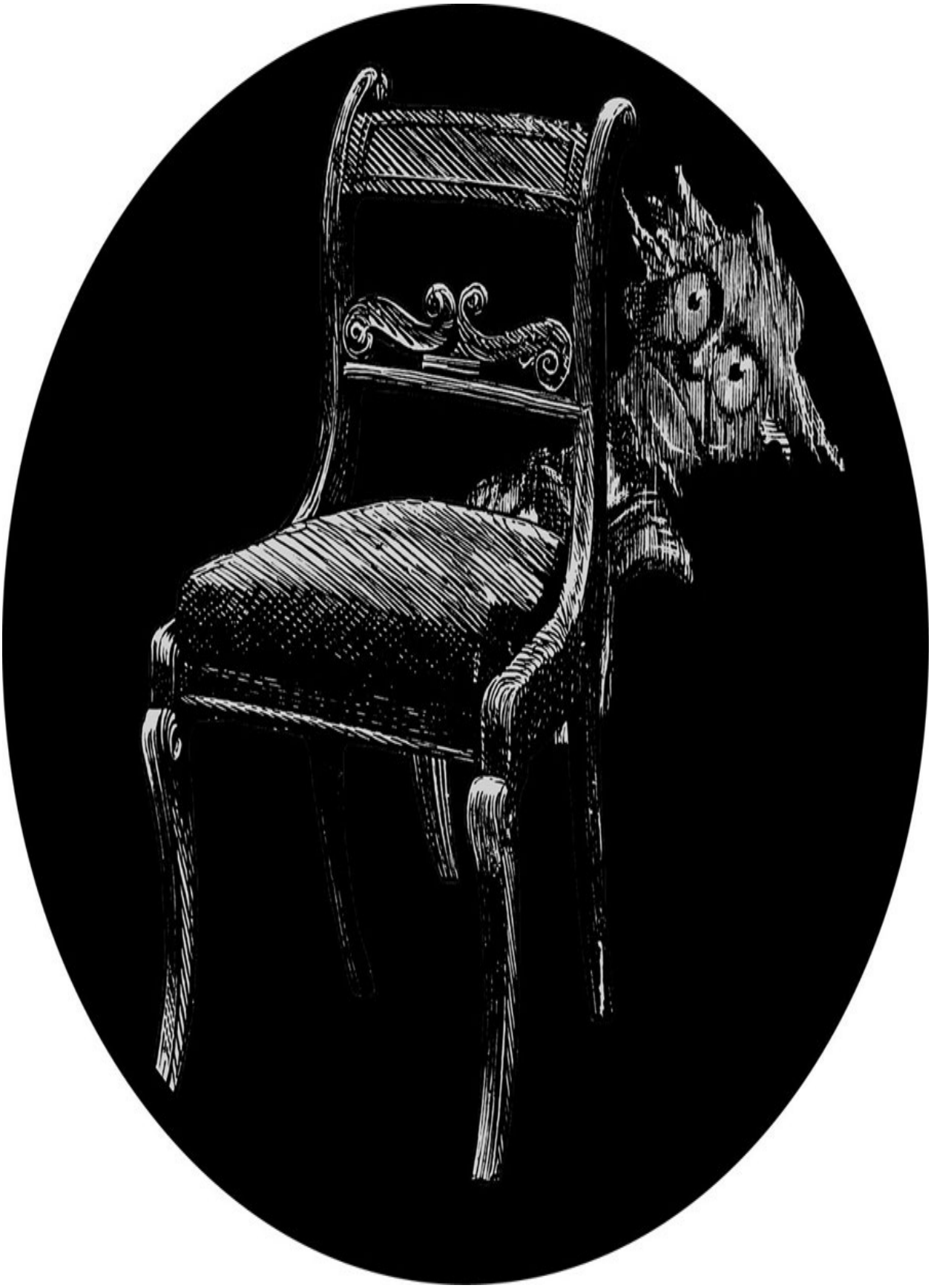
Assim, aceite o convite de Fantasmagoria e Primeiros Poemas de Lewis Carroll e se deixe encantar (como eu me deixei) pelas palavras deste autor.

PARTE 1

FANTASMAGORIA

{ CANTO I }

O ENCONTRO



Numa noite de inverno, às nove e meia,

Todo sujo, com frio e irritado,

Cheguei em casa, tarde pra jantar,

Mas charutos, vinho e manjar

Esperavam-me no escritório ao lado.

Havia uma estranheza no recinto

Alguma Coisa branca e ondulada

Perto de mim, no canto retinto

Pensei: “Meu criado, o João Pinto,

Deixou a vassoura encostada!”

Mas então a Coisa ali atrás

Começou a espirrar loucamente;

Eu disse: “Basta, meu rapaz!

Você por acaso seria capaz

De fazer silêncio assim de repente?!”

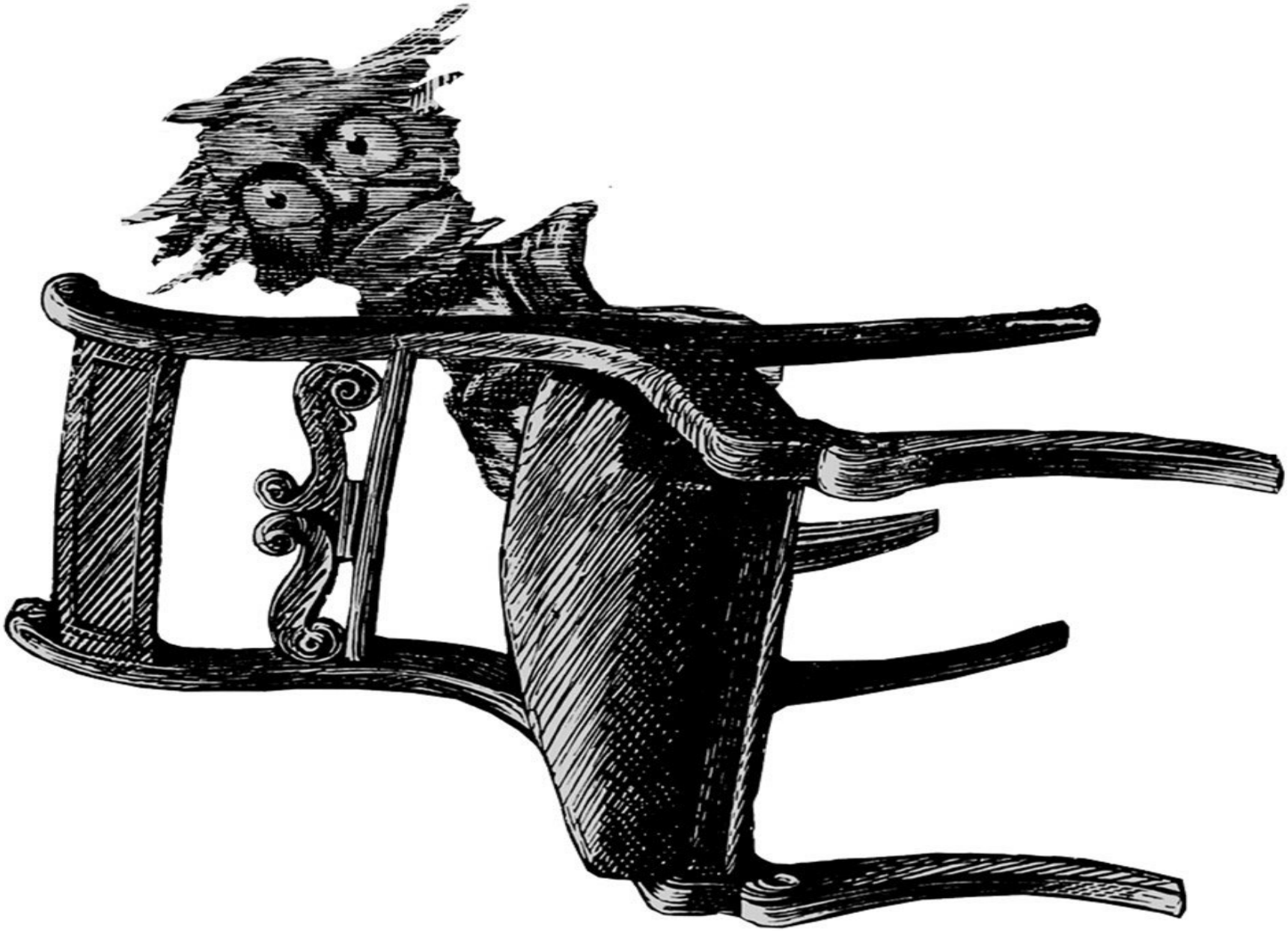
A Coisa disse: “Estou resfriado

Peguei frio no degrau da frente”

Voltei-me a olhar, embasbacado

E bem junto a mim, parado,

Estava um Fantasminha doente.



Ao ver que eu o fitava, estremeceu

E escondeu-se atrás de uma cadeira

“Como chegou aqui?” Não respondeu.

“Que fantasminha mais tímido, meu Deus!

Que quer? Chega dessa tremedeira!”

Ele falou enfim: “Tenha paciência,

Pois vou lhe revelar o como e o porquê

Mas...” (fez uma pequena reverência)

“Você vai achar que é tudo uma demência.

E tenho medo de irritar ainda mais você.

“E se tremo, escondido aqui no fundo,

Permita-me comentar, de antemão,

Que Fantasmas têm todo o direito do mundo

De sentir o mesmo medo profundo

Que Mortais sentem da escuridão.”

“Nada a ver”, eu disse, “É covardia:

Pois Fantasmas surgem ao seu bel-prazer

Já quando o espectro chega numa moradia

O Mortal não consegue recusar sua companhia

E diante disso nada pode fazer.”

Ele disse: “Eu me assustei um pouquinho

Não é coisa assim tão esquisita

Você estava irritado, queria vinho

Mas agora está aí tão calminho

Que contarei as razões da minha visita.

“Todo lar é classificado

De acordo com a soma de assombrações

Que nele pode ser acomodado

(E o inquilino é só um fardo pesado

Como madeira, palha ou carvões).

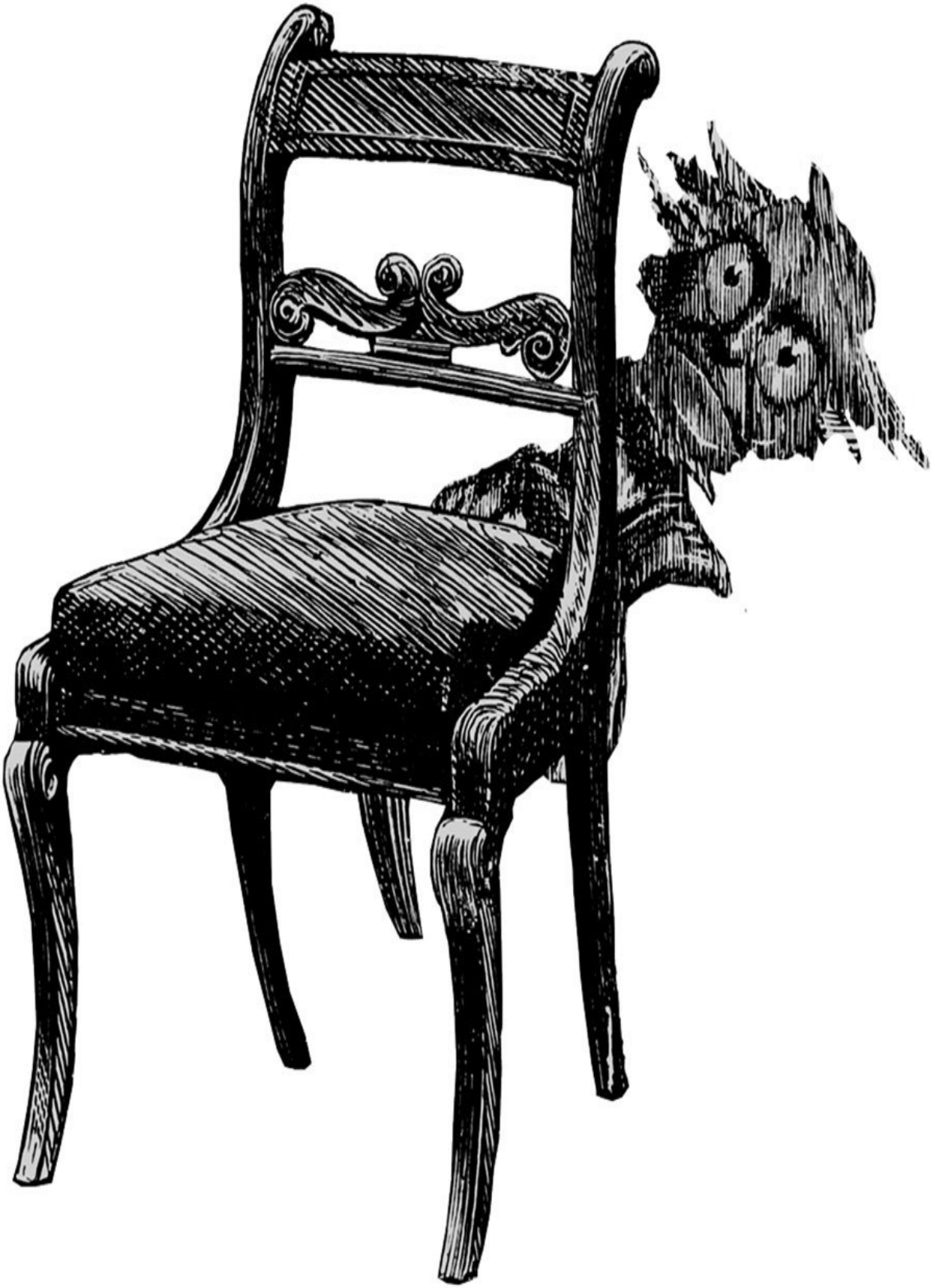
“Esta é uma casa de ‘um-fantasma-só’

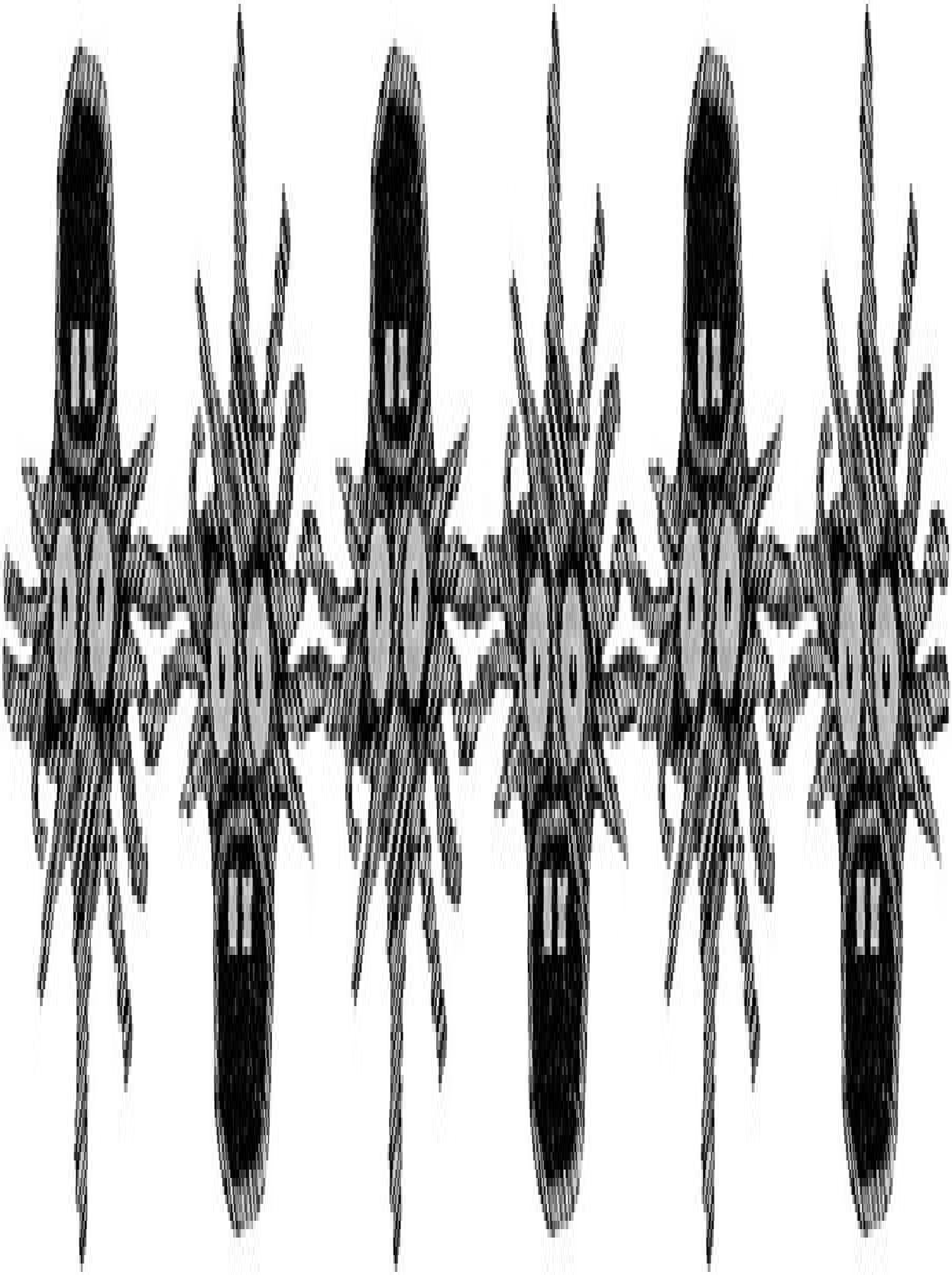
E no último verão, logo na sua chegada,

Você deve ter notado, antes de tirar o paletó,

Que em meio aos móveis cheios de pó

Lhe deu as boas-vindas uma alma penada.





“Esse é o costume em toda casa rural,

Mesmo quando o aluguel é barato.

Claro, há menos diversão paranormal

Quando só cabe um fantasma no local,

Mas é preciso aceitar esse fato.

“O outro espectro foi-se há uma temporada;

E desde então ninguém assombrou a mansão

Como nossa instituição não foi comunicada

Simplesmente não foi feito nada

E você ficou sem assombração.

“Um Espectro é sempre o preferido

No preenchimento de uma vaga

Logo depois vem o Duende, o Elfo, o Cupido,

E, se esses forem preteridos,

Um Gollum saído de uma saga.

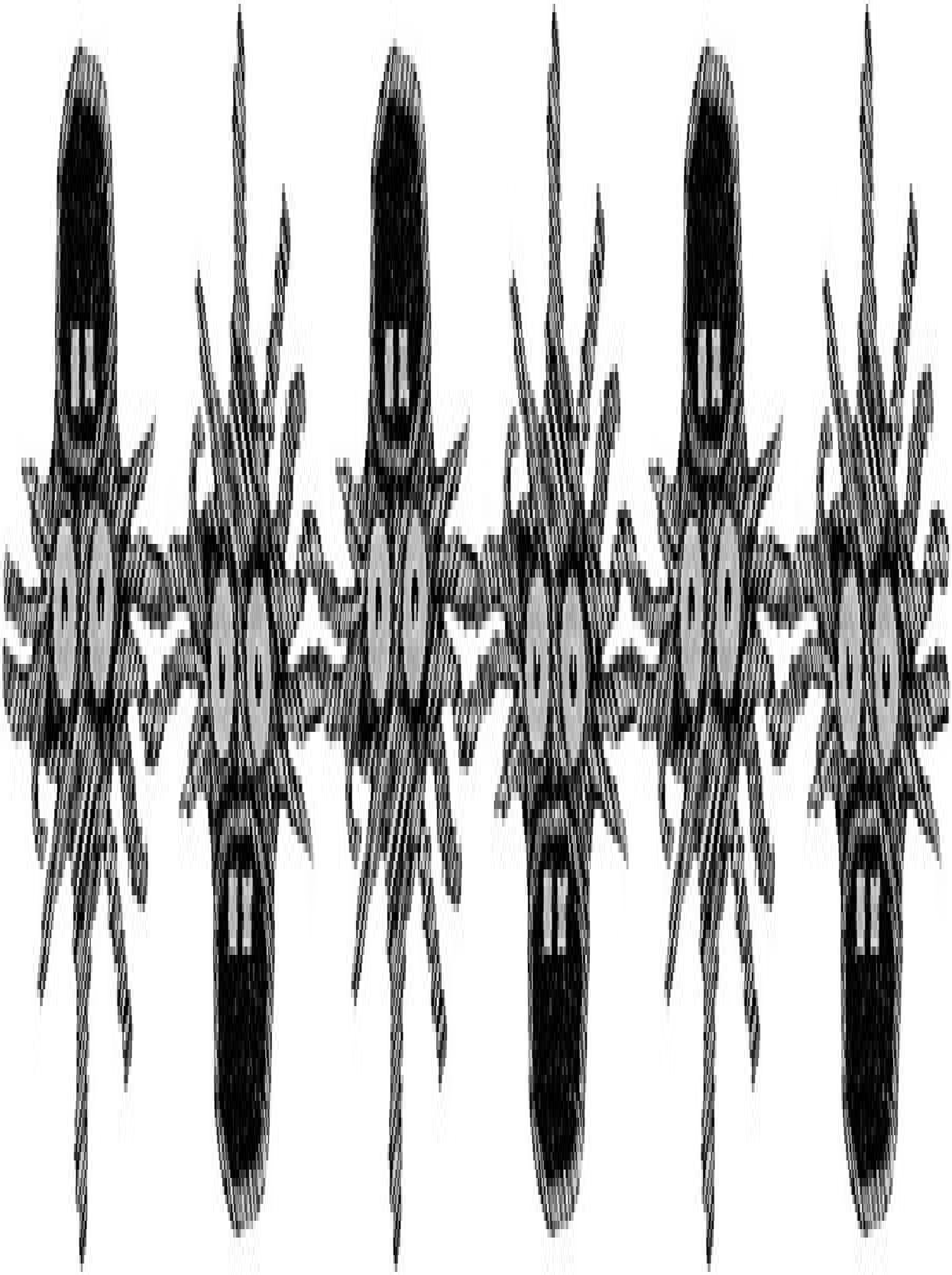
“Os Espectros disseram que sua casa era ruim

E que seu vinho era uma porcaria

Como vê, acabou sobrando pra mim

Fui o fantasma escolhido, no fim,

E não pude recusar tal ‘honraria’.”



“Decerto”, eu disse, “o eleito

Foi o que tinham disponível, viu?

Um pirralho todo sem jeito

Para assombrar um homem feito.

E isso não é um elogio!”

Ele disse: “Não sou tão jovem, senhor;

Embora possa até parecer

Já andei por grutas de rios, no interior,

Por lugares ermos, de muito calor,

Tenho experiência, pode crer.

“Porém, até o atual momento

Não cumpri tarefa domiciliar

E na confusão, como sou desatento,

Esqueci as cinco regras de comportamento

Que é preciso, ponto a ponto, decorar.”

Eu começava a simpatizar com o avoado

Ele tinha até certo encanto e era singelo

Mas parecia de todo apavorado

Por um humano enfim ter encontrado;

Estava trêmulo e amarelo.

“Enfim”, eu disse, “é ótimo ter conhecimento

De que ser fantasma não é maldição

Sente-se, sirva-se a contento

Está com fome, está sedento?

Já jantou? Pois eu ainda não.

“Eu sei que é bem esquisito

Oferecer comida a uma alma

A questão é que estou aflito

Para saber das regras dos Espíritos

Então conte-me agora com calma.”

“Vou lhe contar, tenha certeza.

E pela bondade, sou muito grato.”

Eu perguntei: “O que deseja?”

“Já que oferece” – olhou a mesa –

“Um pedacinho desse pato.

“Só uma fatia! E se não for abuso

Um pouco do molho rosa.”

Olhei-o então meio confuso

Pois nunca vira algo tão difuso

Nem coisa assim tão vaporosa.

E ele ficou mais difuso e embranquecido

Mais vaporoso, sinuoso e sebento –

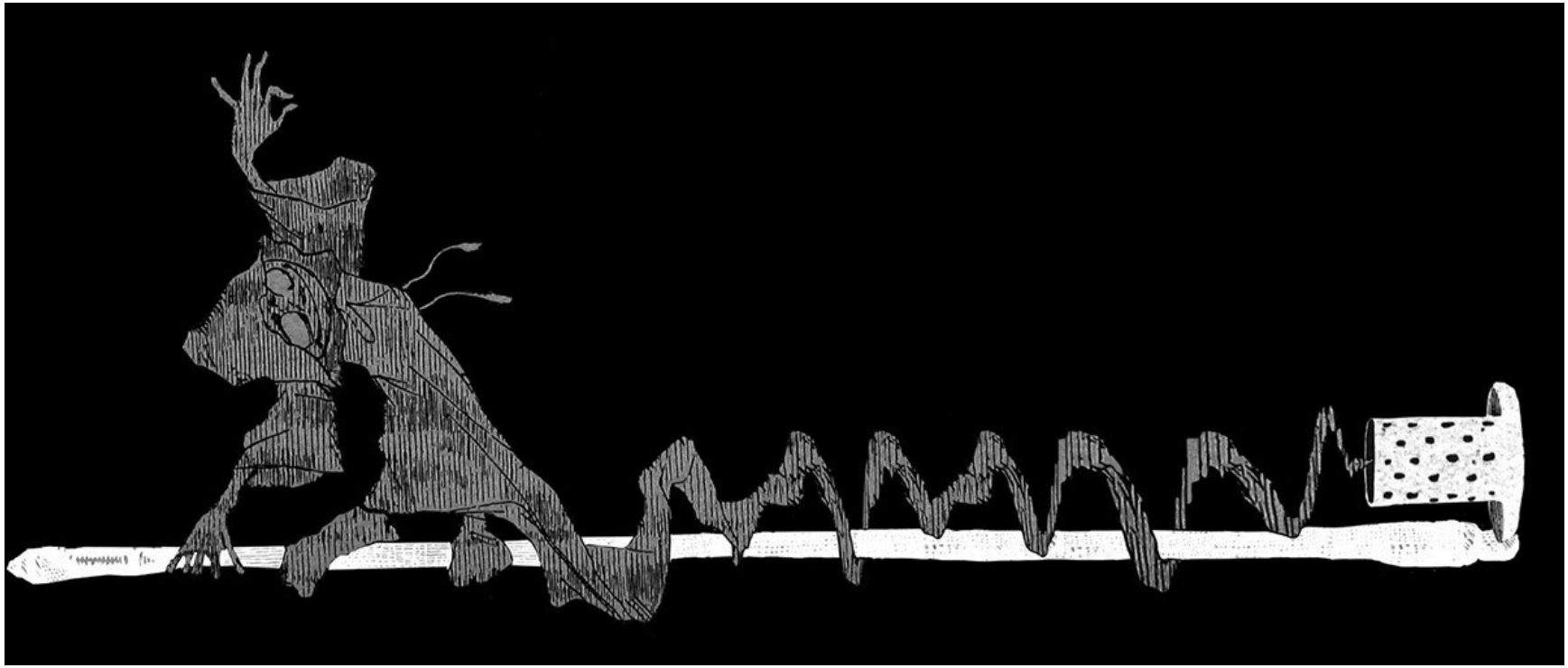
No lume incerto e estremecido

Ao recitar, com um bramido,

As “Máximas do Comportamento”.

{ CANTO II }

AS CINCO REGRAS



“Primeira Regra – e não tema nada

Nem que eu esteja armando um enleio –

Se a vítima estiver deitada

Deixe a cortina intocada,

Pegue as cobertas pelo meio;

“Puxe pra cá, puxe pra lá,

E por fim derrube o cobertor;

E num instante você verá

Que uma cabeça se levantará

Cheia de espanto e furor.

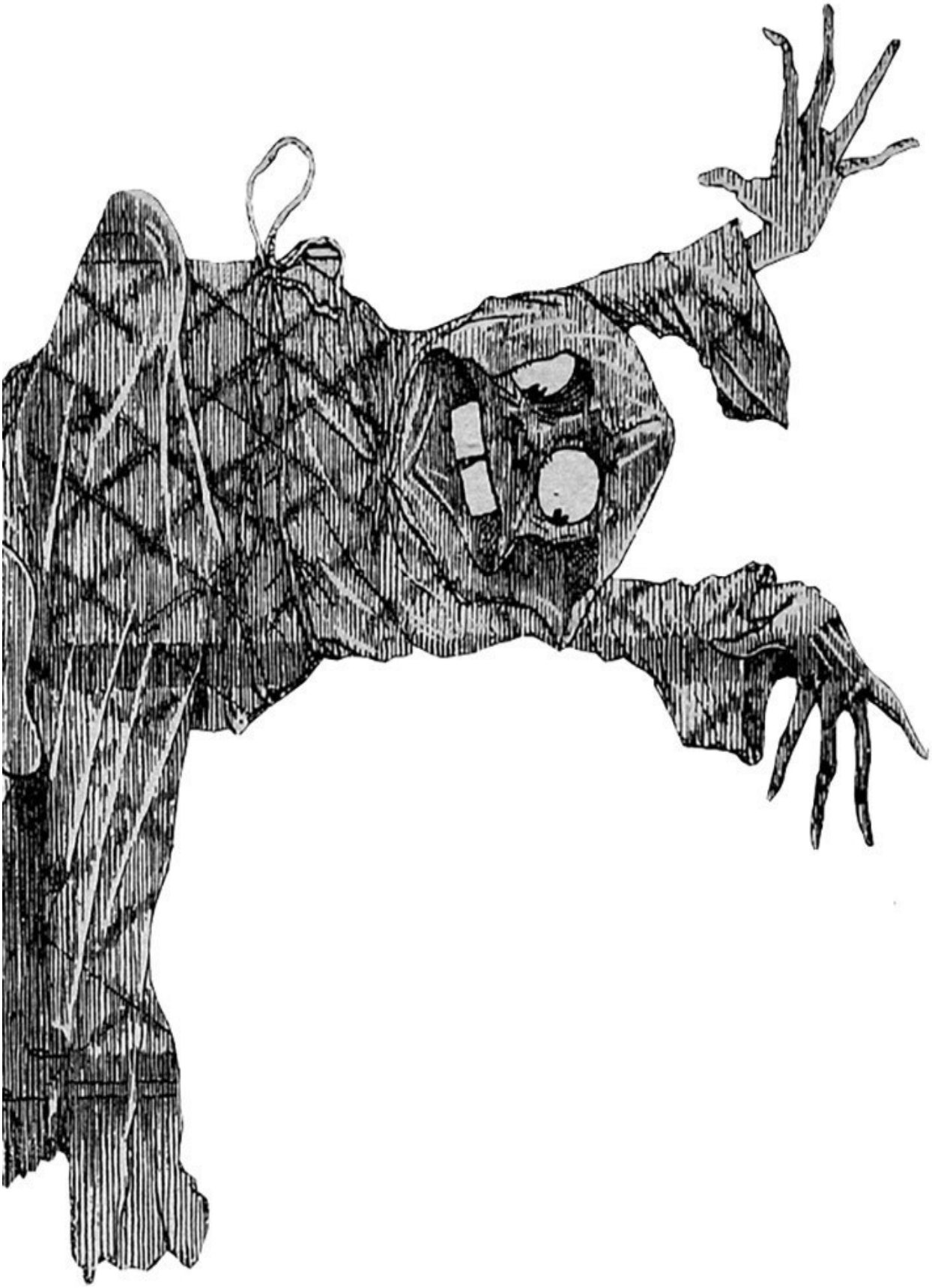
“Não faça nada então – é feio –

Nem a menor observação

A vítima deve falar primeiro

Pois um fantasma verdadeiro

Não inicia uma conversação.



“Se o Mortal disser: ‘Como veio parar aqui?’

(Exatamente como o senhor fez)

Talvez chegue esta resposta aos ouvidos:

‘Vim nas costas de um Morcego, meu querido’,

Afinal, há muito fantasma cortês.

“Mas se o dono da casa ficar calado,

O método deve mudar:

Sacuda a porta, fique alvoroçado.

Caso ele ronque e vire de lado

Nada resta, a não ser lamentar.

“De dia, se ele estiver desacompanhado

Sozinho em casa, ou a passear,

Solte um grunhido esganiçado

Para mostrar o tom ritmado

Com o qual você quer conversar.

“Mas se ele estiver com os amigos

A coisa ficará bem mais tensa

Preste atenção no que eu lhe digo:

Será preciso velas de candelabros antigos

E uma porção de manteiga da despensa.

“Com isso você fará um sebo gosmento

Para deslizar como num trenó

Poderá se balançar nesse unguento

De lá pra cá, de cá pra lá, fora e dentro

Armando um grande quiprocó.

“Agora a Segunda Regra, preste atenção!

Diz respeito a encontros mais formais

‘Acenda um fogo púrpura ou azulão’

(Aliás, esqueci disso nessa ocasião)

‘E então arranhe a porta e os umbrais’.”

Eu respondi: “Vá já para fora,

Nada de fogo no assoalho!

Nem pense nisso a essa hora.

Quanto à porta, comece agora:

Eu lhe desejo um bom trabalho!”

“A Terceira Regra, juro que é verdade

Serve para proteger os Mortais,

Sempre tratá-los com seriedade,

Proteger sua integridade

E não os contradizer jamais.”

“Verdade seja dita!”, eu exclamei

“Lembro que num tempo passado

Alguns fantasmas que encontrei

Não seguiam à risca essa lei

E eram muito mal-educados.”

Disse: “Na certa, a sua desdita

Foi ter rompido as leis da hospitalidade

Todo Fantasma se irrita

Quando um Mortal trata a visita

Sem a devida cordialidade.”

“Se o Mortal, por precipitação,

Chama um fantasma de ‘Coisa ruim’

Ou joga um machado em sua direção

Nosso Rei permite encerrar a conciliação

E o Mortal suspirará: ‘Ai de mim!’.

“A Quarta Regra veta a invasão de local

Onde outro fantasma já esteja instalado.

Espectro que o fizer, vai se dar mal

(E a não ser que o Rei perdoe o tal)

Ele será sumariamente executado.

“A execução é ser cortado em pedacinhos:

Mas Fantasmas têm poder de regeneração

Rapidamente juntam suas partes sozinhos.

Sem dor, num sentimento igualzinho

A cortar palavras numa revisão.

“A Quinta Regra é repleta de louvor

Por isso, vou recitá-la inteira:

— Trate o Rei como ‘Meu senhor’

Claro, todo súdito conhece esse clamor

A lei magna exige essa boa maneira:

“Mas se quiser escancarar de vez

Chame-o de ‘Meu Rei-Duende!’

Com a mais extrema polidez,

E sempre use ‘Vossa Gloriosa Palidez’

Pois dessa forma o Rei entende.

“E agora, de falar eu finalmente paro

Pois já estou quase sem voz, rouco

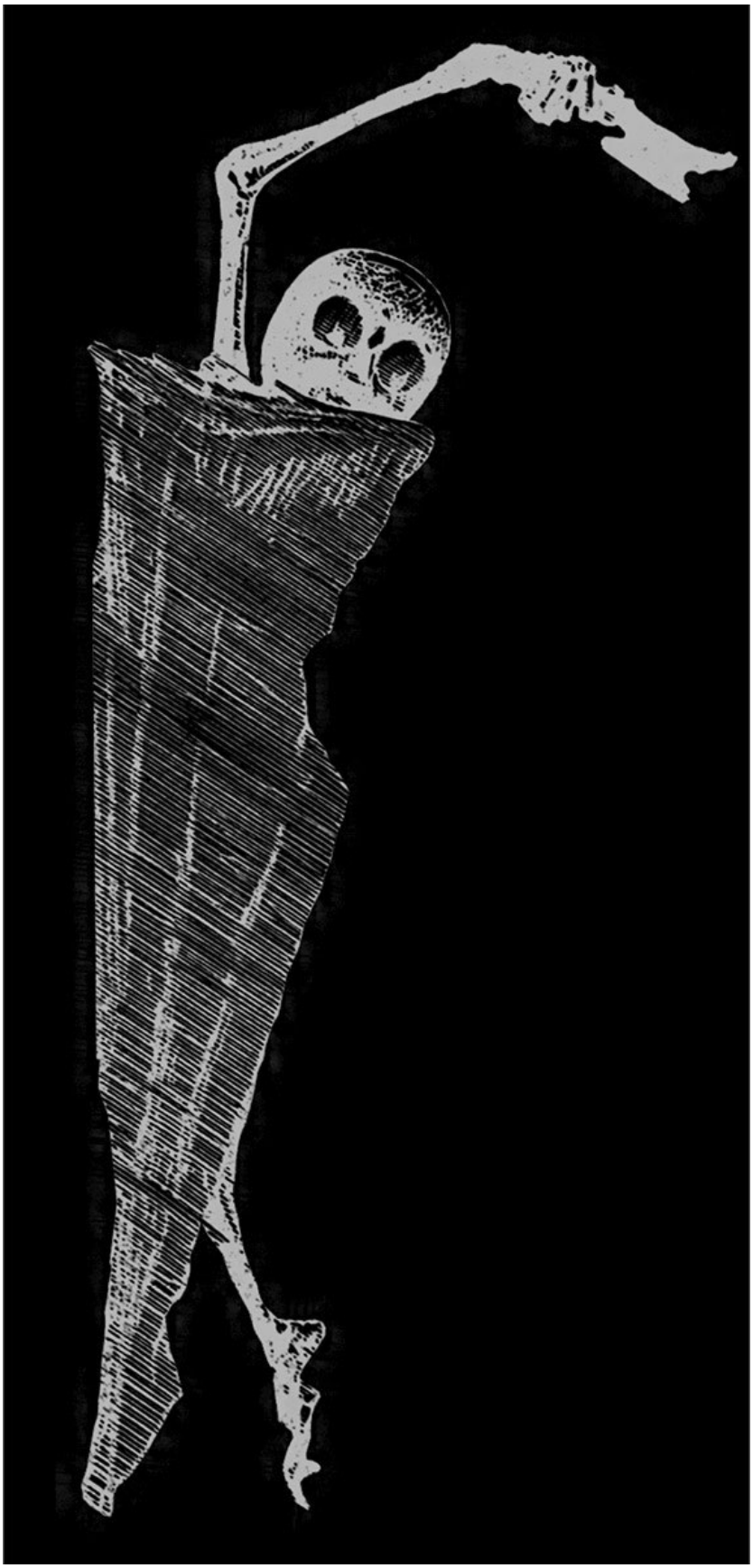
E se não se opõe, meu caro

Dê-me um gole de cerveja do jarro

Que de sede estou quase louco.”

{ CANTO III}

ESCARAMUÇAS



“E você veio caminhando?” Perguntei,

“Sob mau tempo, em meio a agruras?

Eu que achava que voar era lei

Para todos, o Fantasma e seu Rei

Nem que fosse em baixa altura.”

Ele me disse: “O Rei dos Fantasmas

Voa alto, bem alto, acima da cidade.

Mas saiba que são caras, as asas,

E assim como muitas coisas das casas

Custam mais do que valem de verdade.

“Os Espectros são ricos e, assim,

Poderiam comprar asas de Grifos gigantes

Mas como eles são uma companhia ruim

Preferimos uma caminhada sem fim

A negociar com seres tão arrogantes:

“Pois embora afirmem que têm respeito

A verdade é que tratam Fantasmas como ralé,

Sentem por nós o maior despeito;

São como um peru que infla o peito

Ao passar por um simples garnisé.”

“Parecem orgulhosos demais para entrar

Em uma morada mortal como a minha.”

Eu disse. “Como então podem afirmar

Que meu vinho é ruim de tomar

E que minha casa é de ‘segunda linha’?”

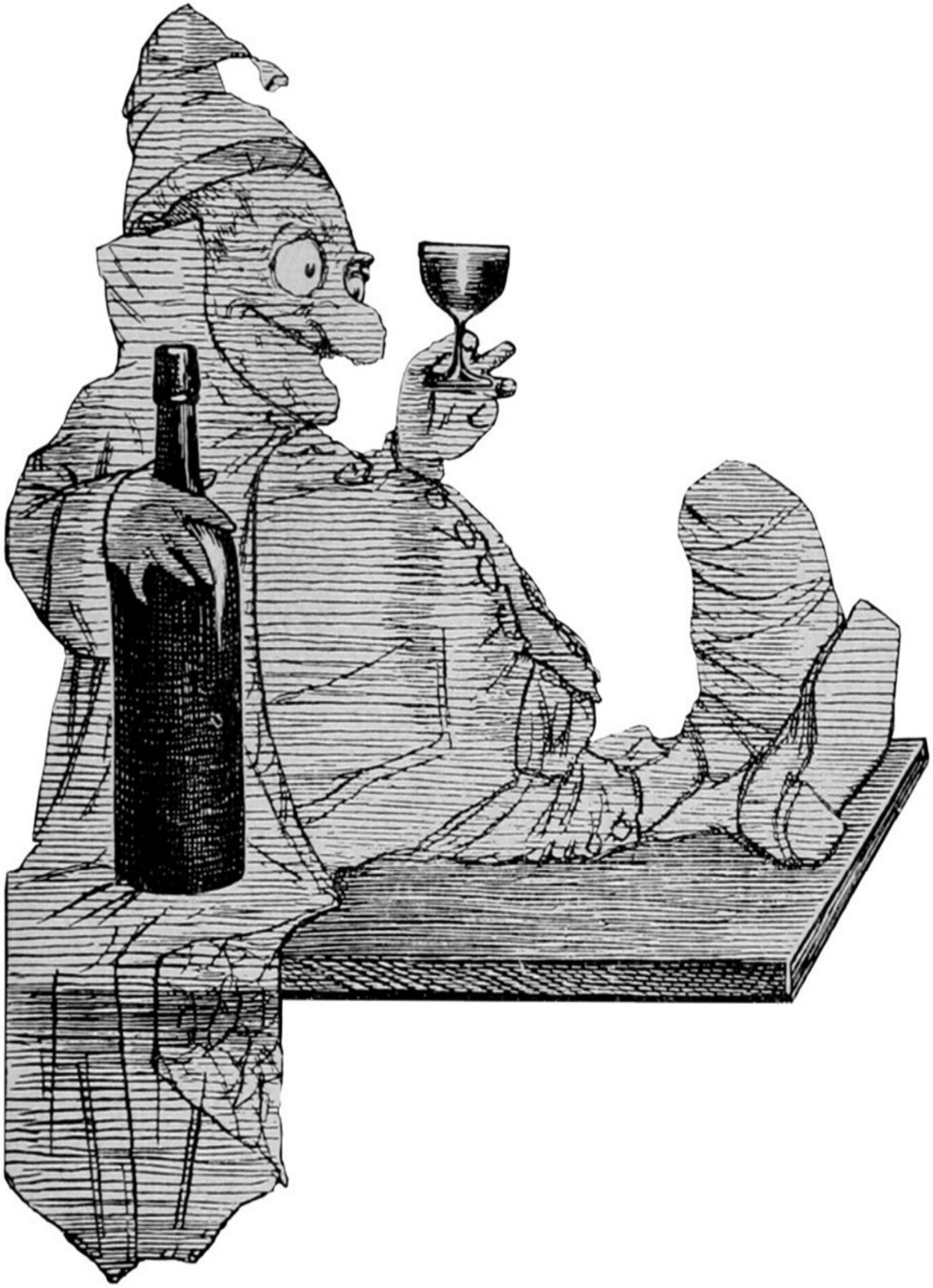
“O Inspetor Barometo veio do além.”

O pequeno Fantasma começou.

Interrompi: “Inspetor quem?

Inspecionar fantasmas? Escutei bem?

Explique, meu rapaz, o que falou.”



“Inspetor Barometo!” Falou o hóspede pra mim.

“Ele é da grande ordem espectral;

Usa bata amarela e um manto carmim

E também um gorro com borda de cetim

Essa é sua roupa de passeio habitual.

“Ele assombrava um monte nevado

E lá se resfriou barbaramente;

Veio à Inglaterra para ser curado

Virou um espírito assedilhado

E agora bebe incessantemente.

“Vinho do Porto, diz ele, é encorpado,

Aquece a ossada de uma velha vida

E sendo o bar o seu lugar mais amado

De Bar-o-meto passou a ser chamado

Pois vive metido em meio à bebida.”

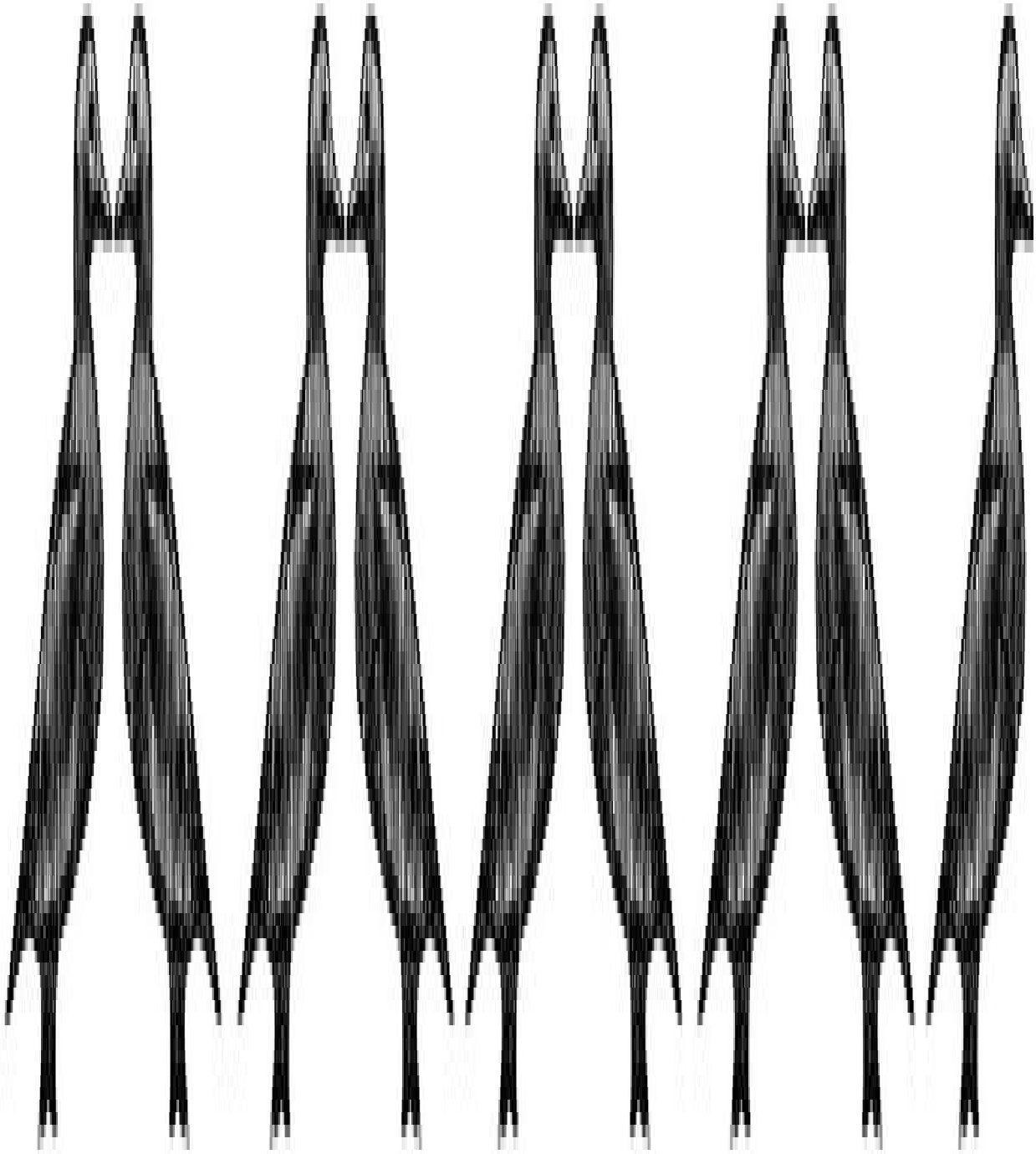
Eu aguentei firme, com louvor

O trocadilho infame e agonizante!

Estava doce o meu humor

Mas então o Fantasma, sem pudor

Ao cardápio fez críticas picantes:



“A parcimônia, admito, tem valor,

Mas sugiro que ensine seu cozinheiro:

Os pratos devem ter algum sabor.

E diga-me por que – por favor –

Esconderam de mim o galheteiro?”

“O seu garçom é péssimo, indolente!

Devia procurar outra carreira!

E este lampião tão fraco e displicente?

Devia pedir auxílio ao gerente

Porém não vou chamá-lo, por tal besteira.

“O pato estava bom, até macio,

Mas essa ervilha está muito passada;

E sem querer ferir seu brio,

Cuidado para o queijo não vir frio

Quando trouxer minha torrada.

“Talvez consiga um pão mais saboroso

Se procurar farinha de primeira;

E o vinho pode ser menos rançoso,

Pois está um caldo horrível e amargoso

Parece até uma tinta grosseira.”

E então curiosamente olhando a sala

Disse: “Mas que situação chocante!”

E prosseguiu então a criticá-la:

“Tão inapropriada quanto uma vala

Não é espaçosa e nem aconchegante.

“E essa janela estreita? Serve pra deixar

O crepúsculo entrar, de modo drástico?”

E eu disse: “Veja bem, vamos lembrar,

O arquiteto que fez esse lugar

É seguidor de Ruskin, o romântico!”

“Não quero saber quem projetou a morada

Tampouco a sua fé de militante!

Seja qual for a regra observada,

Jamais vi coisa mais mal ajambrada,

Ou não sou uma Aparição falante!

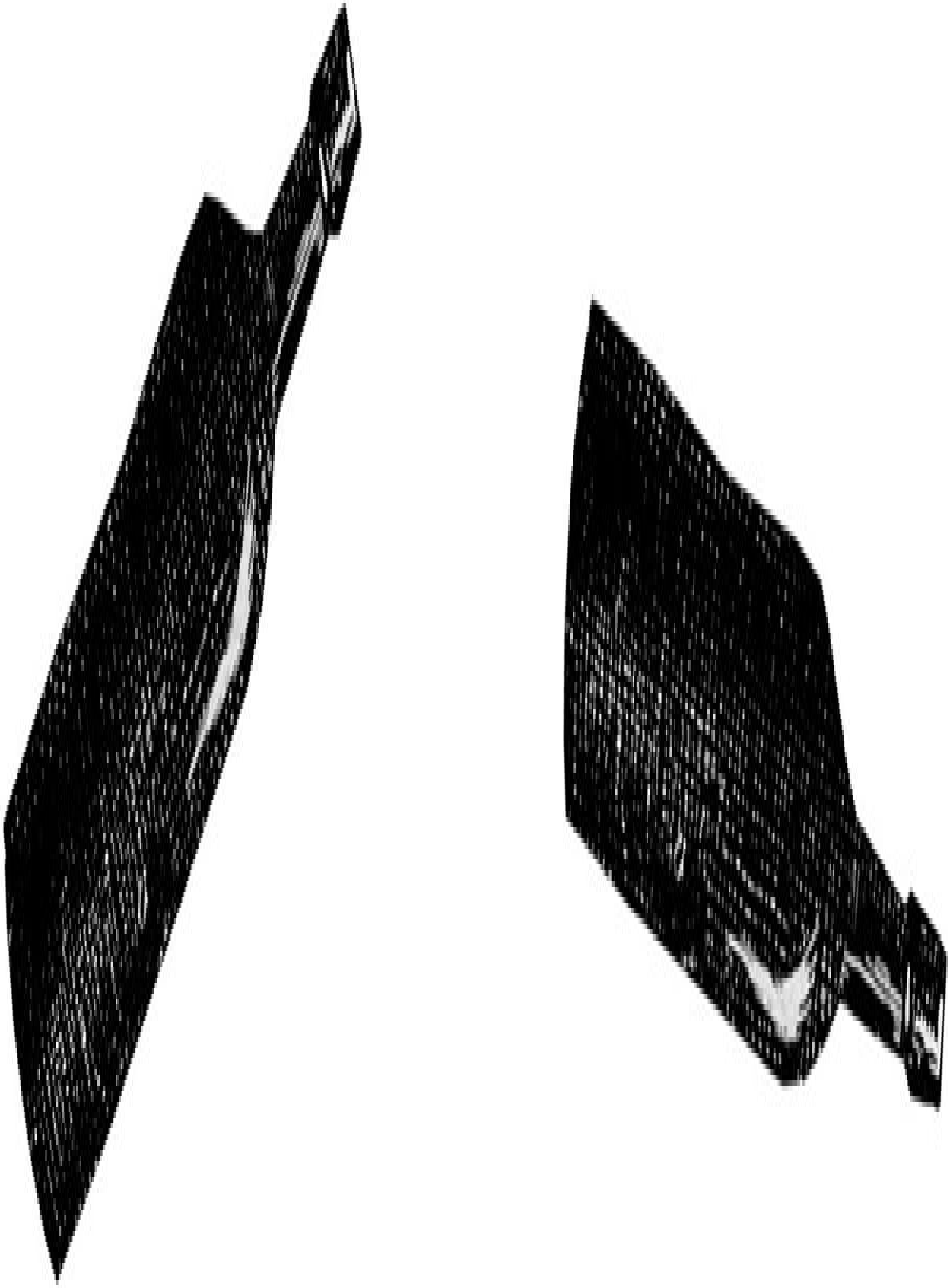
“Este charuto me deixou maravilhado

Quanto custa uma dúzia desse mimo?”

“Não interessa!” Eu rosnei irritado

“Você está sendo muito abusado

Fala como se fosse meu primo!



“Eu não tolero mau comportamento,

Gente descarada é uma tristeza.”

“Aha!” ele disse, “Que temperamento!

“Mas tudo bem, eu já dou um jeito”

E agarrou uma garrafa da mesa.

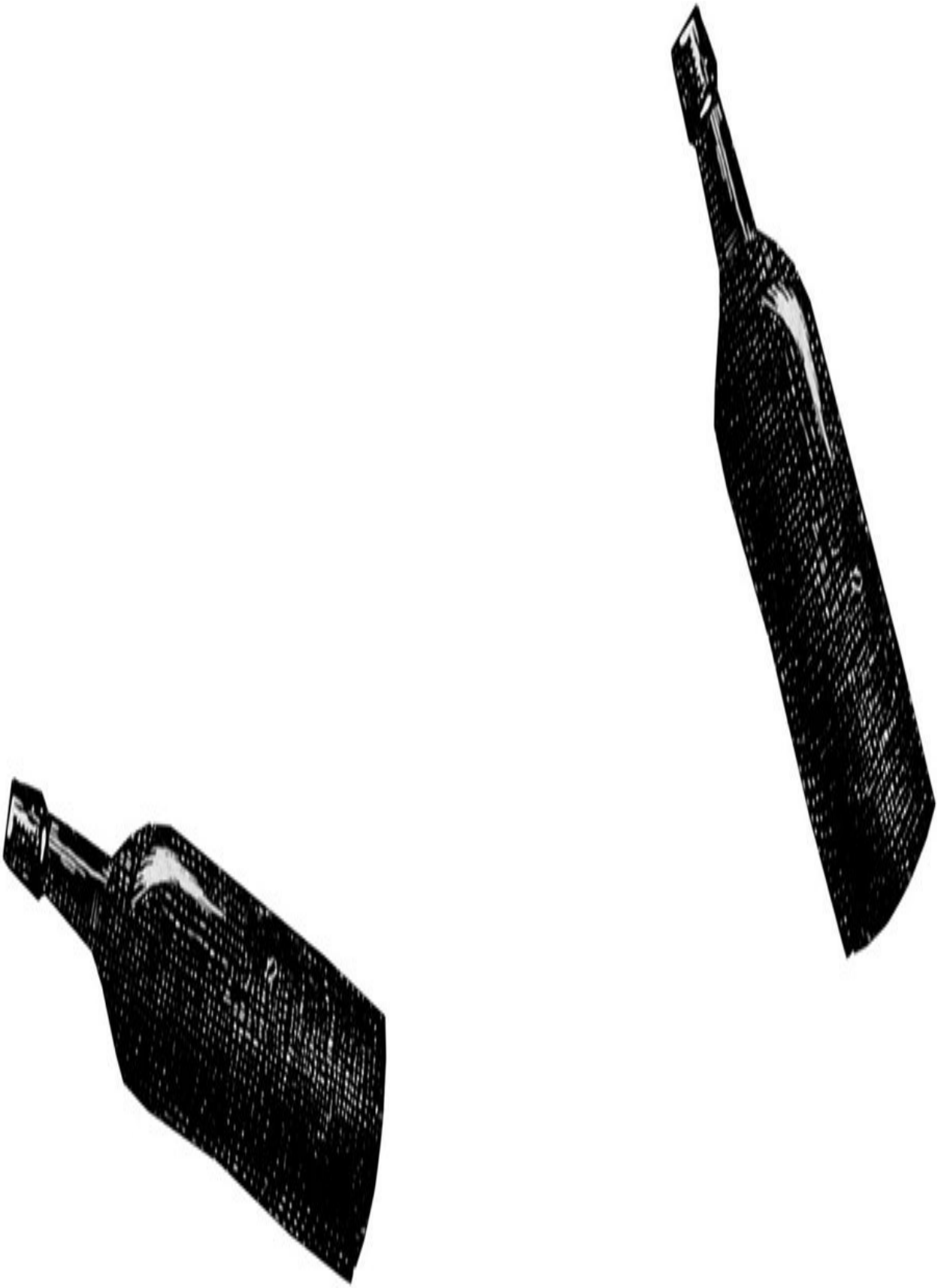
Então mirou em mim, detidamente

Atirou o objeto e, foi por um triz;

Tudo aconteceu tão de repente:

A garrafa voou na minha frente

E quase acertou o meu nariz.



E, depois disso, não recordo nada.

No chão, sentado, olhando os próprios pés,

Com a cabeça toda bagunçada –

“Dois mais cinco são três”, eu balbuciava,

“E nove mais noventa é igual a dez.”

O que ocorreu? Não descobri,

Tampouco posso adivinhar:

Mas acordei no chão e vi

O fogo já a se extinguir

E o lampião a se apagar.

Em meio às névoas, senti que eu via

Uma Coisa a sorrir com confiança;

Percebi que essa Coisa discorria

E me dava lições de Biografia

Como se eu fosse uma criança.

{ CANTO IV }

SUA CRIAÇÃO

“Ah, que tempos alegres, quando eu era

Um frágil Fantasminha moço

E sentávamos nos bancos, à espera

De torradas com manteiga, quem me dera!

Servidas no chá depois do almoço!”

“Eu recordo essa história!”, respondi

“É um conto que já foi publicado;

Em um livro bem famoso, eu já li.”

Dizendo isso, acho que o confundi

Pois o Fantasma falou: “Está enganado.”

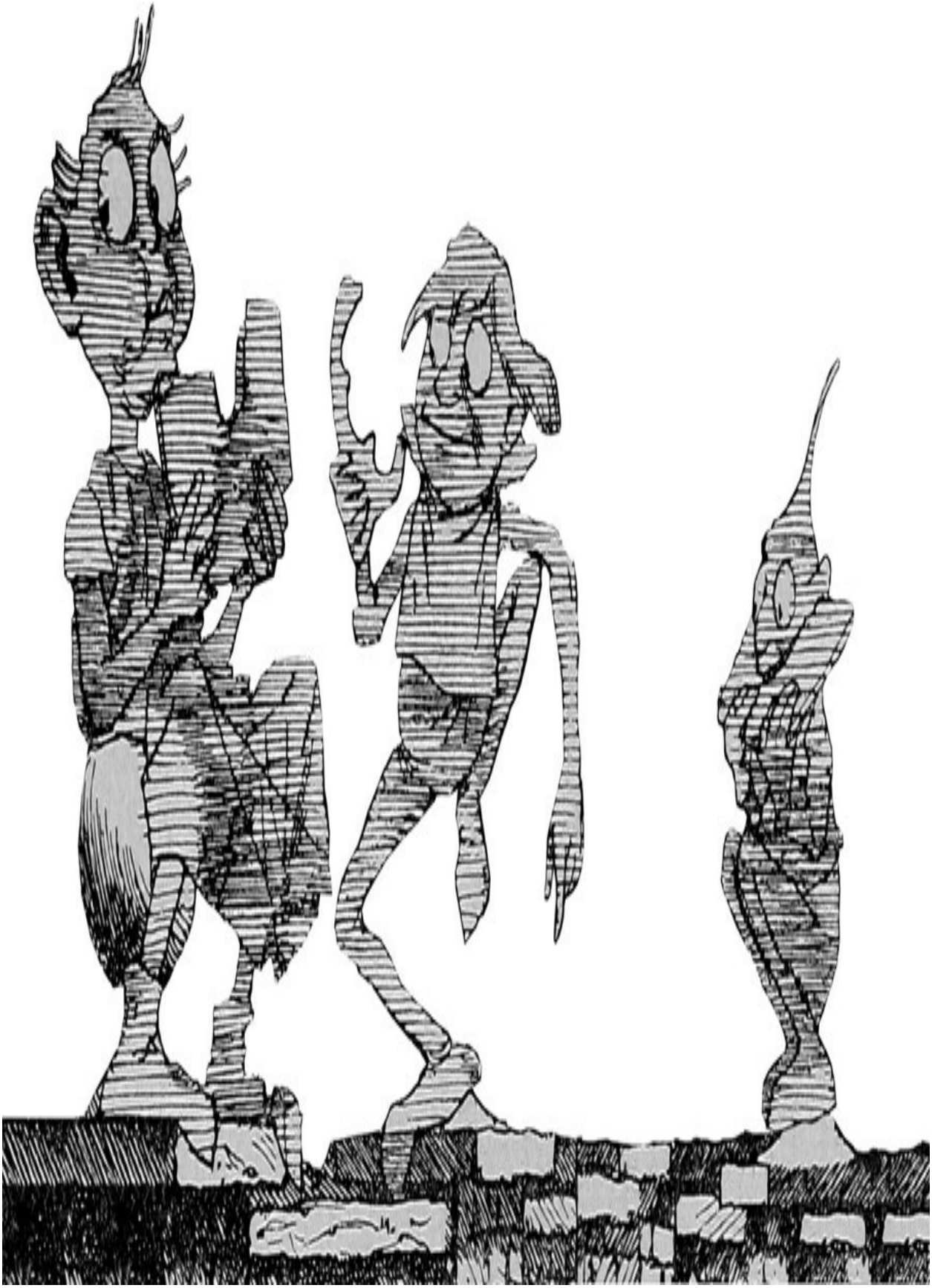
“Não foi em Fábulas Encantadas?

Acho que sim, tenho essa lembrança:

Três Fantasminhas na beira da estrada

Besuntavam manteiga na torrada

Na hora do chá, pra encher a pança.



“Eu tenho o livro aqui... vamos olhar...”

E até a estante me dirigi então.

“Não se mexa!”, ouvi o Fantasma gritar.

“Não é preciso. Vamos continuar;

Porque este poema é minha criação.”

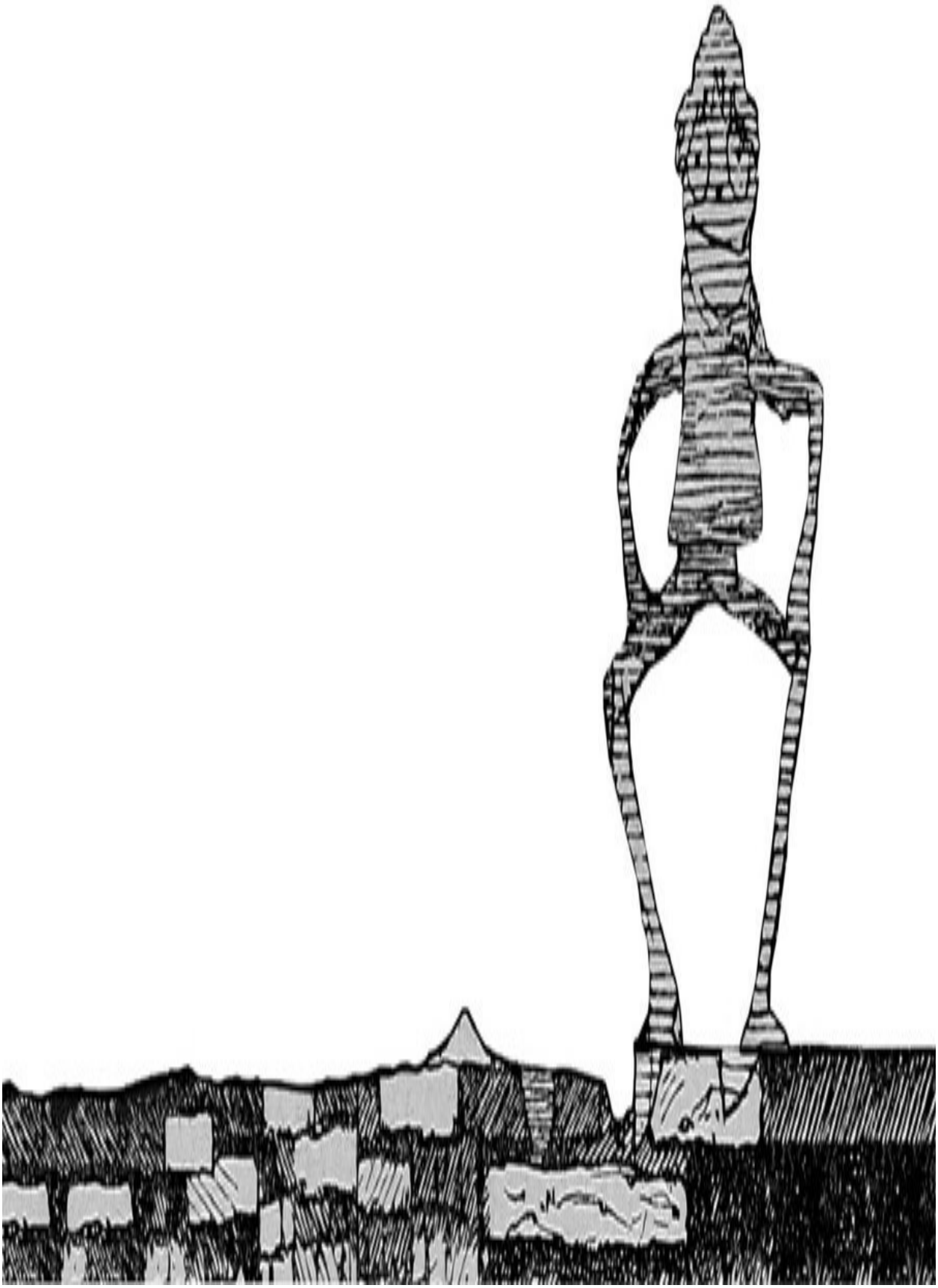
“Saiu numa Publicação Mensal,

Foi o que disse o meu agente,

Um figurão do mundo cultural,

Que achou meu poema bem legal

E o pôs em sua revista, gentilmente.”



“O meu pai era um Duende-da-Fazenda,

E a minha cara mãe era uma Fada

Ela teve uma ideia estupenda:

Nossa vida viraria lenda

Se tivéssemos formas variadas.

“Essa ideia a botou em polvorosa;

E ela logo iniciou a sua missão:

Uma irmã virou Fada-Nebulosa,

Duas, Fadas-Funéreas, tenebrosas,

E Duende-Cogumelo, um dos irmãos.

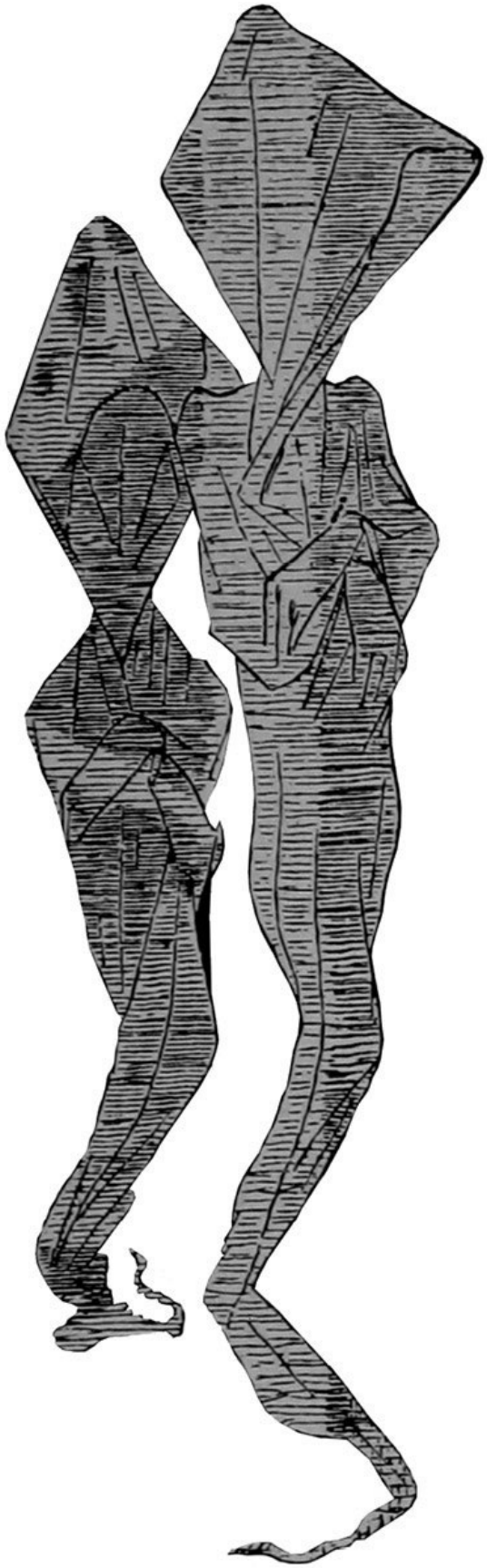
“Também havia um Silfo e um Potro-pitoresco

Que na escola só trouxe problema;

Um Poltergeist, um Trasgo-Vampiresco

Um Duplo*, e um Gobelim bem grotesco

Depois dois Trolls (quebrando o nosso lema);



“(Se isso é uma caixa de tabaco,”

Ele falou soltando um bocejo colossal

“Quero pitar, me dê-me um naco) –

Então veio um Elfo meio fraco,

Um Fantasma (era eu) e um Leprecau.

“Uns Espectros vieram visitar,

De branco, todos, como era usual;

Do corredor, fiquei a espiar,

Porém, não conseguia divisar

As formas desse bando surreal.

“Perguntei-me quem era aquela gente,

Tão cabeçuda, e o corpo tão comprido.

Mamãe me beliscou: é impertinente

Ficar olhando assim fixamente;

Que feio, um fantasminha intrometido!”

“Desde então desejei ser um Espectro;

Mas tal desejo é vão, tenho certeza.”

(Suspirou com o rosto circunspecto.)

“Eles são os fantasmas-da-nobreza:

Nos olham com desprezo e sem afeto.

“A vida-fantasmal eu comecei

Com seis anos ainda incompletos;

Com meu irmão mais velho eu aprontei

Tanta coisa! Nem tudo eu contarei,

Mas aprendi uns truques muito espertos.

“Assombrei calabouços e cemitérios,

Torres, mansões, conforme era enviado.

Passei horas só, a berrar impropérios

No teto, sofrendo com as intempéries,

Em algum antigo castelo cercado.

“Mas, hoje, ao iniciar uma conversa,

Soltar gemido é coisa ultrapassada.

A nossa nova moda agora é essa...”

Senti um suor frio na minha testa

Ao ouvi-lo guinchar com voz rasgada.

“Talvez o senhor ache”, ele falou,

“Que é fácil produzir um som assim?

Então tente o senhor!” E acrescentou:

“Um ano mais ou menos me custou

Treinando dia não, e dia sim.

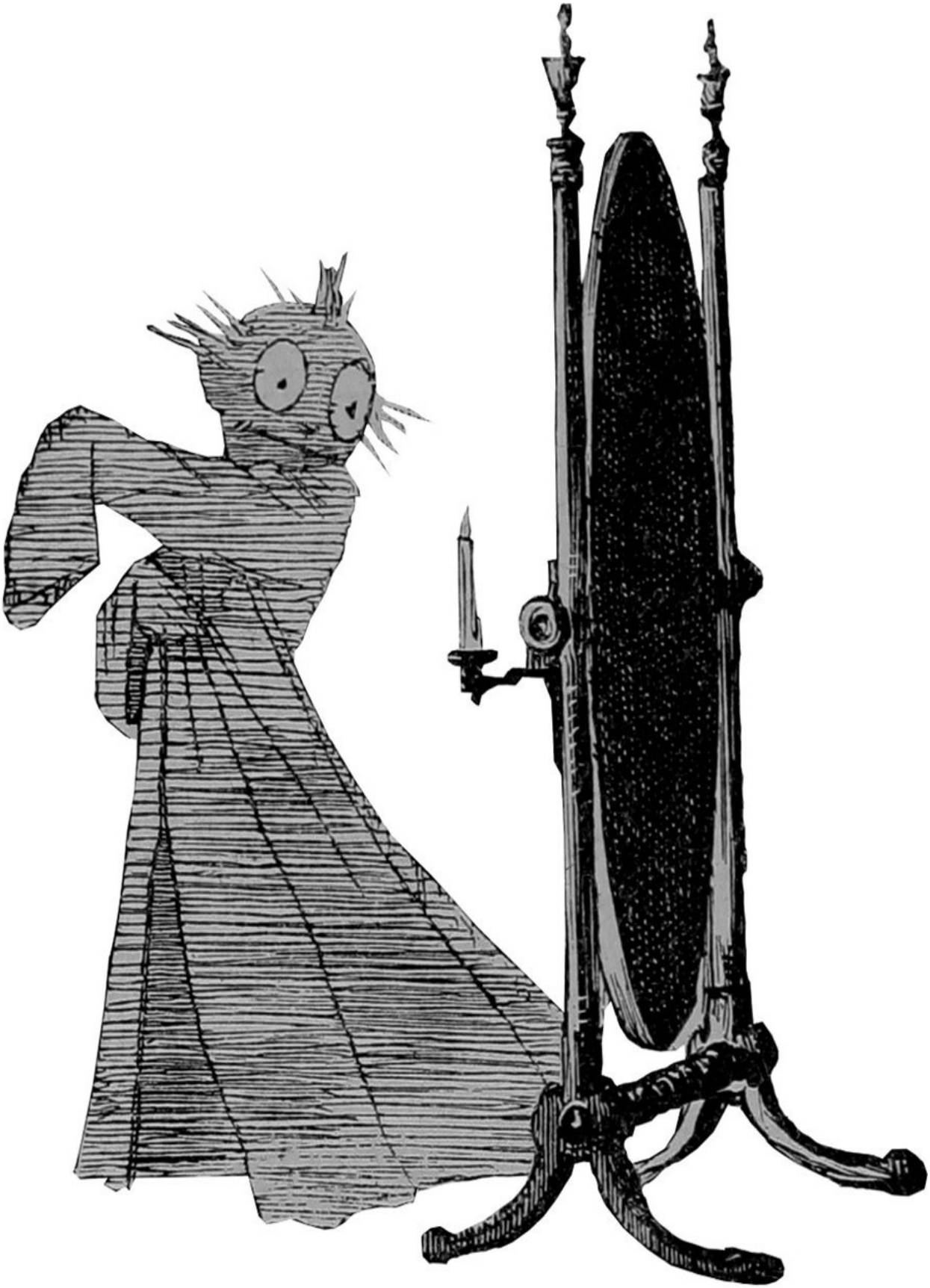
“E depois que aprendemos a guinchar

Com o soluço duplo especial,

Ao início teremos que voltar:

Vamos lá, tente agora vociferar;

Verás que é um desafio sem igual!



“Eu já tentei, e posso garantir,

Não é pra qualquer um. É necessário

Treinar o tempo inteiro, sem dormir,

Repetir, repetir e repetir,

Ou ter algum talento extraordinário.

“Shakespeare, se não me engano

Fala dos Fantasmas da antiguidade

Que vagavam pelo Império Romano

Vestindo, eu lembro, somente um pano

Murmurando de frio pela cidade.

“Muitas vezes, mais de cem libras gastei

Para me vestir de Duplo, a aparição;

Recebi elogios feito um rei,

Cumprimentos vazios, eu sei

Que não valem nenhum dinheirão.

“Vendo as contas, perdi a ilusão

De querer ser um dândi o tempo inteiro.

Pois gastamos fortunas de roldão

Pra preparar nossa assombração

É preciso ser feito de dinheiro!

“Uma Torre Assombrada, por exemplo,

Com caveira, lençol, ossos cruzados;

Luzes azuis, que ardam por um tempo,

Uma a duas horas; mais lentes de aumento,

E correntes com elos reforçados.

“E as coisas que é preciso contratar!

Vestir o figurino complicado!

O fogo colorido experimentar!

Tudo isso até haveria de deixar

O próprio Jó exausto e irritado!

“E o Comitê das Casas Assombradas

É cheio de firulas e vaidades!

Fazem escândalo, se a alma penada

For da Rússia ou França; e que zoada

Se o sujeito for do Centro da cidade.

“E é preciso estar atento ao vocabulário:

As gírias irlandesas? Não e não.

E depois que se faz o necessário,

Uma libra por mês é o salário

E você vira então Bicho Papão!

** Duplo, no original Double, tem origem no folclore alemão e se refere a uma aparição de um ser que ainda está vivo. Ou seja: não é um fantasma, mas um duplo espiritual, uma réplica exata e invisível de uma pessoa ou de um animal, que existe em outro plano.*

{ CANTO V }

EMBATE

“E as vítimas jamais são consultadas?”

Perguntei. “Cortesia pressupõe

Que as preferências sejam respeitadas.

Pessoas têm opiniões variadas

Especialmente sobre Aparições.”

Balançando a cabeça, ele sorriu.

“Consultá-las? Jamais! Isso é besteira.

Até porque onde é que já se viu

Contentar cada ímpeto infantil?

Não teria mais fim a trabalheira.”

“É claro, não podemos permitir

Tudo o que a criançada nos impõe”

Eu disse. “Mas havemos de convir

Que um homem como eu há de exigir

O direito de emitir opiniões.”

Respondeu: “Não funciona desse jeito.

Visitamos a casa por um dia;

Talvez a gente fique por um tempo;

Ou talvez vá embora num momento.

Pessoas têm estranhas fantasias!

“Não consultamos nunca o ‘Hospedeiro’

Antes que a casa seja visitada

Mas se o Fantasma é lento ou encrenqueiro,

Ou se for do tipo grosseiro,

A assombração pode ser trocada.

“Mas se o anfitrião for como você –

Um homem assim tão sensato;

E se a morada já estiver demodê…”

Foi então que eu disse: “O quê?

Só velharias convêm a seus atos?”

“Casas novas nos dão muito trabalho –

Pois precisam ser azeitadas antes;

Vinte anos é o tempo que o assoalho

Leva para ficar todo em frangalhos.

Antes disso, é muito estressante.”

“Azeitar a casa”? Eu, cheio de estranheza,

Fiquei a repetir essa expressão.

“Amigo”, eu disse, “tenha a gentileza

De explicar o sentido com clareza

E, se puder, com toda exatidão.”

“Significa afrouxar as dobradiças”,

Disse o Fantasma, rindo, entusiasmado.

“Abrir furos nas tábuas, nas treliças,

Para a casa ficar menos maciça

E o vento correr ali bem encanado.

“Às vezes basta abrir um ou dois furos;

É o bastante pro vento assoviar

Pelas peças, no claro e no escuro;

Mas aqui”, ele disse, e eu tive engulhos

“Teremos muita coisa pra furar!”

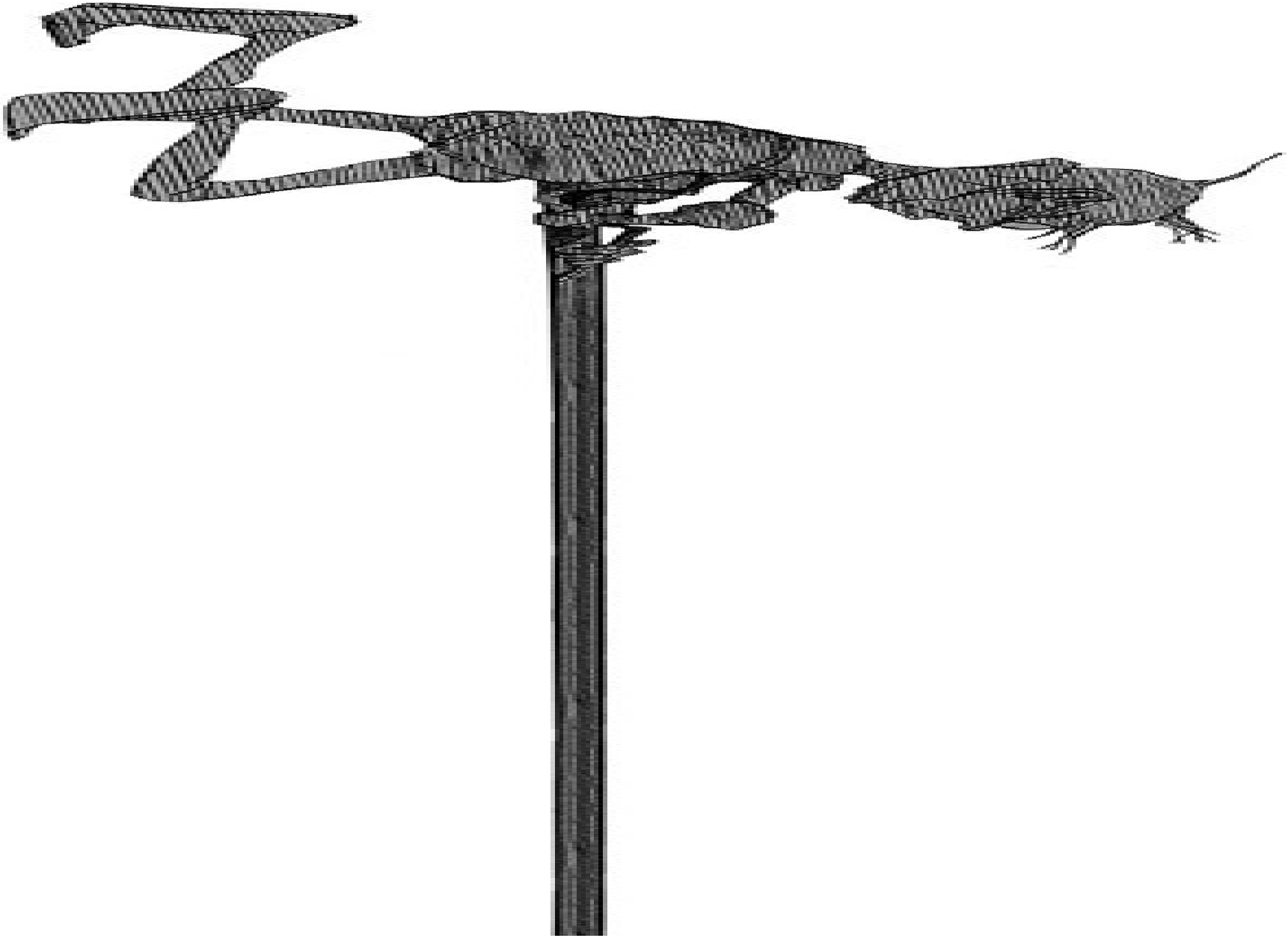
Eu disse: “E se tivesse me atrasado?”

E então tentei sorrir (mas foi em vão)

“Todo esse tempo você teria passado

Deixando o recinto mais azeitado

Soltando portas e furando o chão?”



“De forma alguma”, disse. “Na verdade

Eu teria esperado mais um pouco...

Um Fantasma que tenha dignidade

Não age e muito menos invade

A menos que ele esteja meio louco.

“Como estava atrasado, o mais decente

Teria sido logo eu ir embora;

Mas com estradas ruins e inclementes,

Recebi permissão do Intendente

Para ficar aqui mais meia hora.”

Perguntei: “Quem é esse Intendente?”

Em vez de responder a tal questão

Disse: “Não sabe? Então de repente

É possível que na cama você nunca se deite

Ou que tenha excelente digestão!

“Se um Mortal exagera no jantar,

À noite ele vai sentar-se no seu peito

Seus deveres são beliscar e cutucar,

Ou apertar até quase sufocar.”

(E eu logo murmurei: “Ora, bem-feito!”).

“E quem janta comida tão pesada,

Torresmo, ovo, pato e parmesão.

Queijos variados e lagosta assada

Ou ainda leitão ou rabanada

Há de sentir no ventre sua pressão.

“E ele é imensamente gordo,

O que é adequado à profissão:

Anos atrás – lembro – nós todos

Demos a ele um apelido bobo:

O Chefe da Corporação!

“No dia em que a população o elegeu

Todo Fantasma e Assombração

Queria votar em mim, mas não se atreveu –

Pois berros horrendos ele deu

Cheios de desespero e comoção.

“Ele foi correndo ao Rei contar sua proeza

Assim que a eleição foi decidida

Mas sendo o oposto da magreza

Não foi nenhuma moleza

Terminar aquela corrida.

“Então, para recompensá-lo pela maratona

(Estava o dia mais quente do ano

E ele pesava mais do que vinte pedronas)

O Rei, com o riso vindo à tona,

Sagrou-o Cavaleiro Provinciano.”

“Mas vejam só, quanta ousadia.”

(Falei em voz veloz, fagueira)

“Um trocadilho ele queria:

Mas homem que trocadilha – Johnson dizia –

Também sabe bater carteiras.”*

“Homem”, ele disse, “Rei não é”.

Eu até tentei argumentar

Usando toda a minha fé,

Mas o Fantasma ali de pé

Sorria a me desdenhar.

Por fim, perdendo a paciência,

Soltei profunda baforada.

“Seu argumento tem prudência,

Mas chamar isso de evidência

É certamente uma piada.”

A risada que ele deu

Despertou minha fúria animal

“Desafio o mais cético ateu

A contrariar a voz de Deus:

Homem e rei são tal e qual!”

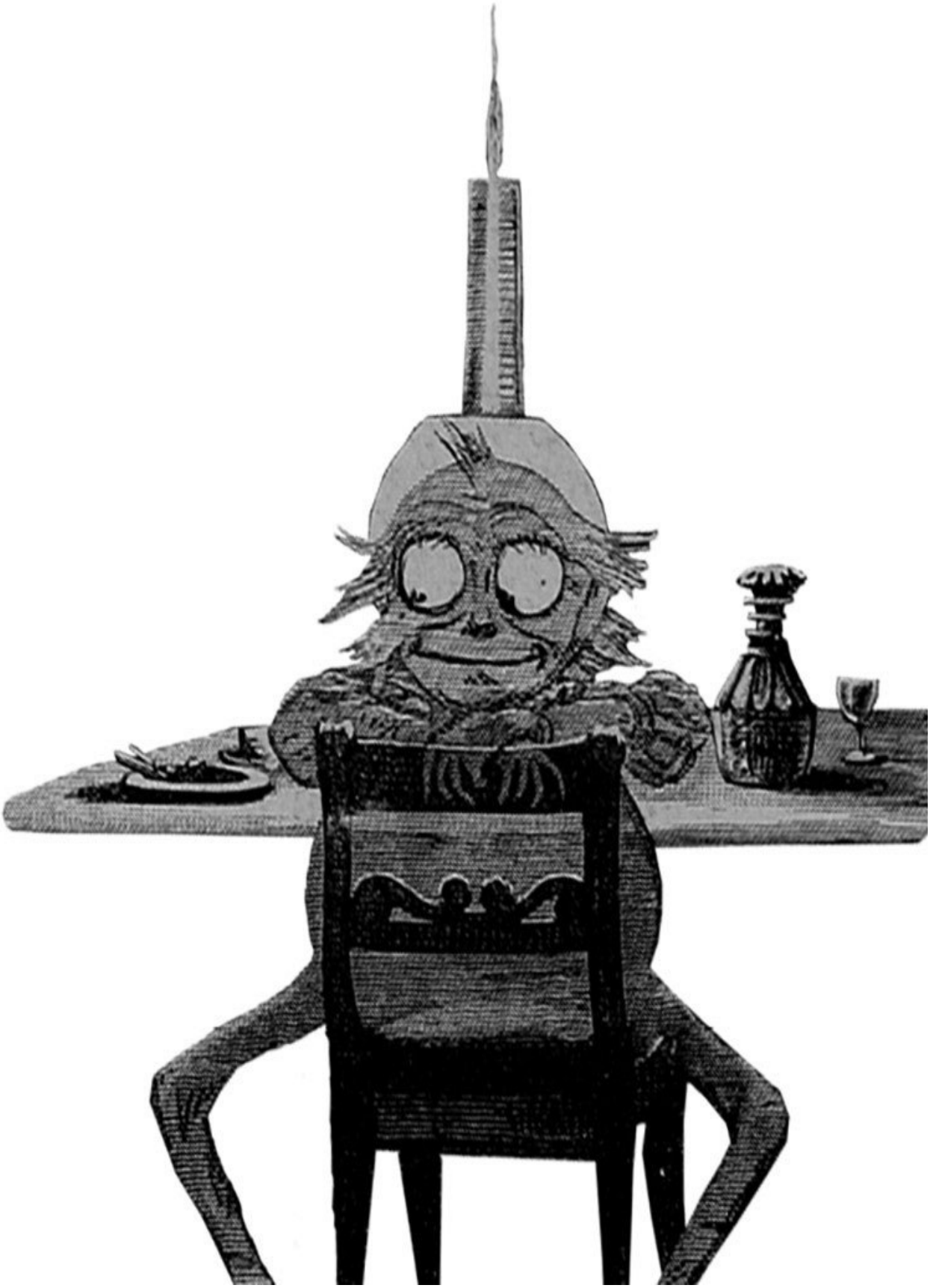
“Concordo, e não me leve a mal”,

Respondeu com sua voz rouca.

“A voz do povo é a voz divinal,

Mas outro ponto capital:

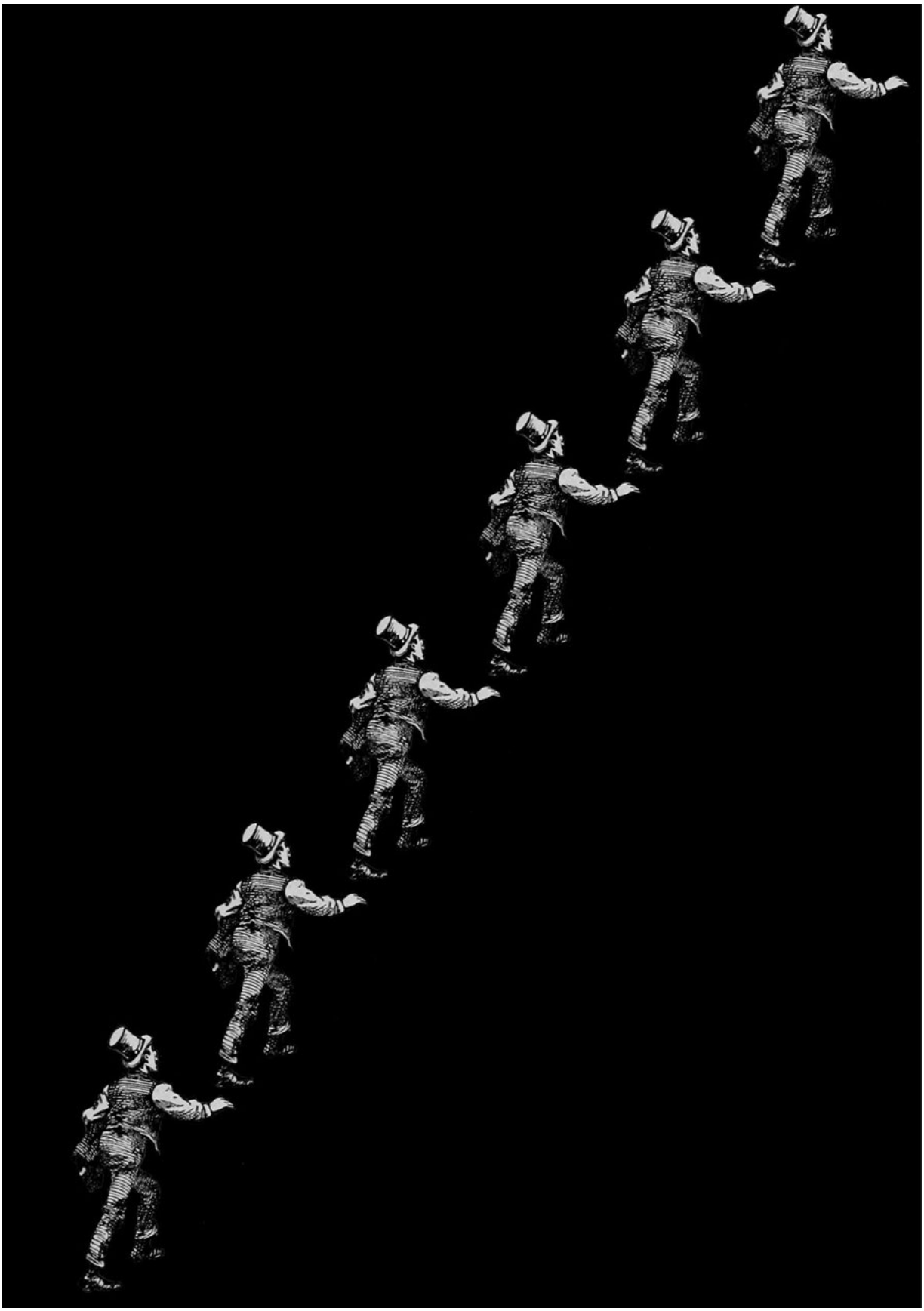
A voz do polvo é meio louca.”



** Há uma famosa frase atribuída ao escritor Samuel Johnson (1709-1784): "A man who would perpetrate a pun would have little hesitation in picking a pocket."*

{ CANTO VI }

BARAFUNDA



Como aquele que se esforça pra escalar

Pela primeira vez uma montanha

E logo começa a se cansar

Deseja estar em outro lugar

Achando a coisa meio estranha:

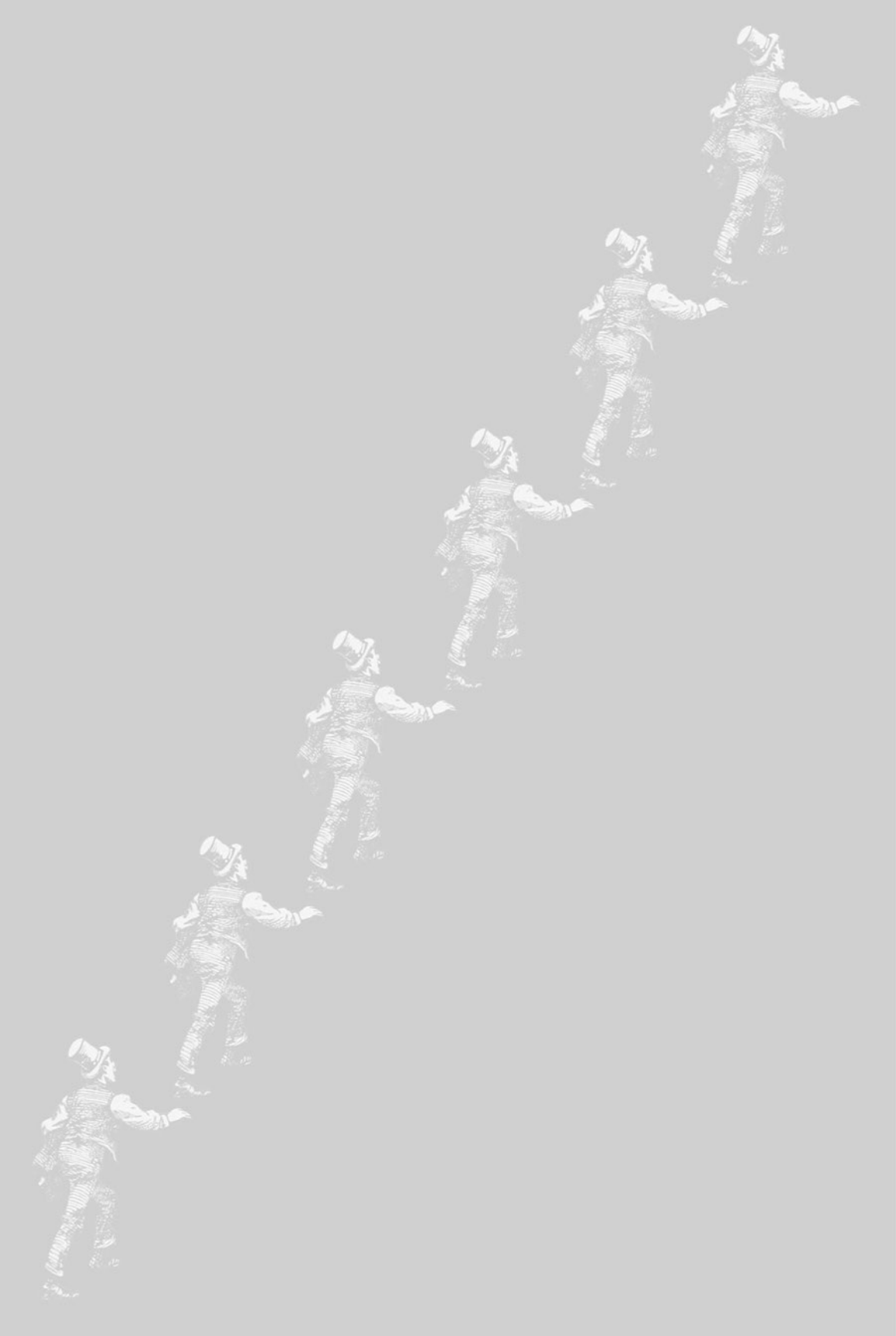
Mas que, tendo começado, segue em frente

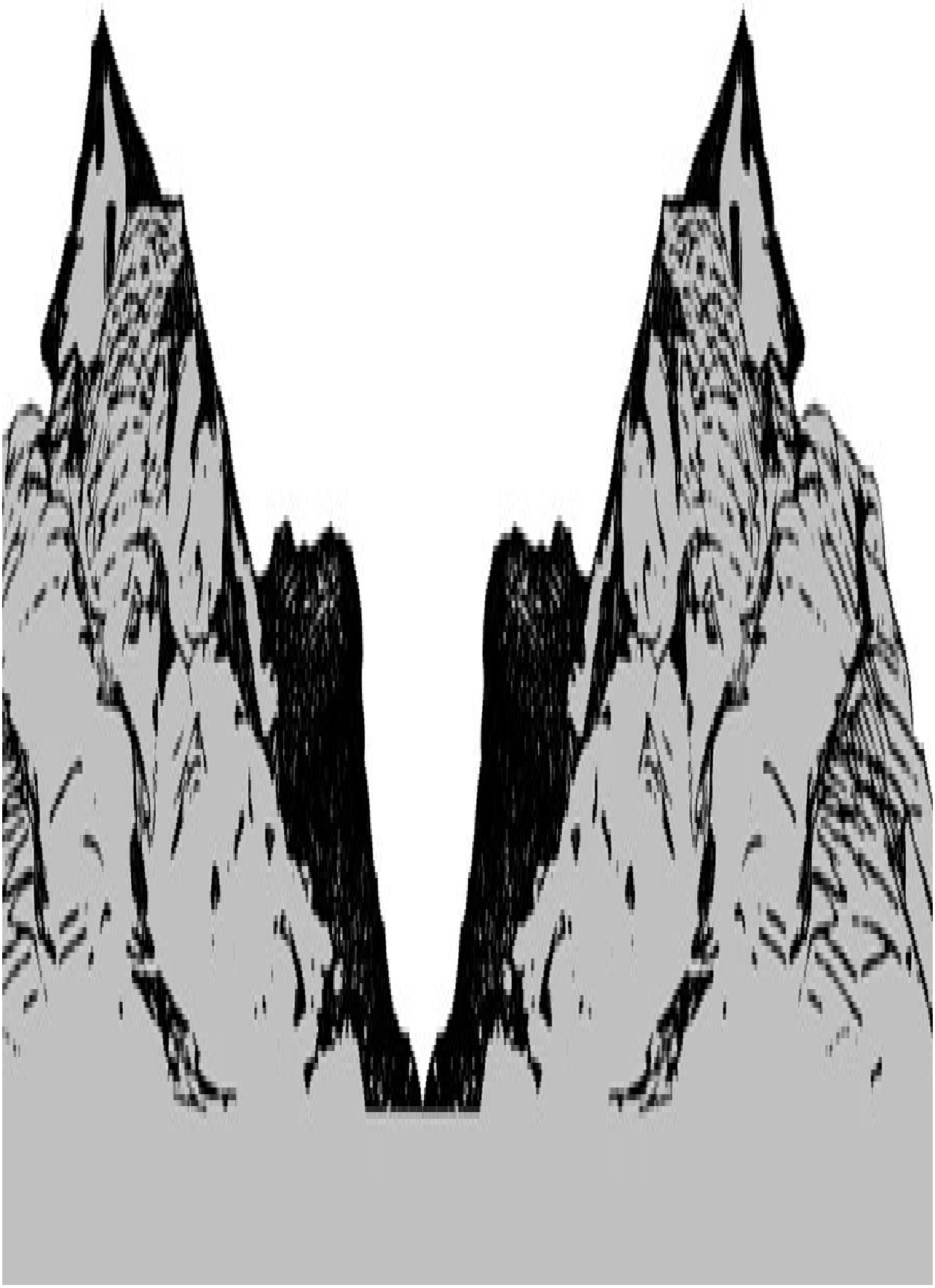
E nem ousa abandonar a empreitada

Na escalada, olha o cume, ciente

De que há uma cabana quente

Onde dará uma boa descansada.





E ao subir fica ofegante e suarento,

Paciência e força são coisa rara;

E quanto mais escala, mais violento

Fica seu linguajar e seu pensamento

Enquanto a respiração quase para.

Enfim ele chega ao seu destino

Lá no cume, abre a porta da morada

E entra vacilante como um menino

Então, veja só que desatino:

Cai de costas ao receber uma bofetada.

Como num sonho, vai despencando

Pelo mesmo caminho encarpado,

Peso morto, rolando e rolando

Varrendo o chão, se esfolando

Até aterrissar no descampado.

Assim eu argumentei o máximo possível

Sendo racional com a Aparição

Mas foi um diálogo de outro nível

Um humano seria mais compreensível;

No entanto, não mudei minha posição.

Mantendo o meu ponto de vista

E tentando fazer jus ao meu diploma

Tentei colocar a verdade em revista

Reuni meus conhecimentos numa lista

E juntei tudo num único axioma:

Ao falar, começava cada sentença

Com “portanto”, “porque” ou “somente”,

Como um cego, vaguei sem pedir licença

Por um labirinto sofístico, de forma densa;

Sem saber onde estava, inconsciente.

E ele me disse: “Quanta abobrinha!

Chega de besteira, já é o bastante!

Você não dorme com as galinhas?

Um velho com tanto boi na linha

Jamais foi visto antes!

“Você parece até certo sujeito

Que conheci um dia, tão furioso

Ao discutir, soltava fogo, sem respeito

Até chamuscou o próprio peito.”

E eu respondi: “Mas que curioso!”.

“Sim, eu concordo, é curioso,

Todavia, é um relato bem real

Tão real quanto seu nome formoso:

Dom Venceslau Barroso.”

“Mas não me chamo Venceslau!”

“O quê?” Gritou, e sua entonação

Era bem menos animada.

“Meu nome é Venelau Barrão”

Ele soltou uma exclamação:

“Então estou NA CASA ERRADA!”

Com isso, um murro ele acertou

Na grande mesa de carvalho

“Por que você não me contou

Há meia hora, ele bradou,

“Ó Rei de Todos os Paspalhos?”

“Caminhar pela escuridão

De paletó, por chuva e lodo

E descobrir que foi em vão

Que tudo terá repetição

É o mais terrível dos engodos!

“Chega!” Gritou a Aparição

Quando tentei me desculpar.

“Não há paciência, nem perdão

Para tamanho rufião,

Um imbecil total, sem par!

“Por que não disse duma vez

Que esta não era a casa certa!

Que infâmia, quanta mesquinhez!

Vá já pra cama! Um, dois, três!

Não fique aí de boca aberta!”

Então falei de rompante,

Quase perdendo o tino:

“Você está muito irritante

Por que não perguntou antes

O nome que sempre assino?

“Acredito que foi uma dureza

Andar na chuva e pelo breu –

Mas fui eu que causei essa tristeza?”

Ele disse: “Bem, bem, com certeza

Esse argumento me convenceu.

“O senhor teve a decência

De oferecer um ótimo vinho;

Perdoe o surto e a violência.

A gente perde a paciência

Quando se enrola no caminho.

“A culpa é minha, é meu o fardo

Aperte a mão, Seu Vladislau!”

O nome ainda estava errado,

Porém deixei isso de lado,

Porque, afinal, não foi por mal.

“Adeus, Lalau! Quando eu me for,

Talvez te enviem, prontamente,

Algum Espírito inferior

Para instilar medo e pavor

Em teu cochilo, eternamente.

“Ordena que ele se comporte;

E se tentar te meter medo

Com risos, gritos, pulos, trotes,

Pega uma vara grossa e forte

E o acerta bem no meio de um dedo!

“E diz então, despreocupado:

Vais cantar noutra entonação

Se acaso fores malcriado;

Melhor então tomares cuidado

Aprenderás tua lição!

“Assim se cura alma penada

Impertinente e pueril...

Mas ainda resta madrugada

Adeus, Lalau!”, então do nada,

Num piscar, ele sumiu.

{ CANTO VII }

TRISTE

REMINISCÊNCIA

“Será que foi tudo um sonho?”, ponderei

“Uma alucinação? Embriaguez?”

Então à nostalgia me entreguei

Uma doce melancolia – até chorei

Por uma hora e meia, talvez.

“O Ossudo tinha mesmo que ir embora?”

Solucei. “E esse tal de Venceslau?

Merece uma visita a essa hora?

Eu bem queria conhecê-lo agora,

Que tipo de sujeito é, afinal?

“Se há entre nós algo parecido,

Não vai gostar de ser incomodado

De madrugada, adormecido,

Por um visitante desconhecido,

Que surge quando ele está deitado.

“Se o Ossudo deixá-lo louco,

A gritar, a pular, a espernear,

Como fazia agora há pouco,

Prevejo que isso acabará em socos

E Vladislau decerto vai ganhar!”

Mas vendo que o meu pranto não traria

O meu querido amigo fantasmal,

Decidi que outro drinque beberia

E entoei a triste melodia

Do seguinte poema-funeral:

“Onde estás, ó Fantasma bem-amado,

Ó Familiar perfeito, tão arguto!

Adeus, adeus, meu patinho assado

Adeus, chazinho e pão torrado!

Adeus, cachimbo! Adeus, charuto!

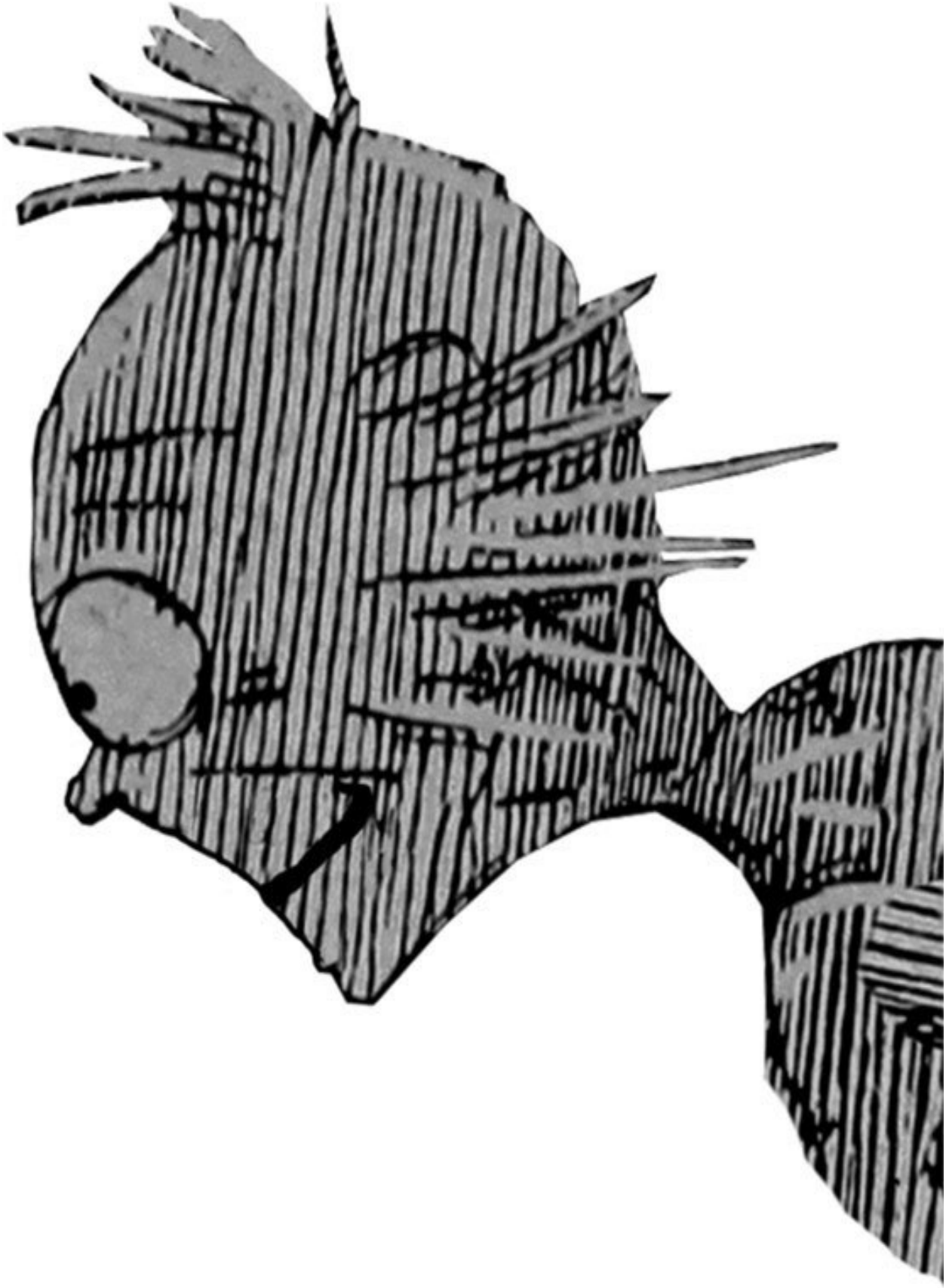
“A vida se acinzenta e perde a cor

E o próprio mel da vida fica insípido,

Quando estás longe, amigo encantador,

Velho Tijolinho – ou melhor:

Meu bom e velho Paralelepípedo!”



Parei de cantar, de modo abrupto,

Mesmo estando no poema todo imerso:

Após fazer floreio tão astuto,

Pareceu-me um tanto absurdo

Tentar aprimorar meu próprio verso.

E o que restou da madrugada

Passei entre as cobertas quentes,

Sonhando até a alvorada

Com Poltergeist e Trasgo e Fada

E Leprecaus e dez duendes!

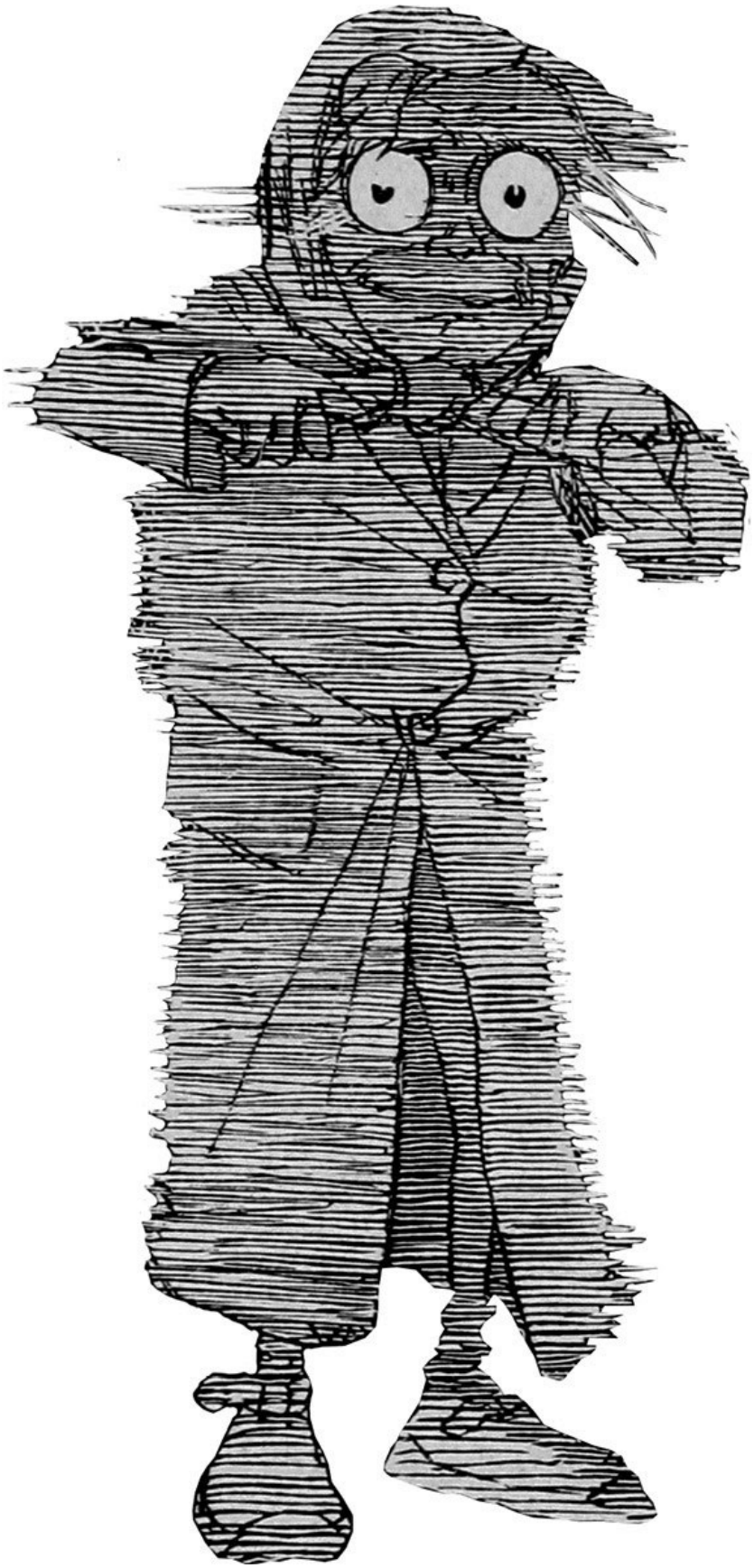
Há anos eu não tenho visitantes

Do tipo sobrenatural

Porém ainda escuto, neste instante,

Aquela despedida emocionante:

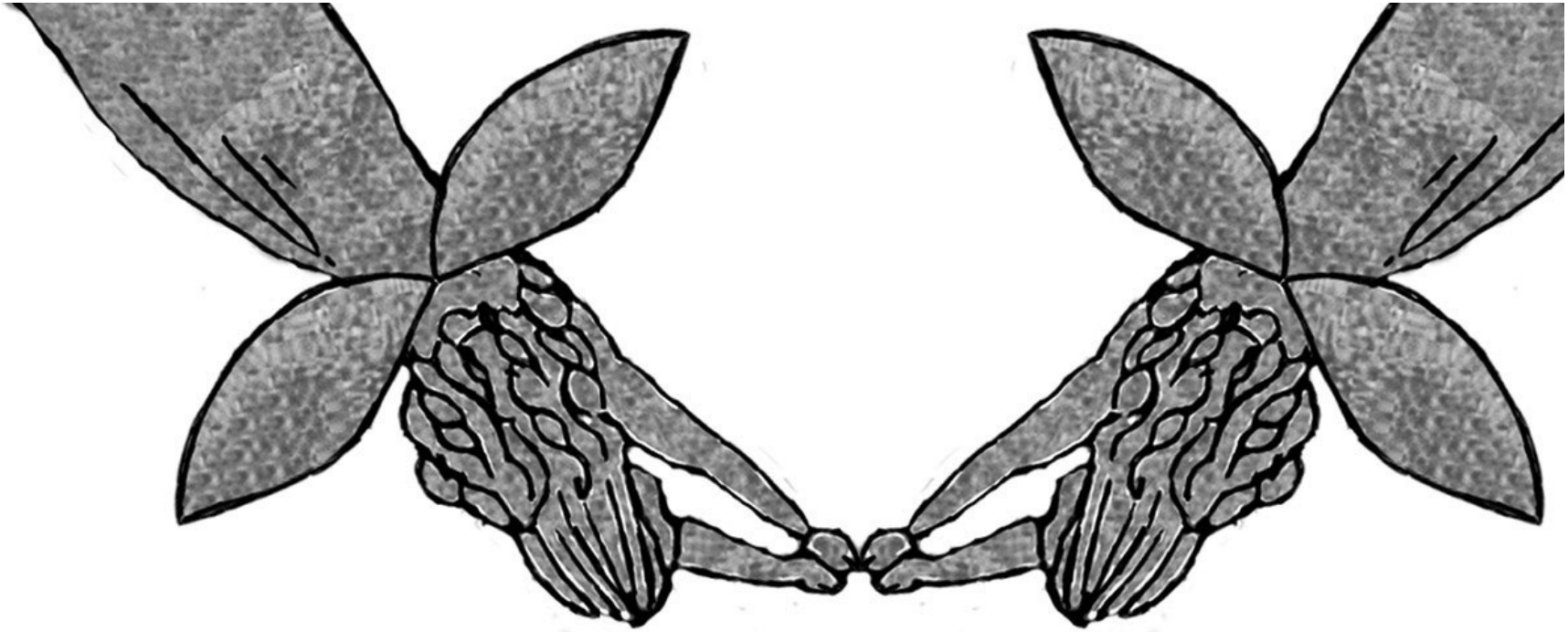
“Adeus, Lalau! Adeus, Lalau!”



PARTE 2

primeiros

poemas



Minha Fada

Tenho uma fada aqui, bem ao meu lado,

Dizendo que não devo cochilar.

Quando gritei de dor, agoniado,

Ela disse: “Não deves soluçar”.

Quando sorri no meio de um festim,

Me disse: “Tu não deves gargalhar”.

Quando uma vez pensei em beber gim,

Me disse: “Tu não deves te entortar”.

Quando o meu prato estava sobre a toalha,

Ela disse: “Não deves almoçar”.

Quando, afoito, marchei rumo à batalha,

Ela disse: “Não deves guerrear”.

“E o que posso fazer?”, gritei por fim,

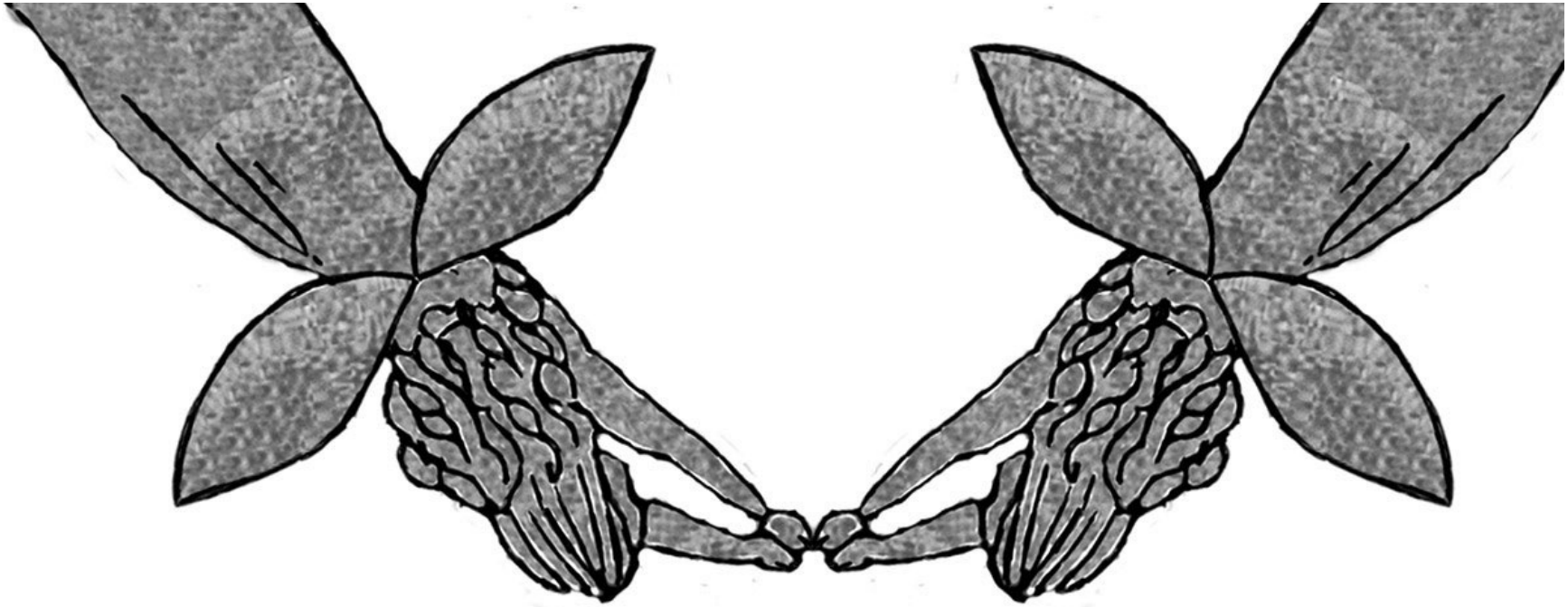
Cansado de tentar, tentar, tentar.

E a fada calmamente olhou pra mim

E disse: “Tu não deves perguntar”.

Moral:

“Tu não deves.”



Pontualidade

Procrastinar é uma paixão profunda e antiga

E faz parte da humana natureza.

Mas tudo aquilo que se empurra com a barriga

Chega bem mais tarde, com certeza.

Que cada hora esteja sempre em seu lugar,

Firme e segura, sem mudar de lado;

Que venha sem aperto e sem sacolejar,

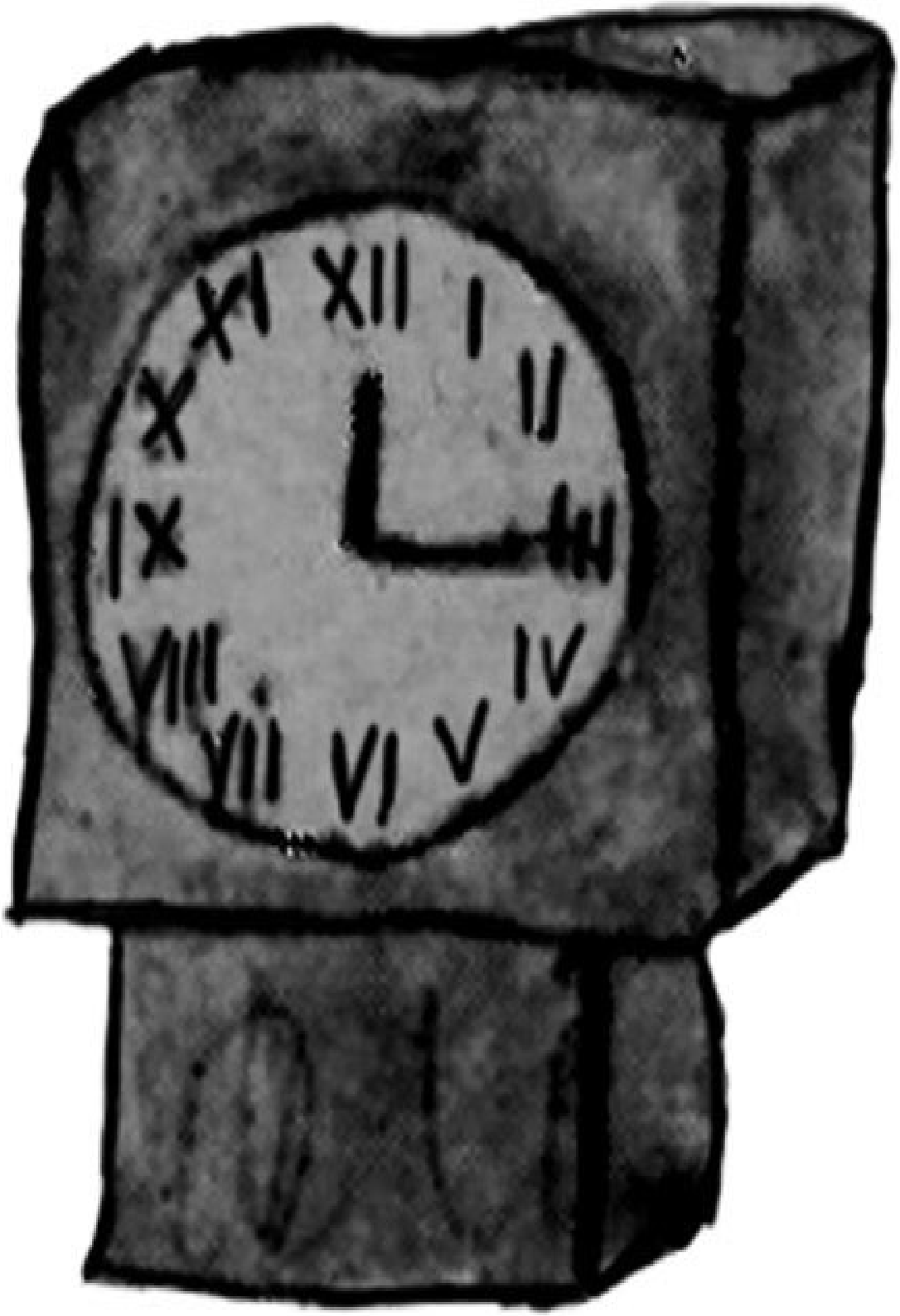
Como um presente bem empacotado.

E quando a hora chegar, melhor que estejas lá,

Seja lá onde for; de lá não fujas.

Não chegues de roldão, depois da hora do chá,

De cabelos desfeitos e mãos sujas.


XI XII I
X II
IX III
VIII IV
VII VI V

Nem deixes pra descer às seis e trinta e cinco

Se o jantar está marcado às seis e meia;

Às seis e quinze, veste a calça e aperta o cinto

E desce antes que a mesa fique cheia.

Melhor chegar mais cedo à ocasião

Do que vir tropeçando no final.

Abrir a porta quando bate o carrilhão

É a marca de uma mente pontual.

Moral:

“Que a pontualidade, o asseio e o rigor

Capturem plenamente a hora fugaz;

Então hás de colher a mais vistosa flor

Mesmo em meio ao jardim que se desfaz.”

Melodias

I.

Havia um fazendeiro em Sombraclara

Que espetou dez agulhas pela cara;

E o que dirão caso eu revele

Que furou bem mais que a pele?

Hoje ele é sacristão, que coisa rara!

II.

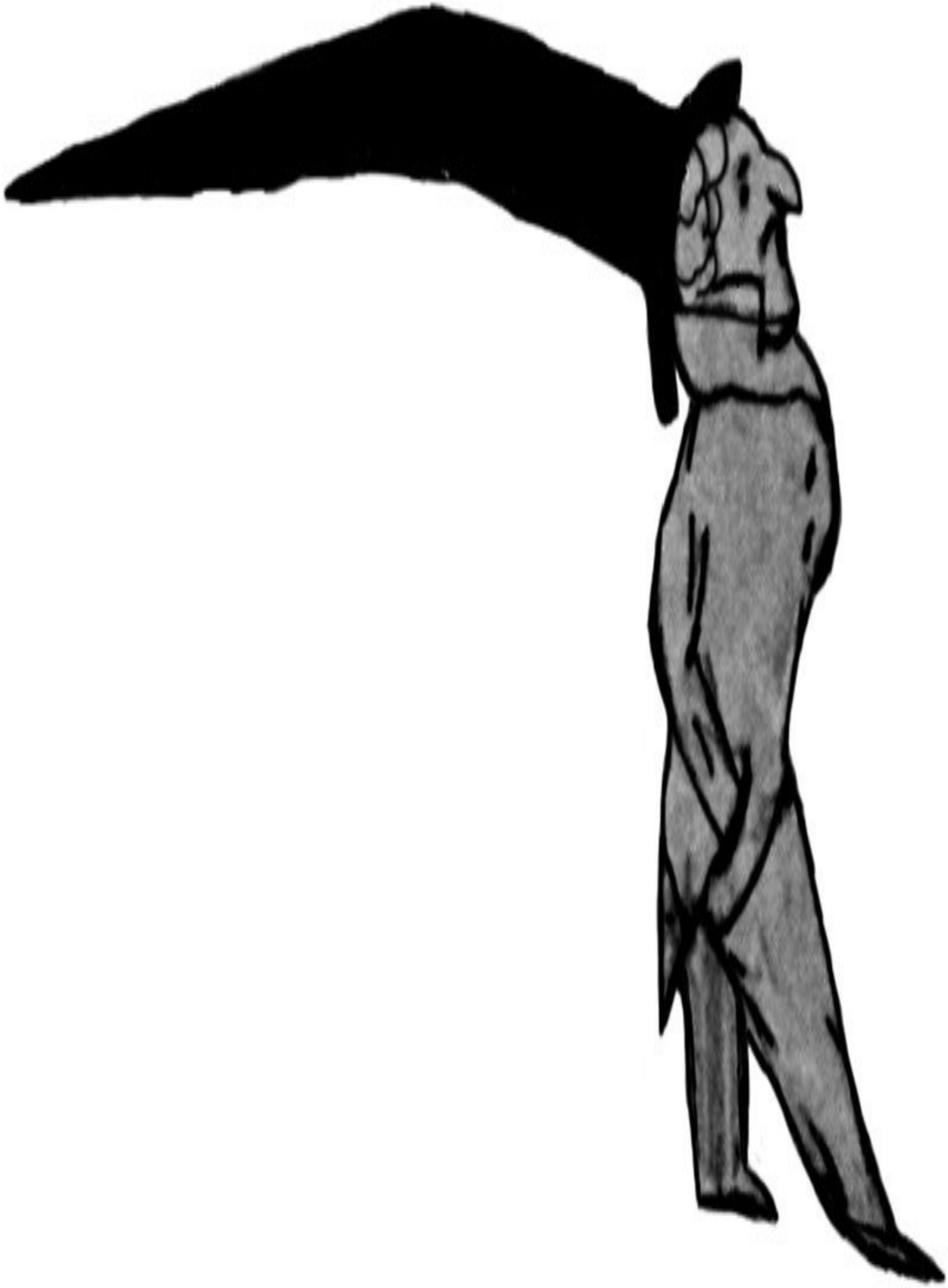
Havia um esquisito coronel

Que vestia um sombreiro de papel.

Era um chapéu marrom e feio

Que lhe cortava a testa ao meio;

E a culpa, ele dizia, era do Céu.



III.

Existe um bom rapaz em Vilapassa

Cuja altura, dia a dia, é mais escassa.

A razão, diz o moço,

É o seu chapéu de cocho,

Repleto de cimento e argamassa.

Sua irmã, chamada Lúcia Finerina,

Parece cada dia mais franzina;

A explicação dessa charada

É que dormiu na chuvarada,

E jantar é proibido à tal menina.

Irmão e Irmã

“Mana, maninha, vai deitar,

Pra tua cabeça descansar!”

Pôs-se o prudente irmão a aconselhar.

“Queres ficar sem nenhum dente?

Ou que eu te deixe o lombo ardente?”

Disse a irmã serenamente.

“Mana, não me deixe irritado

Ou com você faço um ensopado,

Um caldo bem encorpado.”

Ela ergueu o rosto, fulminante,

E lhe replicou, dardejante:

“Tu e mais quantos, meliante?”

Ele correu à cozinheira

E disse: “Empresta a frigideira,

Uns dois facões e uma caldeira!”

“Tudo isso? Mas pra quê?”

“Oh, Cozinheira, não se vê?

Quero fazer um cassoulet!”

“Vais pôr qual carne no feijão?”

“Minha irmãzinha e um salsichão.

Me empresta a faca agora?” “Não!”

Moral:

“Jamais ensopes tua irmã.”

Fatos

Se eu mirasse meu rifle no arrebol

E disparasse um tiro contra o sol,

A bala acertaria o alvo, um dia,

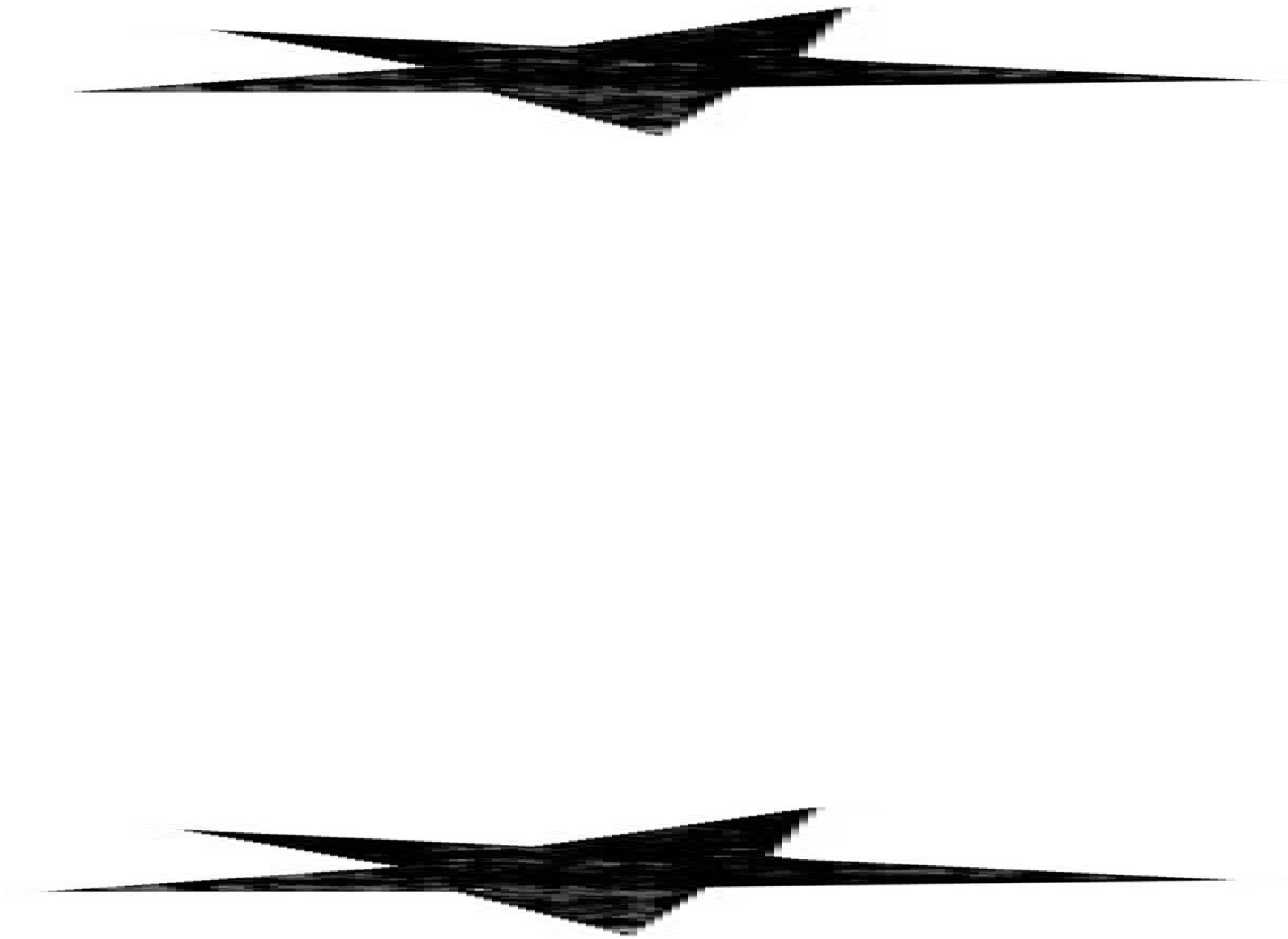
Mas, antes, por cem anos voaria.

Mas se a bala, alterando o próprio rumo,

Aos planetas se dirigir a prumo,

Nenhuma estrela acertarei jamais:

A mais próxima está longe demais.



Regras e Regulamentos

Breve regulamento

Contra o abatimento:

Fazendo variações

De suas ocupações,

Com bom prolongamento

Do seu divertimento,

Com vasta discussão

Da sorte da nação

E achando adequação

À sua posição,

Juntando muita gente,

Amigos e parentes,

Fugindo à amputação

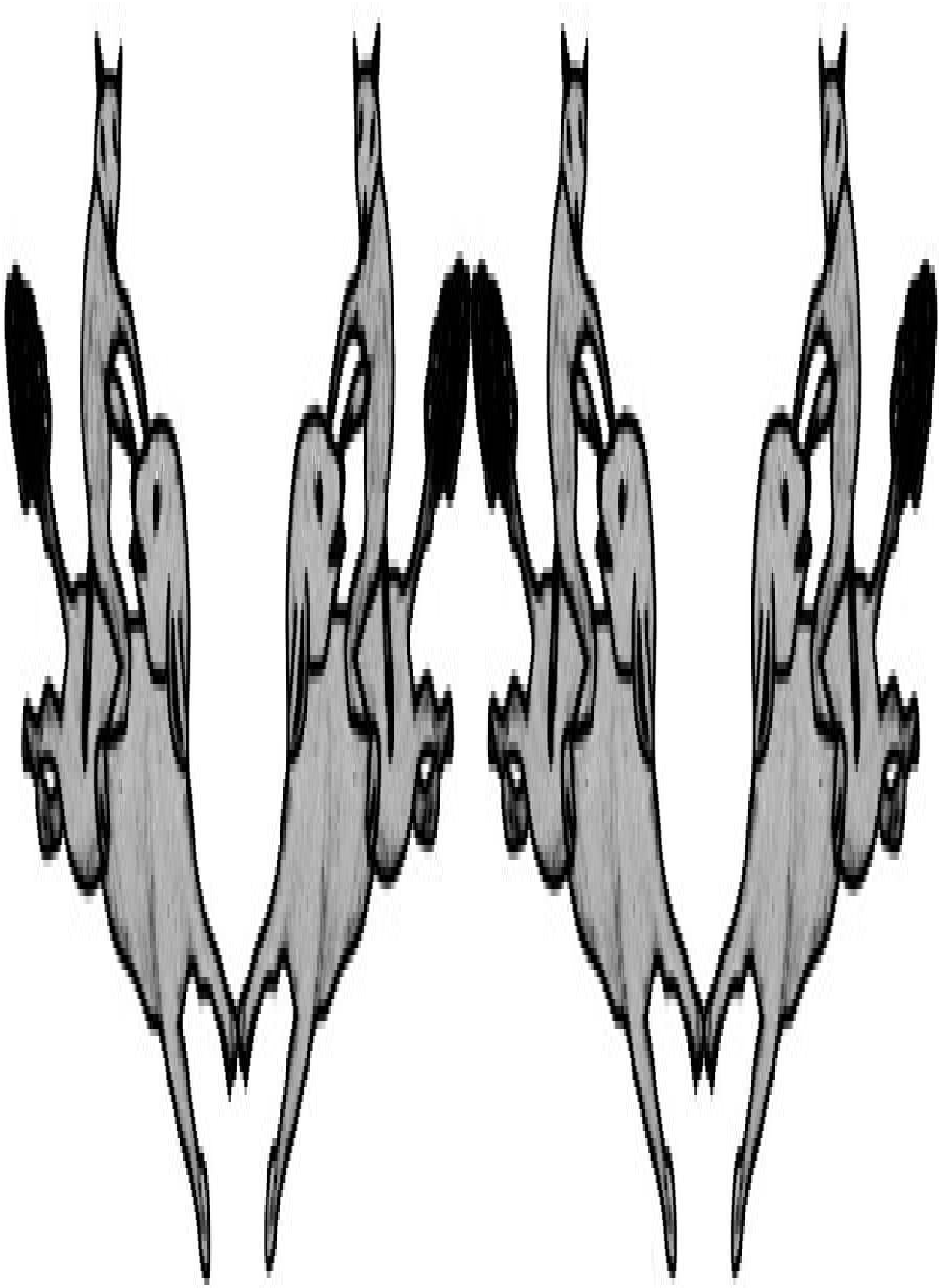
E à escoriação,

Fazendo variações

Em suas conversações,

E exercitando o entendimento,

Assim se evita o abatimento.



Decore os tempos verbais,

E não gagueje jamais,

Escreva elegantemente,

Cantarole docemente,

Tenha alma ativa e ousada,

Acorde de madrugada,

Caminhe longas distâncias,

Sorria com radiância,

E complete seu sorriso

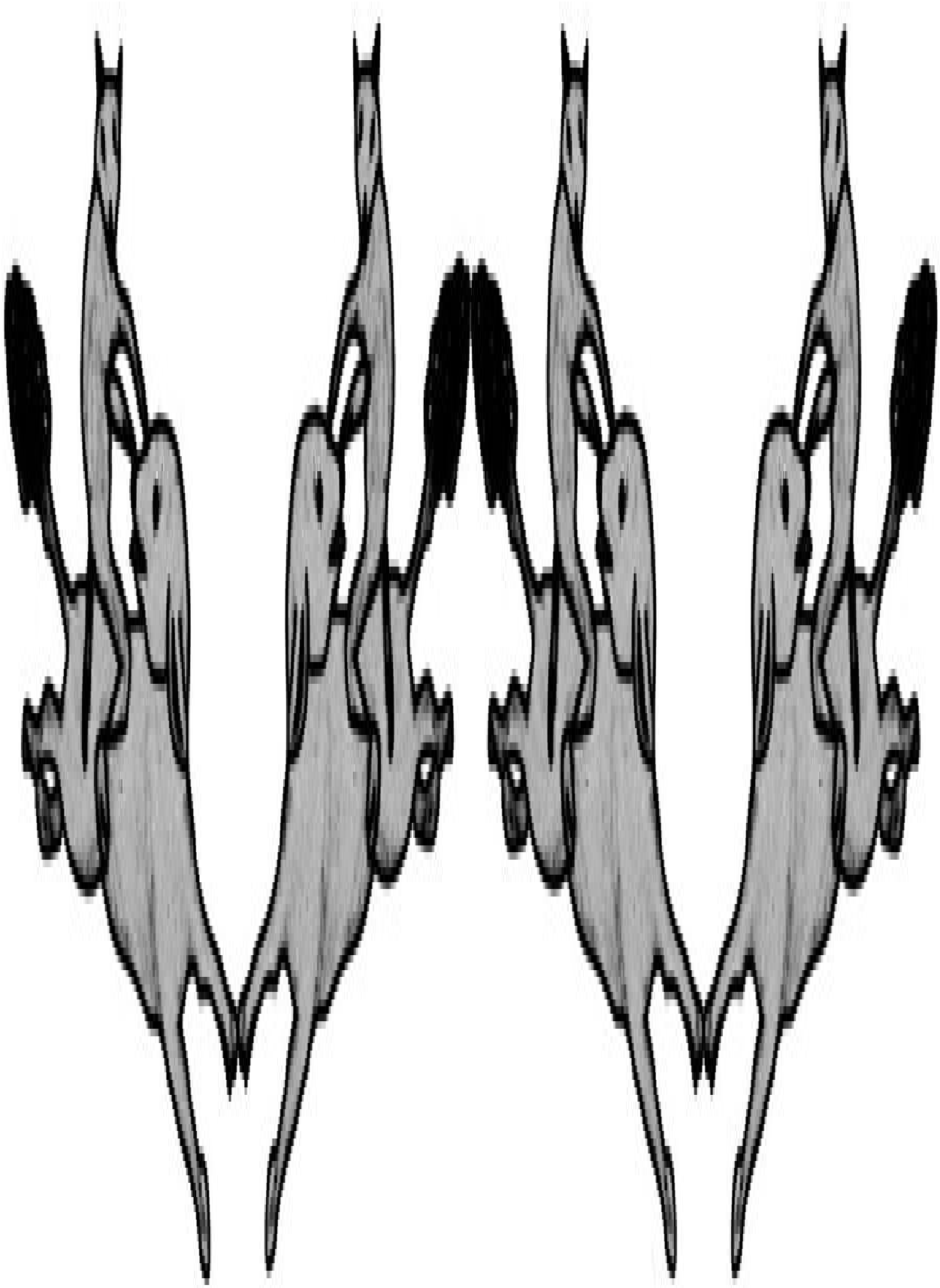
Com um vigoroso riso.

Beba chá, mas não café,

Jamais prove canapé.

Coma pão com peixe frito

E não gagueje, eu repito.



Não desperdice seus trocados,

E abstenha-se de melado.

Feche as portas, ao passar,

(Não as deixe ribombar.)

Só beba cerveja clara

E evite entrar na água

Até que aprenda a nadar.

Sente bem no seu lugar,

Junto à mesa, e cuide a vela.

Na porta, feche a tramela.

Não cause briga ou tumulto,

Enquanto não for adulto.

Não perca nenhum botão,

Não coma assado sem pão.

Mate os canários de fome,

Creia em fada e lobisomem.

Evite botar banheiras

Entre os cochos das cocheiras

De qualquer forma ou tamanho.

Seja rude com estranhos.

Moral:

“Comporte-se.”

Horrores

Pensei andar por um lugar sombrio,

Cheio de horrores tenebrosos,

O solo cor da noite, o ar denso e frio,

Cheio de rostos pavorosos.

Eu vi um monstro se acercar veloz,

De cara verde e repelente;

Terrível de se ver, grande, feroz,

E acostumado a comer gente.

Não consegui fugir, fiquei sem voz,

E ali tombei, paralisado.

E o monstro veio, com semblante atroz,

Cravando em mim o olhar malvado!

Em minha apavorada convulsão,

Estrangulado num gemido,

Escutei uma voz: “Acorde, João!

Estás gritando adormecido!”

Mal-entendidos

Meu pensamento foi mal compreendido:

Se assim pensasse, te diria antes.

Não deves indagar sobre o não dito,

E que esta explicação seja o bastante.

Pois instruir quem já foi instruído

Sabidamente é coisa entediante.

E para começar meu argumento,

Vou recorrer a uma observação

Que aos grandes reis serviu como armamento

Em tempos de conquista e de invasão,

E até quem pena pra ganhar sustento

Com ela há de solver dura equação.

É uma verdade tão arrasadora

Que a Razão não lhe ousa erguer um dedo;

Mas sutil como a chuva refletora

Do louro sol do estio, de manhã cedo;

E quem olha através da chuva loura

Vê brilhar um casebre no arvoredo.

Enfim: quando a ignorância é traidora,

A sapiência exibe um rosto azedo.

Aconteceu num Belo Dia

Um dia estava eu junto à lareira

(Que gorducho esse leitão!)

Quando um homem correu pela clareira,

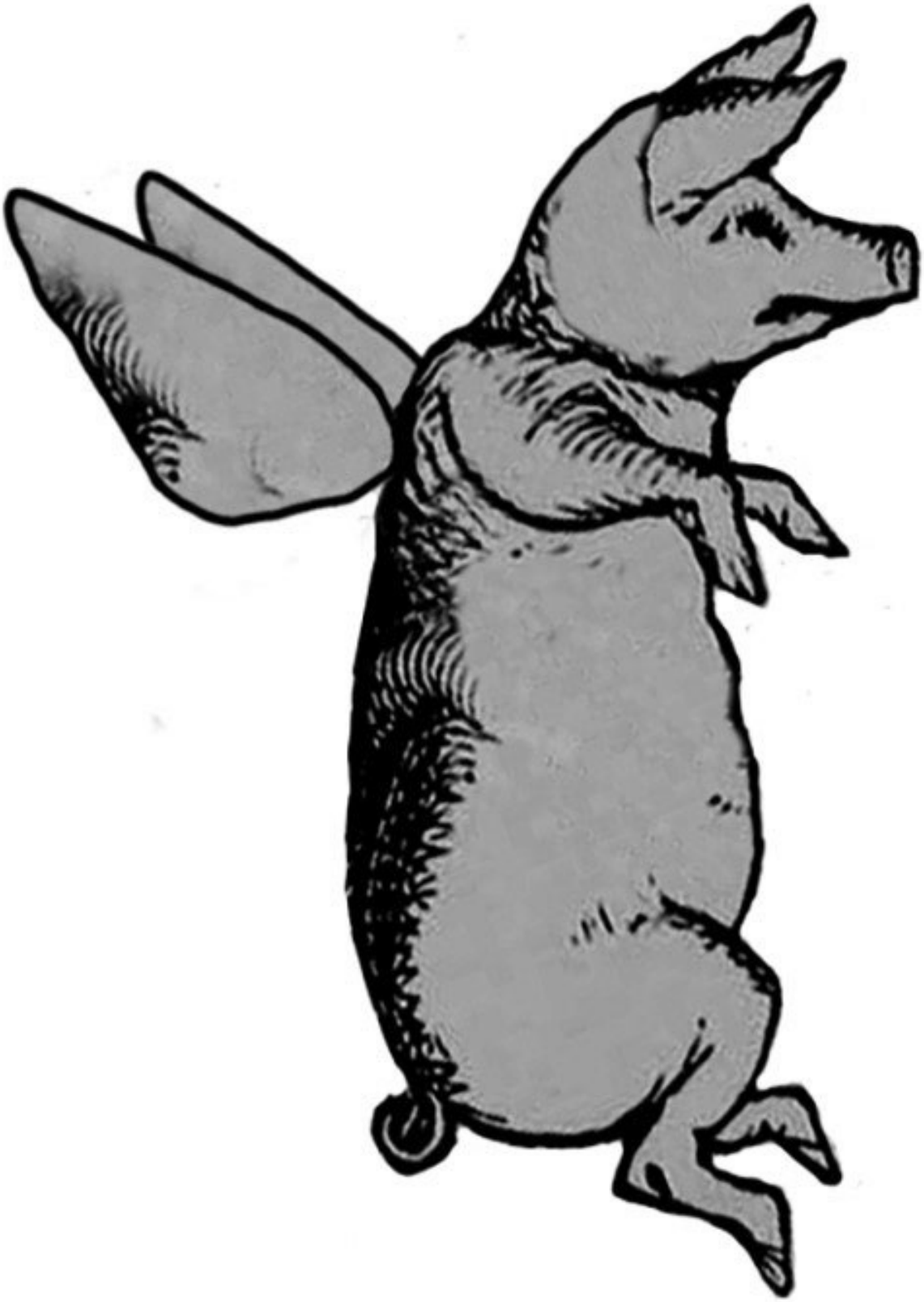
(Não é problema meu, não.)

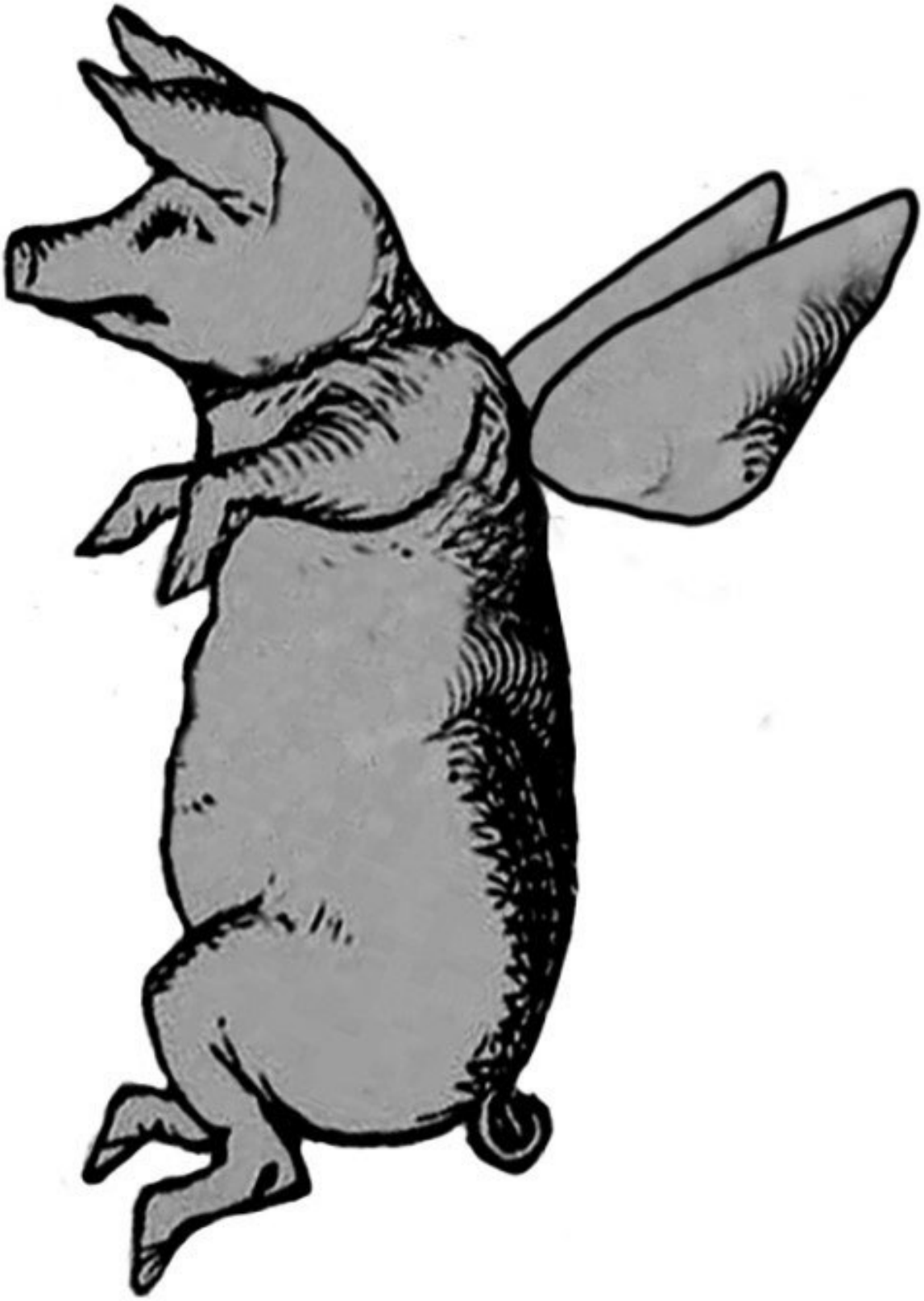
Quando ele veio em direção à casa,

Arfava como um pássaro sem asa.

Ao parar junto à porta, num instante,

Ficou mais pálido do que antes.





Quando na maçaneta pôs a mão,

O homem desmaiou, caiu no chão.

Quando cruzou a sala de jantar,

Novamente no chão o ouvi tombar.

Quando subiu a escada do mirante,

Desgrenhou-se, num grito angustiante.

Quando entrou no meu quarto, desnorteado,

(Que gorducho esse leitão!)

Trespassei-o com meu broche dourado,

(Isso é problema meu? Não.)

As Baladas Pesarosas Nº 1

Dia molhado: e a chuva a despencar

Espessa feito mel. O

Galinheiro se encheu dum ribombar:

Batidas dum martelo e dois rapazes sobranceiros;

Pela janela, dava pra enxergá-los

Cortando um velho tronco pra fazer poleiros,

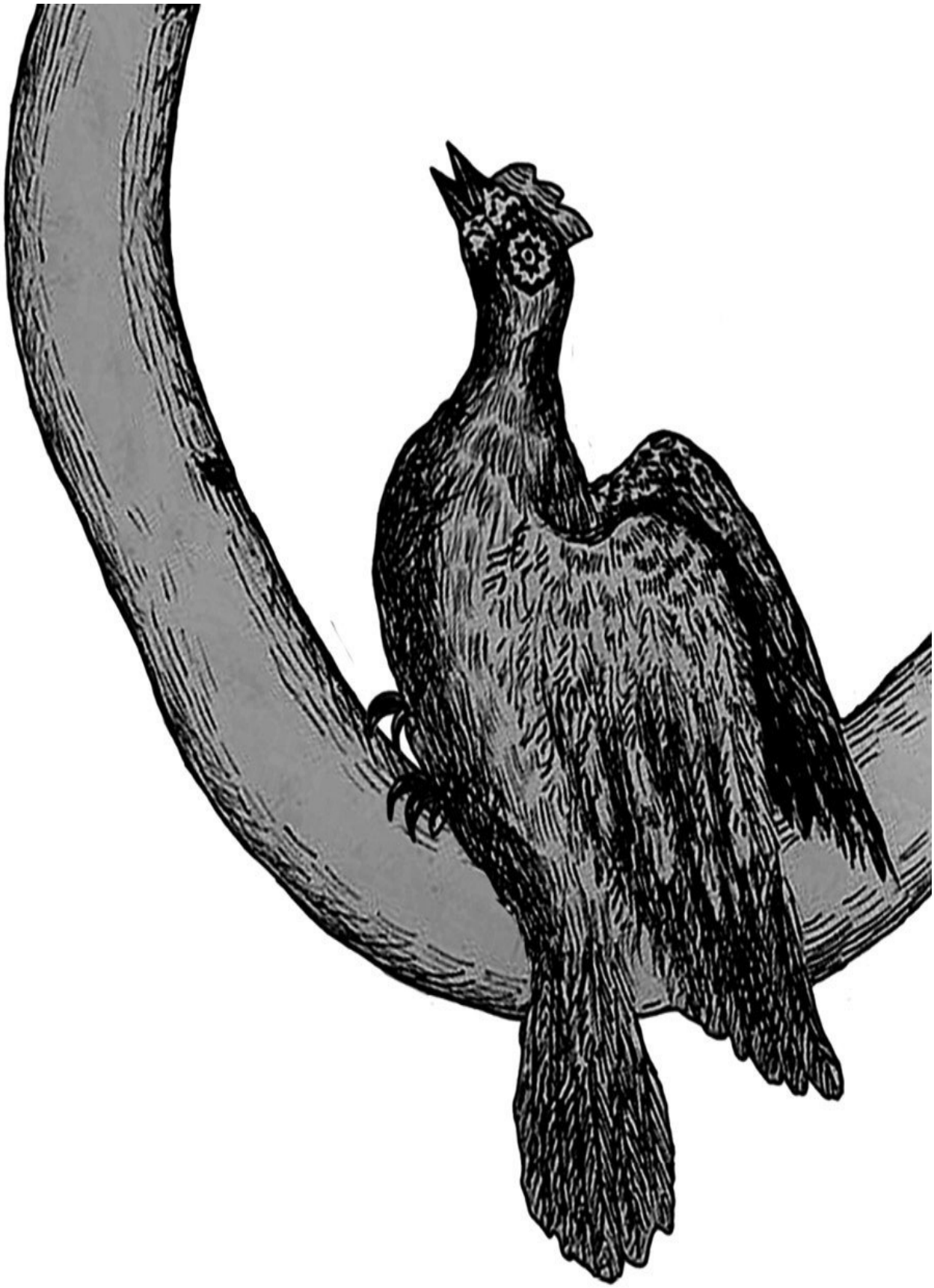
Dando, a cada minuto, até cem talhos.

Findo o trabalho, enfim subiu ao ninho

Dona Galinha, e ali ajeitou os ovinhos,

Sem pensar em comê-los com toucinho

(Ao menos é o que eu acho, ou adivinho).



Cada casquinha então revolve

Para ver como está sua prole;

Depois espiou em meio às palhas

Querendo ver se havia falhas;

E circulou o galinheiro,

Temendo um rato sorrateiro;

Depois deitou-se calmamente

A descansar, muito contente,

Dobrando as patas com cuidado.

O tempo foi passando, e as cascas se quebrando,

“Sumindo aos poucos e encolhendo lindamente”,

E a sábia mãe com sortilégios vai bicando,

Forçando cada ovo a expressar sua mente.

Mas, oh! “tão imperfeita é a expressão”,

Algum poeta disse. Quem? Só Deus sabe.

Quem quiser descobrir, busque em outra parte.

Mas posso ao menos garantir um fato:

Do Parlamento nunca viu uma Sessão;

Se visse, com certeza apreciaria a arte

Dos oradores, seus apupos, cantos, brados;

Mudaria a opinião. Ficaria encantado.

Quanto ao nome do poeta, algo está bem claro:

Você é que não era, e muito menos eu!

Eis o que houve, um belo dia

(Belo, mas que logo ficou feio):

Na palha, um pinto estremecia,

E a sua vida se esvaía;

Já sem frescor, sem alegria,

Brincar, pular já não podia.

“É o fim da linha, amigo pinto?”

Lamuriou-se um dos meninos,

Num angustiado devaneio.

Outro rapaz (um visitante)

Dispara à gare da estação,

Cheio de medo e comoção,

Pensando em casa – urna sibilante –;

Com a passagem dupla corre

E em desespero então descobre

Que o trem partiu, e outro não veio!

Longo demais, falar de cada conjetura

– Suicídio galináceo ou ave assassinada? –

De cada esgar sombrio, das preleções soturnas,

E a vã suposição: “Morreu de uma agulhada?”

As vozes retumbando, os gritos de tristeza,

O pranto e o suspiro, o soluçar dolente,

Até que todos concordaram: “Com certeza,

O pinto se matou, e a mãe é inocente!”

Nem bem foi pronunciado o veredito,

A calma foi rompida por um grito:

Um vulto de criança entrou na multidão,

Correndo, aos prantos, com a voz aflita,

Do tipo que não vem dizer coisas bonitas,

Mas notícias de sombra e perdição.

“Oh, que cena de horror e de maldade,

De enregelar o coração mais forte!

A perversa galinha sem piedade

Bicou outro pintinho até a morte!”

Os Dois Irmãos

Havia dois irmãos na escola Twyford

E quando já estavam de saída

Um disse: “Quer estudar Grego ou Latim

Ou ainda disputar uma corrida?

Ou quem sabe subir naquela ponte

E pescar uma traíra bem comprida?”

“Sou burro para grego e pro latim,

E correr demais não é moleza,

Então vamos subir naquela ponte

E jogar um anzol na correnteza.”

Montou, com duas peças, uma vara,

E na ponta fixou uma extensão;

O anzol ele tirou de sua apostila

E depois espetou-o em seu irmão.

o correr atrás de porcos no quintal

Meninos fazem grande gritaria

Mas nada se compara à algazarra

De um irmão jogado n’água fria.

Os peixes acorreram em cardumes

Todos loucos por uma dentada

Pois a isca era tão macia e fresca

Que lhes deu uma fome alucinada.

O outro diz: “Fique aí esperneando,

E o cardume fará um belo lanche.

Você sempre adorou me incomodar;

Saiba agora o sentido de revanche!”

O vento então lhe trouxe estas palavras:

“Que coisa horrível você fez, mermão!

Você acha mesmo que mereço

Tornar-me uma mera ração?

“Eu adoro fazer lanchinho à tarde,

Pois só ficar olhando não me agrada,

Porém levar mordidas pelo corpo

É coisa estúpida e sem graça;

Tem umas dez traíras no meu braço

E no meu joelho uma perca está grudada.

“Não estava com tanta sede assim

E de peixes já tive o suficien... Oh, não!”

“Nada temas!”, disse o outro, “haja o que haja,

Nós estamos na mesma condição!

“Pois nosso estado é muito semelhante

(Exceto que eu não sou boa comida)

Pois você tem traíras aí embaixo

E eu sou traíra nessa vida.

“Ser traíra está em mim e a traíra está em você.

Nós somos realmente parecidos;

Sou traidor aqui e sinto tremor em ti

Você vai virar alimento amolecido.”

“Oh, me conceda apenas um desejo

(Pois sua isca é seu irmão, rapaz)

Ao puxar o peixe para cima

Seja gentil, você é capaz.”

“Se esse peixe for truta, então eu devo

Puxar com força, força redobrada;

Se o peixe for uma perca, então eu juro

Esperar dez minutos, e mais nada.”

“Mas em dez minutos, seu irmão

Verá o destino ser cumprido!”

“Nesse caso, vou reduzir para cinco,

Talvez você sobreviva, mas duvido.”

“Oh, duro é teu coração, para fazer isso;

É de ferro, de granito ou de aço?”

“Não sei dizer, pois já faz muito tempo

Que pra emoção meu coração não tem espaço.

“Pescar peixes e mais peixes era meu desejo ardente

E assim meu coração se enchia de maldade;

E quanto mais pescava, mais piorava,

Engolir esses peixes era minha vontade.”

“Oh, quem dera eu estivesse na escola Twyford,

Quem sabe aprendendo Latim!” ele suspira.

“Não”, o outro diz, “estás muito melhor

Aí embaixo, no meio das traíras.

“Estás bem mais feliz, tenho certeza,

Sem trabalho, só o de levar mordida;

É melhor estar preso nesse anzol

Do que ser saco de pancadas nessa vida!

“E quanto a esta vara, que eu seguro,

E que parece prestes a tombar

Na tua cabeça... varas já conheces

E estás acostumado a apanhar.

“Vês esse lúcio com nariz pontudo?

(Melhor mudar de assunto agora, eu acho),

Olha, irmão, como sou capaz de ter amor:

É o peixe que mais amo no riacho.

“Amanhã, eu o convido pra jantar

(E esse nosso festim será um deleite);

Em vez de ligação, eu jogo a linha

E espero que você aceite.

“O lúcio ainda não foi apresentado

À sociedade, e falta-lhe um tempero.

Por isso acho que é o meu dever

Temperá-lo com gosto e muito esmero.”

O vento soprou muitas palavras como “cruel” e “gentil”,

E até “o homem sofre mais que os bichos”:

Cada palavra foi com paciência escutada,

E respondida com calma e capricho.

“O quê? Acha melhor que o peixe nade

Do que fique num prato acomodado?

Na Natureza acaso há algo mais belo

Que um filé cintilante e temperado?

“O quê? Mais belo é ver peixes pulando

Nas águas, rebrilhantes e faceiros?

Que ideia mais idiota! Que burrice!

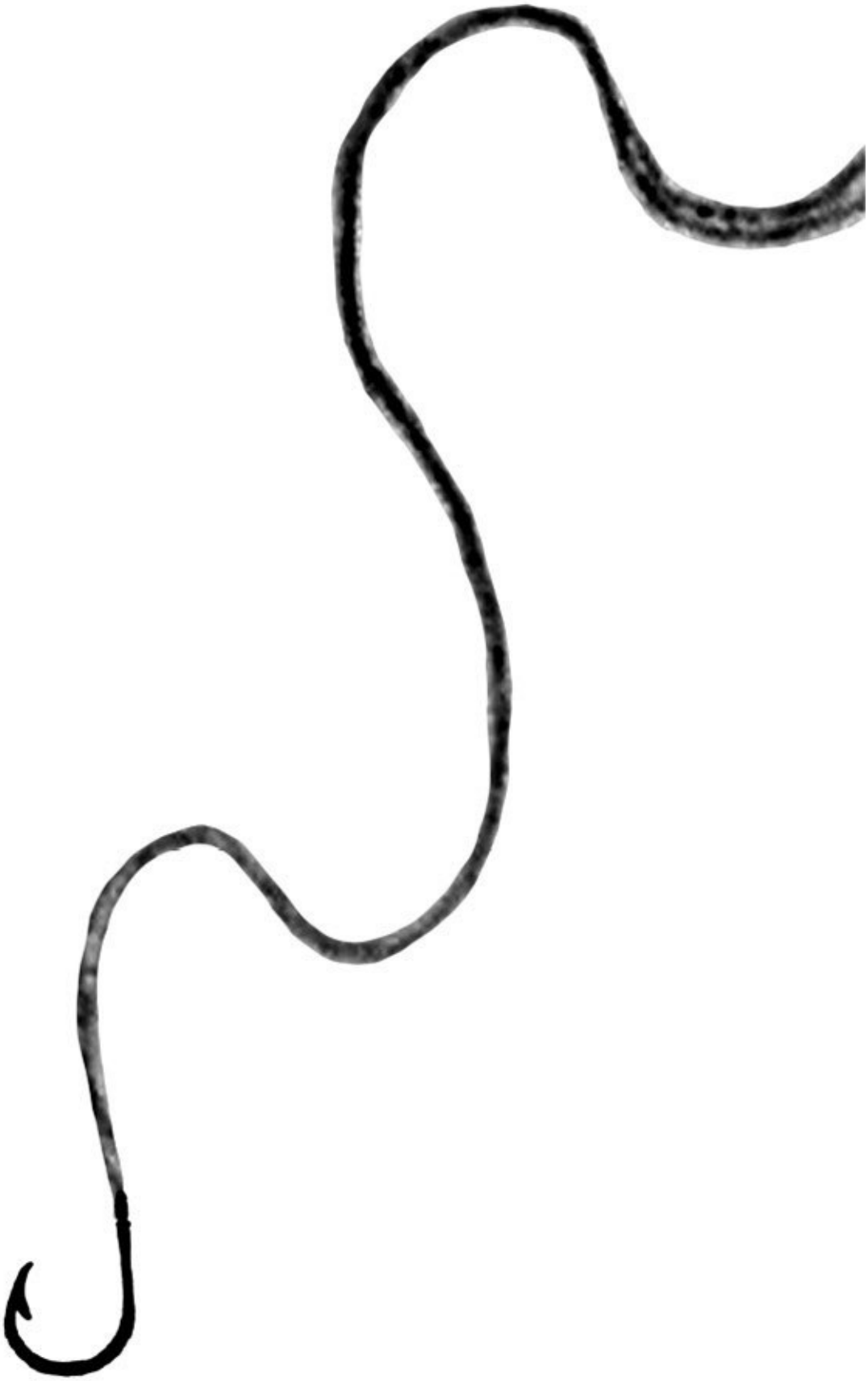
Bem melhor que soltá-los é comê-los.

“Há muita gente que só tagarela

Sobre a terra tão bela e o firmamento;

Sobre os mares, as aves, as criaturas,

Elogiando a Vida e o Movimento.



“Como todo prazer que vem dos olhos,

Eu acho que isso tudo é bem legal;

Mas pescar um salmão é mais precioso

Que todo o vasto mundo natural!

“Dizem que toda mente esclarecida

Adora os animais e a natureza;

Mas de que serve a mente a quem não gosta

De jogar um anzol na correnteza?

“Deixem-me sem amigos e sem casa;

Peguem todo o dinheiro da poupança;

Tudo bem; mas proíbam pescaria

E ficarei sem viço ou esperança!”

A irmã dos dois então saiu de casa

Pra ver o que faziam os garotos,

E assim que viu aquela cena horrível

As lágrimas correram por seu rosto.

“Oh, meu irmão, que estranha pescaria;

Por que a tua isca grita assim?”

“É um pombo de cauda espevitada,

Porém ele não quer cantar pra mim.”

“Quem espera que um pombo cantarole

Só pode ter minhocas na cachola.

Mas o bicho que eu vejo ali embaixo

Não tem as plumas de uma pomba-rola!

“Oh, meu irmão, que estranha pescaria;

Por que a tua isca grita assim?”

“É o nosso caçula”, disse ele,

“Oh, que infortúnio imenso! Oh! Ai de mim!”

“Eu sou um desgraçado e um vilão!

Eis o que sou, e como vou negar?

Adeus, adeus, adeus, querida irmã,

Eu vou embora agora, vou pro mar.”

“E quando voltarás, meu caro irmão,

Para nós, e à mansão de nossos pais?”

“Quando o gorducho for a refeição,

Ou seja, nunca mais!”

A irmã se contorceu, rodopiou,

O coração prestes a arrebentar,

E disse: “Um vai chegar todo molhado,

O outro, atrasar-se para o chá!”

No Brejo Solitário

Eu encontrei um homem muito velho

No brejo solitário;

Eu sei que sou um cavalheiro

E ele nem tem salário.

Parei e rudemente perguntei:

“Como ganhas tua vida?”

Mas a resposta não me impressionou,

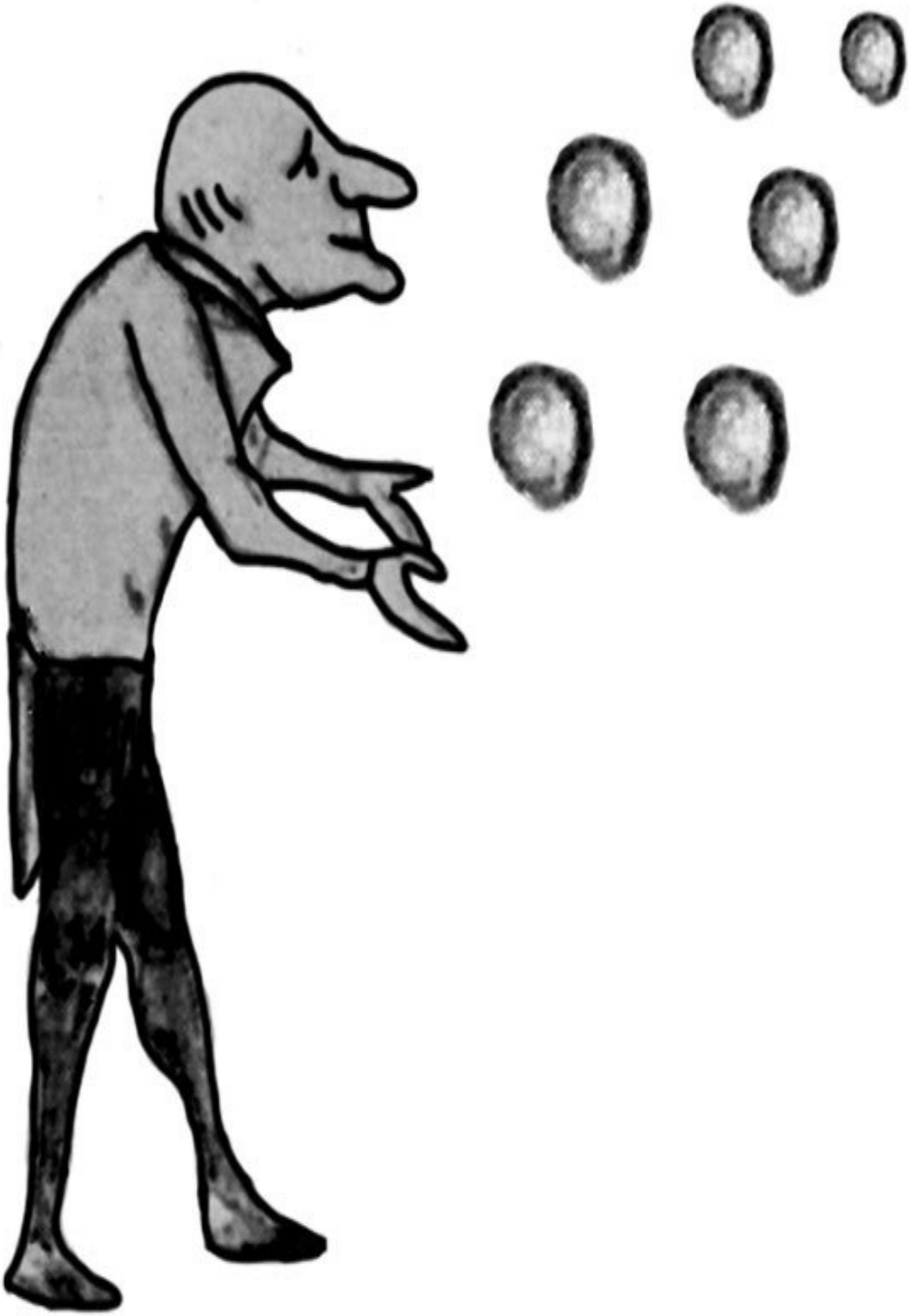
Foi muito descabida.

Disse: “Eu coleto bolhas de sabão,

No meio do trigal,

Ponho as bolhas no forno, faço tortas,

Coloco pimenta e sal,



Vendo para os bravos marinheiros

Que desbravam as tormentas;

E este é meu ganha-pão, senhor;

A sorte é avarenta.

Eu pensava em multiplicar

Por dez aquela conta,

Mas sempre que voltava a perguntar,

Vinha uma resposta pronta.

Não dei bola às bobagens que dizia

Mas dei-lhe cutucão e pranchaço:

“Me diz como é que ganhas tua vida?”

E nisso belisquei seu braço.

O velho gentilmente retomou a história

E disse: “Eu ando, eu corro

E quando encontro um vale nas montanhas

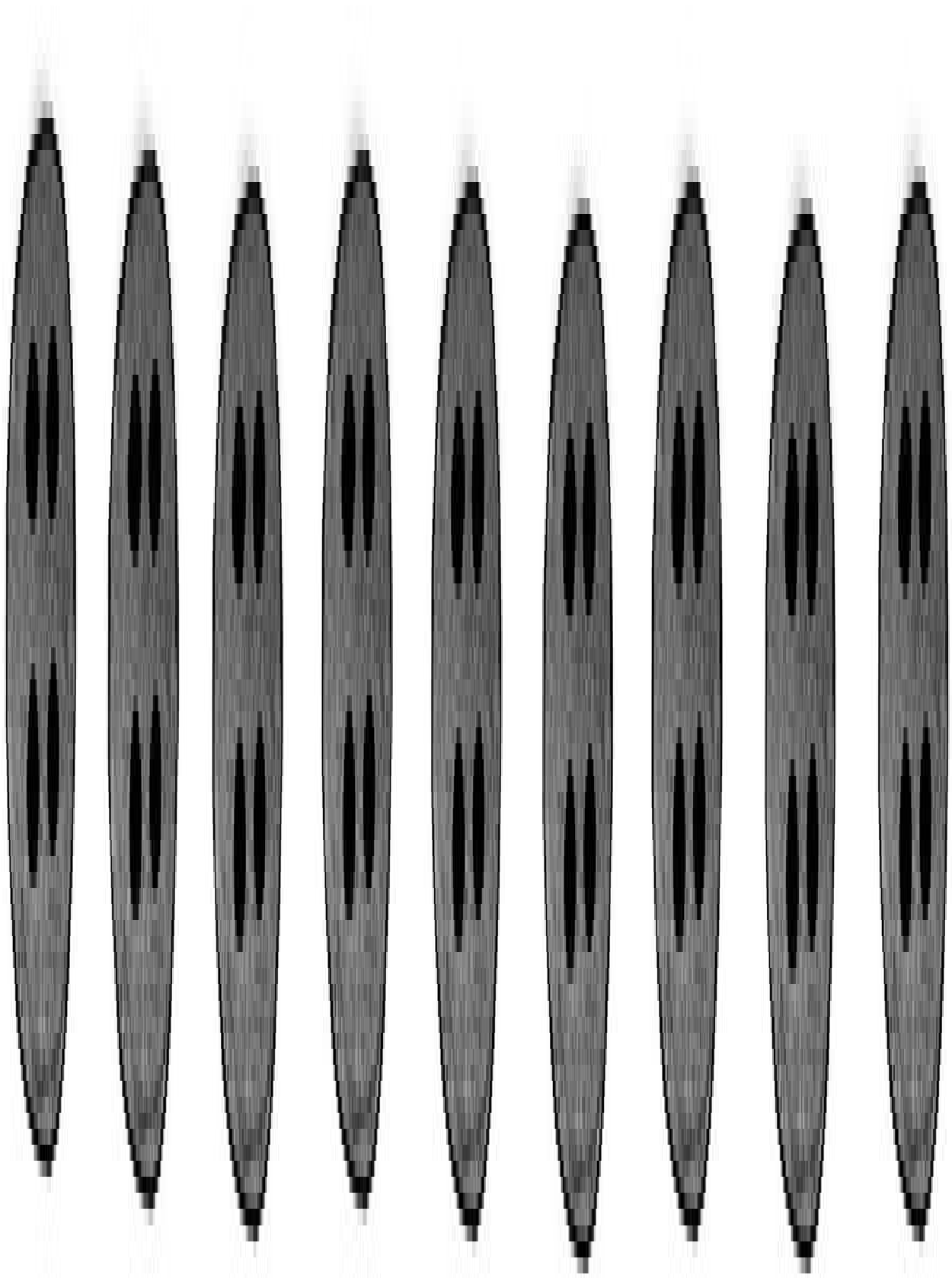
Num vapt, lhe ponho fogo.

Daí fazem um caldo que eles chamam

Óleo de Macassar;

Porém, quatro tostões é só o que o fabricante

Aceita me pagar.”



Mas eu pensava num projeto

Pra pintar as botinas dos clientes

De verde-musgo, para que, na relva

Ficassem invisíveis totalmente.

Dei uma bofetada em sua orelha

E perguntei de novo

E retorci sua cabeleira cinza

Com grande estorvo.

Ele disse: “Caço os olhos do hadoque

Na urze luminosa

E os transformo em botões de sobretudo

Na noite silenciosa.

Mas não vendo os botões por moeda de ouro,

Nem troco por nenhuma prataria,

E sim por um tostão, que pode comprar

Nove botõezinhos: uma ninharia.

“Na terra escavo às vezes pães de açúcar

Ou ponho isca para os caranguejos;

Às vezes busco rodas de carruagens

Nos prados benfazejos.

E assim, meu bom senhor” – piscou o olho –

“Eu ganho a minha vida;

E pra brindar vossa saúde vou secar

Dois copos de bebida.”

Eu o escutei com atenção,

Tendo o meu plano já cumprido:

Lavar a ponte de Menai

Com vinho refervido.

E agradeci por suas histórias

Especialmente sua intenção

De fazer brindes com cerveja

Por minha salvação.

E se hoje por engano eu grudo

Com cola meus dois dedos

Ou se no pé direito, acaso,

Meto o sapato esquerdo;

Ou se no meio de um discurso

Ponho palavras ao contrário,

Penso naquele estranho andante

No brejo solitário.

O Palácio dos Farsantes

Casos de Mistério, Imaginação e Humor Nº 1

Sonhei que um palácio era minha morada

Onde seres molengas e molhados

Rastejavam no mármore gelado.

Odores de queijo falecido

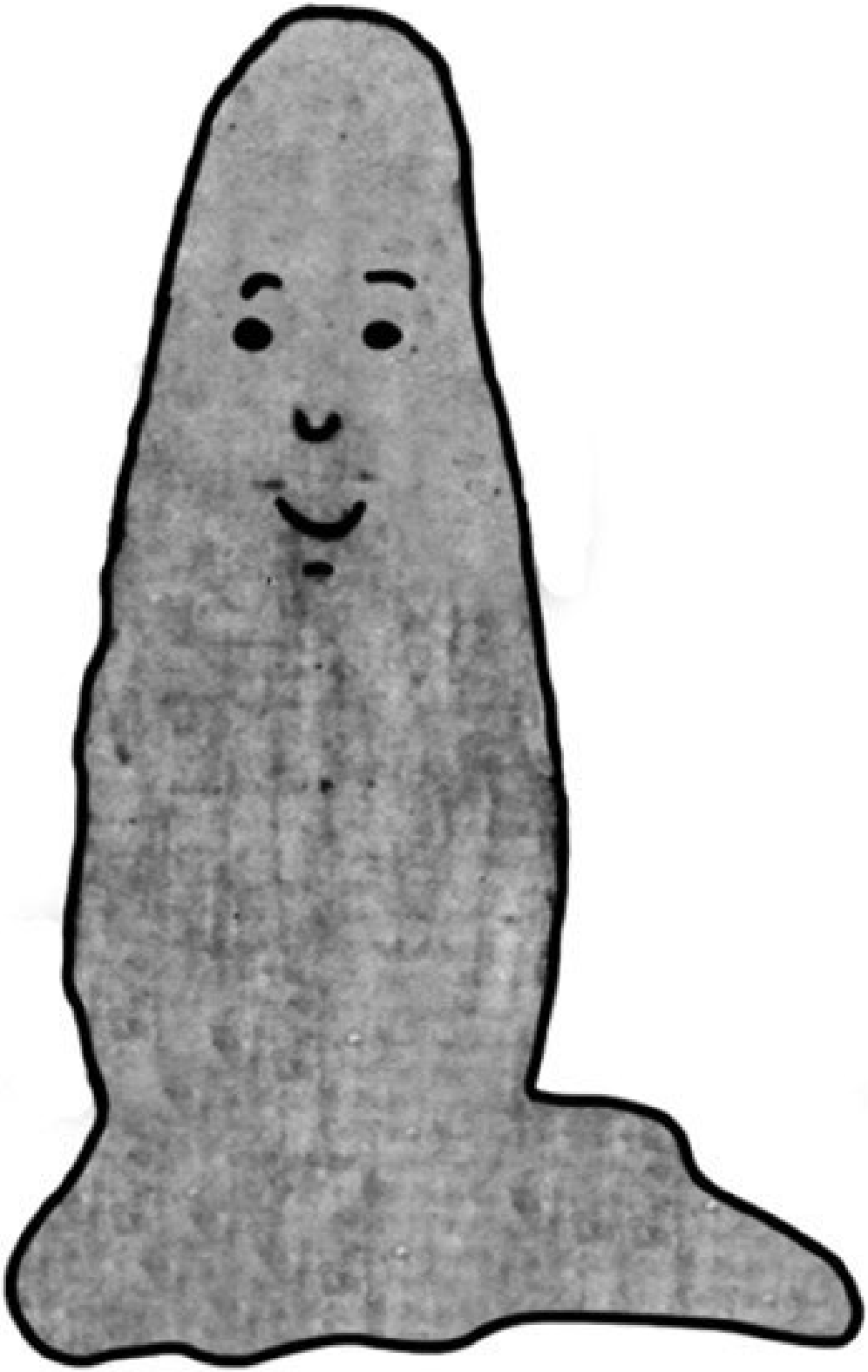
No vento úmido e apodrecido

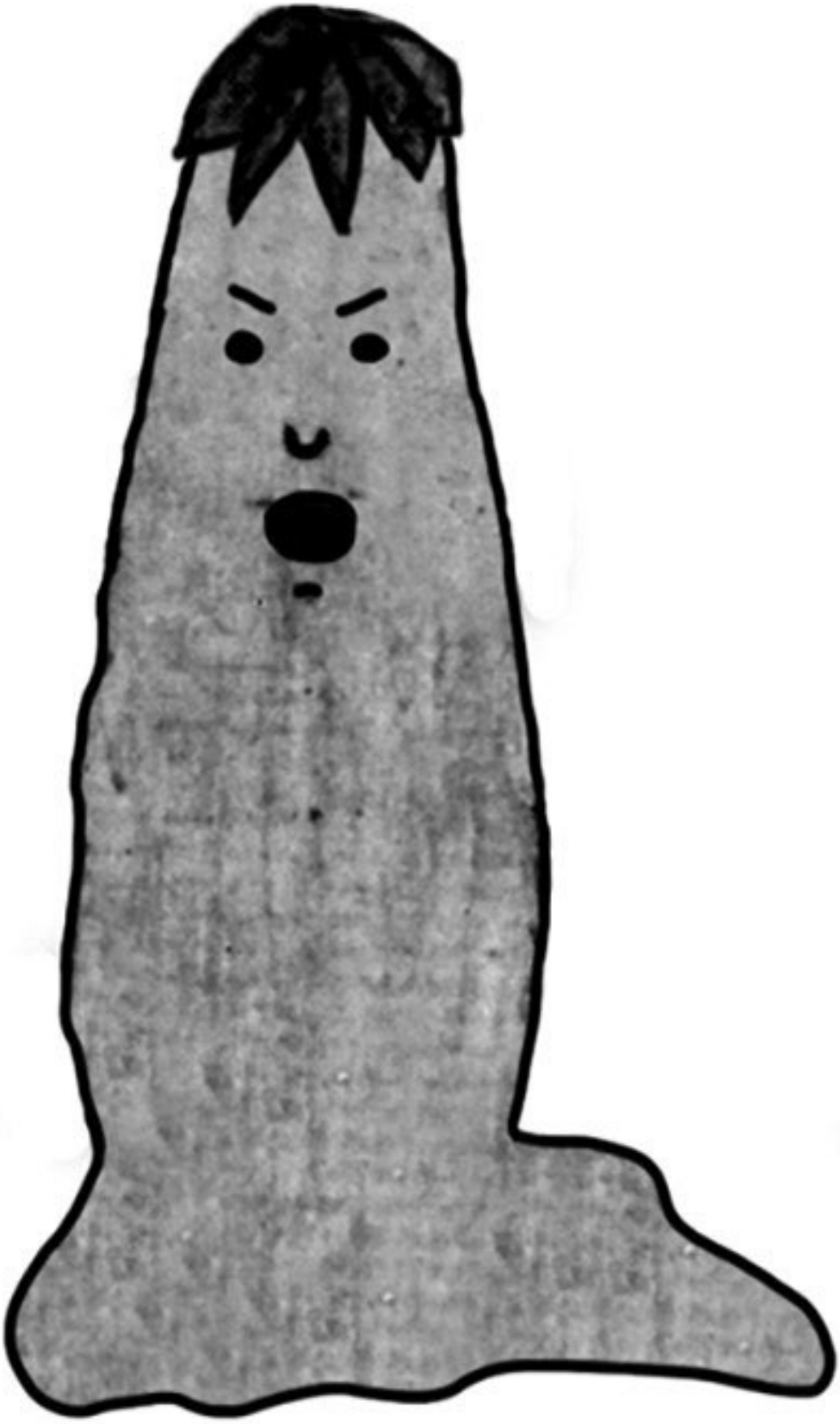
Despertavam espirros infindos.

E na tapeçaria espectral,

Estranha galeria fantasmal:

Os farsantes da esfera social.





Um era pedante e pretensioso

Seu grito era absurdo e poderoso

E com a peruca ele acenava, asqueroso.

E um era caduco, de cara sombria,

Que gastou sua infância em coisas vazias

Em trabalhos inúteis que lhe davam azia.

Seu peito glacial não recebia abraços,

Suas vítimas dividiam o mesmo espaço

Com o lento soluçar dos ricaços.

E um outro era o honorável Tomilho Torto

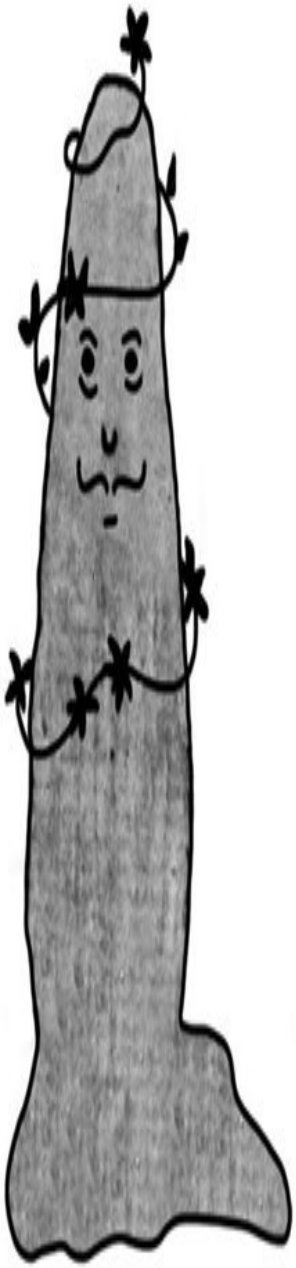
Cujas flores subiam pelas paredes do horto,

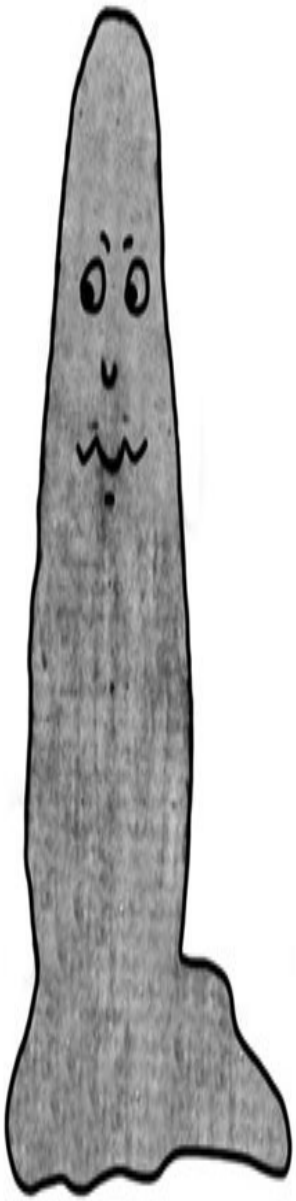
Entre heras de um poço que cheirava a peixe morto.

Todo pássaro agourento pousava nessa morada

Suas notas feriam o ar contaminado

E deixavam os andantes acuados.





Essas notas fatais tombavam, desprezadas,

Nenhuma criatura atendia ao chamado

Dos Espantalhos de Mortalhas amaldiçoados.

O fantasma andarilho se afastou,

Pra bem longe de mim logo escapou,

E uma visão fantasmagórica brotou:

Uma cama funesta com dois decrépitos anciões,

A caneta com que o advogado escrevia ficções;

Aquele que nunca mais sentirá suas respirações.

Ali, o serviçal do Senhor Ricardo Ovas

Chorava aflito, mal dos nervos:

E chorava a dama, esperando por João Cervos.

“Oh, desperte!”, eu a mim mesmo falei

Essas cenas confusas não fazem sentido, eu sei

Nem sob juramento, nem perante a lei.

“Inúteis”, disse a dama, “todas essas zombarias

Não passam de funestas fantasias

Que não respeitam a advocacia.”

Então, ela curvou-se sobre o espantalho irreal

E chorando com uma tristeza fenomenal,

Gritou (com toda razão): Ordem no tribunal!

Recordando essa voz celestial,

“Justina” ele exclamou, sentimental

(Até mesmo o nome dela era legal).

A aurora já rompia a escuridão:

Soprava com furor o furacão,

E o vento desmanchou essa Visão.

Desapareceu a cama fantasmagórica e velha

(As cortinas, a fita; a fita que era vermelha)

Sr. Ovas e Sr. Cervos apagaram-se numa centelha.

Mas meu espírito sacode como árvore

Quando recordo (e isso, talvez, nunca melhore)

Aquele horrendo sonho dos salões de mármore!

Uma Fábula

O Califa Emir no trono está sentado,

Ele devastou sua terra e sozinho foi deixado.

Então o Brâmane Mufti veio à sua frente

Para contar-lhe uma fábula sábia e coerente:

“O senhor coruja estava pousado na galharia

Chegou o filho para contar que se casaria

Pediu a bênção e também um bom dote

Pois era o único herdeiro, o mocho-rapazote.

O pai disse: “Eu não tenho nada a oferecer

Mas se só mais um ano o Califa viver

Eu te darei, tão certo quando o destino,

Cem fazendas improdutivas e inúteis, meu menino’.”

Ao terminar, olhou para o rosto do califa e viu

Que as lágrimas lhe jorravam como um rio.

Mais de uma hora passou em reflexão sincera

Depois, fez o que antes jamais fizera:

Mudou sua conduta e o povo abençoou

(Chega de miséria e pranto)

E a terra de felicidade se inundou

(Daqui até o mais longínquo canto.)

Moral: “Corrija sua conduta.”

Conto de uma Cauda

Um velho jardineiro colhia groselhas

Numa árvore de groselhas; certo dia

Os espinhos espetavam suas mãos velhas

E nem ao menos um “ai” ele dizia.

Ao seu lado, um cão de longo rabo

“Oh, mas que cauda” tão gigante

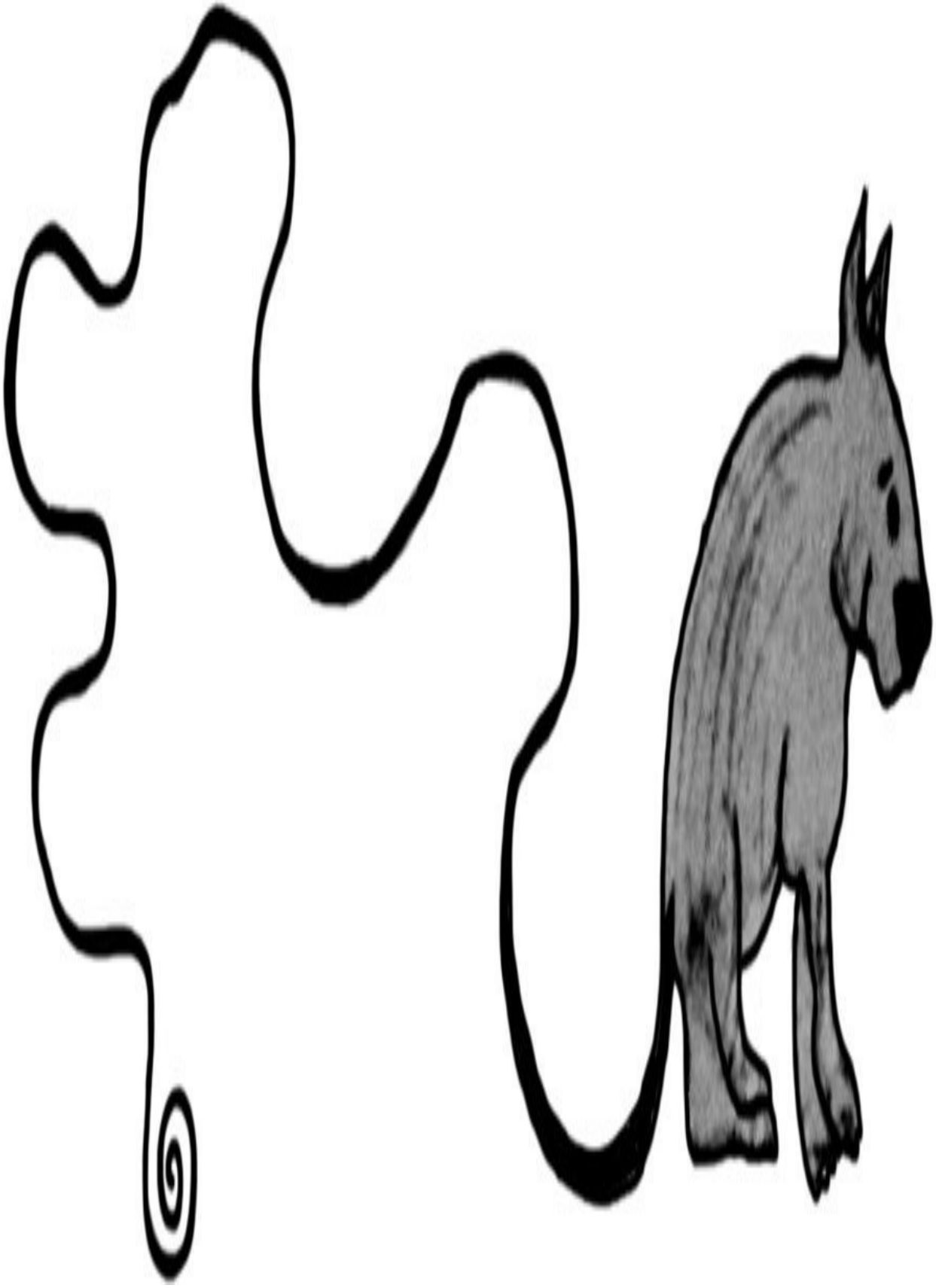
Nem lá onde perdeu as botas o diabo

Alguém viu coisa semelhante.

A cauda tão comprida era disforme

Com pelagem cinza bem sem graça

Feita de músculo, osso e força enorme



Inadequada a um cão assim sem raça.

Da sua cauda o cão parecia ter orgulho,

Vez por outra

Levantava a cabeça e latia alto à beça.

O homem não gostava desse barulho,

E seguia seu trabalho sem ter pressa.

O cão, de tanto sacudir o rabo,

Enrolou-o nos pés do jardineiro

Deu-lhe um nó tão justo e apertado

Que quase o imobilizou por inteiro.

O jardineiro não conseguia adivinhar

O que estava prendendo suas pernas

Continuou, fatigado, a trabalhar

Furioso, com toda essa baderna.

“Mas qual o problema?”, perguntou

“Eu mal consigo parar em pé.”

Bebi só um pouquinho, recordou.

“Um conhaque com gotas de café.”

“Dois litros de cerveja, e uma boa sopa

De uísque – na verdade até bem forte

E agora, no entanto estou caindo, opa!

Há algo errado, estou sem sorte.”

Relutante, o trabalho ele encerrou

Pra investigar aquele descompasso;

Apanhou o machado e então cortou

Essa cauda perversa em dois pedaços.

E ele então se inclinou com alegria

Até ficar azul, arroxeado.

E o cão, a todas essas, só latia,

Com motivos de sobra, ali ao lado.

Moral:

“Não fique bêbado.”

O Cabeça-dura

Era uma vez um certo rapaz que estava

De pé, no alto de um muro;

E a gente pela rua lhe gritava:

“Tu vais cair, eu juro.”

Mas o rapaz não deu ouvidos:

Era um cabeça-dura.

Ficou ali parado e fixo,

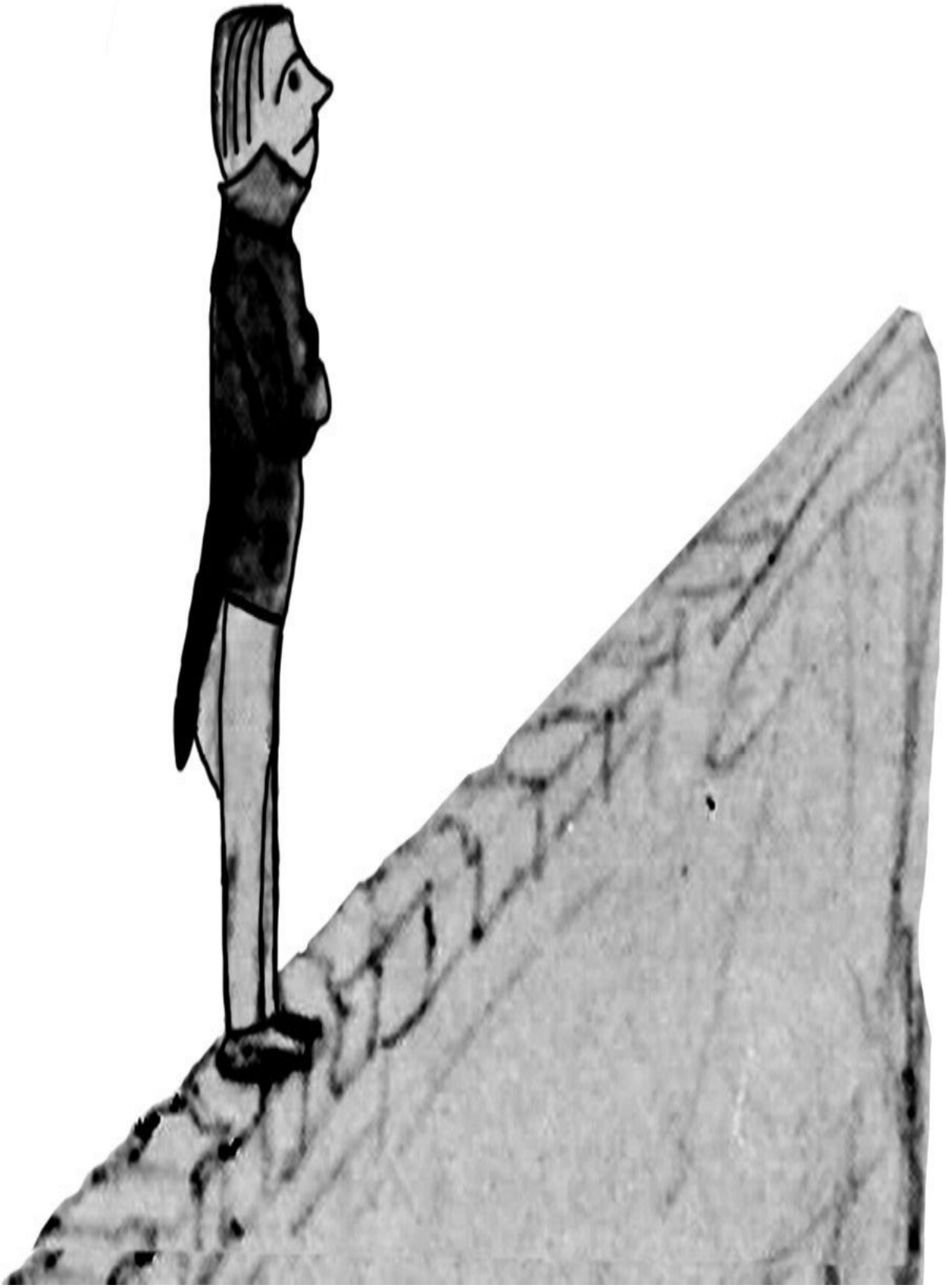
Qual prego na armadura.

Porém um vento traiçoeiro

Soprou de supetão

E o derrubou do seu poleiro,

Bem sobre a multidão.



Muitos braços erguidos se racharam

E muita gente ali quebrou o coco.

Furiosos, todos eles protestaram:

“A teimosia deixa os homens loucos!”

Mas o infortúnio nada lhe ensinou

Como logo veremos. Noutro dia,

Por diversão numa árvore trepou,

Para ficar de pé na galharia.

A árvore era apoiada num poste

Que assim a mantinha no lugar

Os passantes gritavam: “Desencoste!

Porque esse galho aí vai quebrar!”

Mas o rapaz não deu ouvidos:

Era um cabeça-dura.

Ficou ali parado, fixo,

Qual prego em armadura.

Logo em seguida o galho se rachou

E a coisa ficou feia:

O cabeçudo despencou

Num carretão de areia.

Em vão o homem-da-areia* o procurou

Por mais de meia hora.

O estado em que por fim o encontrou

Jamais se vira outrora.

A areia quase lhe tapava a cara:

O rapaz parecia um homem-duna.

O homem-da-areia riu, fez algazarra,

Vendo o galho quebrado e a má fortuna.

“Ficar de pé num galho? Que besteira!

Tens muito o que aprender ainda, ó moço!”

Então pegou areia da carreta

E jogou um punhado no seu rosto.

O rapaz arenoso se indignou,

Seu arenoso olhar se encheu de fúria.

No homem-da-areia um golpe ele mirou

Com toda raiva. Ah, que cabeça-dura!

Logo estava no chão, nocauteado

Pelo homem-da-areia, ou por seu punho.

Só lhe restava agora esse ditado,

Pra quem quiser ouvir seu testemunho.

Moral:

“Se, como eu, teimarem os teimosos

Sem ouvir quem alerta e os aconselha,

Terão destinos duros e arenosos

E seus olhos se cobrirão de areia.”

** “Homem-da-areia” ou “Areeiro” ou “Sandman” é um personagem do folclore europeu que joga areia nos olhos das pessoas para deixá-las sonolentas.*

Saiba mais

Lewis Carroll no espelho

Lewis Carroll nasceu em 7 de janeiro de 1832, na vila inglesa de Daresbury. Seu nome de batismo era Charles Lutwidge Dodgson, mas quando tinha 24 anos ele passou a assinar seus escritos como Lewis Carroll. De onde veio esse pseudônimo? É a tradução em latim de seus dois primeiros nomes: “Carolus Ludovicus”. Uma das tantas brincadeiras (ou enigmas?) lexicais deste autor.

Carroll era filho de um reverendo e tinha dez irmãos. Desde pequeno, já escrevia versos e problemas de lógica para distrair os mais novos. Tanto que a segunda parte deste livro, “Primeiros Poemas”, foi escrita em 1845, quando ele tinha apenas treze anos! Em inglês, eles foram chamados Early verses, ou seja, são os versos iniciais, criados para divertir seus irmãos Wilfred e Louisa, com sete e nove anos na época. Não é à toa que alguns poemas falam, de maneira cômica e exagerada, da relação entre irmãos. Alguns estudiosos da obra de Carroll dizem que ele pode ter sido influenciado pelo Livro dos Absurdos, de Edward Lear, pois há muitas semelhanças com essa obra, como, por exemplo, a moral “Jamais ensopes tua irmã” do poema Irmão e Irmã.

Lewis Carroll sempre foi criativo e inventivo, e a literatura parece ter sido um caminho para ele conseguir trilhar uma infância cheia de percalços. Pequeno, desenvolveu uma gagueira, e a condição permaneceu com ele durante toda a idade adulta, acabando por fazer parte do seu mito pessoal – incluindo a afirmação, sem provas, de que gaguejava apenas na companhia de adultos, mas falava sem problemas com as crianças. Para completar, uma febre infantil o deixou surdo de um ouvido e um surto de coqueluche aos 17 anos enfraqueceu o seu pulmão para o resto da vida. Mas tudo isso não impediu Lewis Carroll de se tornar um dos mais importantes escritores de todos os tempos.

Em 1850, foi admitido na Christ Church, uma das maiores faculdades da Universidade de Oxford e, formado, começou a dar aulas de matemática. No ano em que adotou seu pseudônimo, 1856, fez amizade com Henry Liddell, também professor. O vínculo se estenderia para toda a família de Liddell, e o autor criou o hábito de contar histórias para as três filhas do amigo: Lorina, Edith e Alice. Em 1864, Carroll presenteou Alice com um manuscrito ilustrado por ele e

intitulado As aventuras de Alice no Subterrâneo. No ano seguinte, o livro foi publicado como Alice no País das Maravilhas, e quatro anos depois, em 1869, ele lançou seu poema mais longo, Fantasmagoria.

Ele nunca se casou nem teve filhos. Poucos dias depois de completar 66 anos, em 14 de janeiro de 1898, faleceu devido a uma grave pneumonia.

No ritmo da tradução

Traduzir Lewis Carroll não é tarefa fácil; se forem poemas, então, mais árduo ainda o trabalho, pois são muitas rimas, muitas aliterações, muitos recursos linguísticos. Neste livro, a tarefa coube ao premiado tradutor José Francisco Botelho e à poeta Paula Taitelbaum.

José Francisco Botelho nasceu em Bagé (RS) em 1980. É jornalista, escritor, tradutor e crítico literário. Como tradutor, já recebeu dois Prêmios Jabuti, o mais importante reconhecimento da literatura brasileira: em 2014, por sua tradução de Contos da Cantuária, de Geoffrey Chaucer, e, em 2017, por Romeu e Julieta, de Shakespeare. Como escritor, foi ganhador, em 2018, do Prêmio Açorianos de Literatura por seu livro Cavalos de Cronos. É autor de outras obras, entre elas, o livro de poemas E tu serás um ermo novamente, lançado em 2021.

Paula Taitelbaum nasceu em Porto Alegre (RS) em 1969. É escritora, poeta, ilustradora e editora. Traduziu, junto com Eduardo Bueno, o livro Quando o 7 ficou louco, de Bram Stoker. Como autora, tem vários livros de poemas publicados entre adultos e infantis.

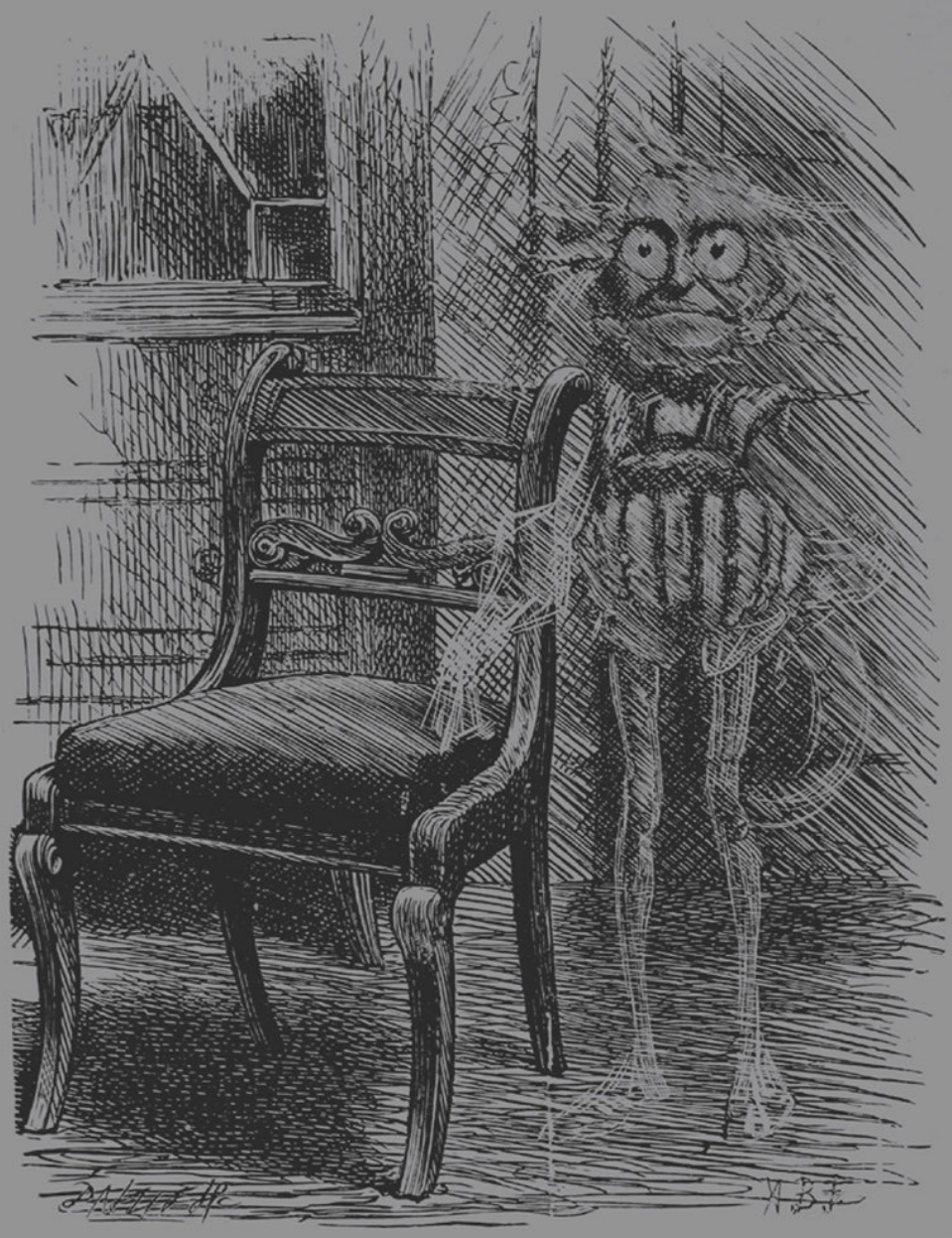
Imagens em ação

Fantasmagoria e Primeiros Poemas de Lewis Carroll conta com ilustrações

originais de AB Frost na primeira parte da obra e do próprio Lewis Carroll na segunda. O designer Sandro Fetter e a tradutora Paula Taitelbaum (que também trabalha como ilustradora) tomaram a liberdade de tratar as imagens, recortar alguns fundos e mexer um tantinho em alguns desenhos para fazer com que ficassem mais modernos e ajustados às páginas. Achamos que deu super certo!

AB Frost, Arthur Burdett Frost (1851 - 1928), foi um ilustrador, artista gráfico, pintor e quadrinista norte-americano. Ilustrou o poema Fantasmagoria em 1883 quando ele foi publicado em uma coletânea de poemas de Lewis Carroll chamada Rhyme? And Reason? (Rima? E Razão?). Ilustrou mais de 90 livros, produziu centenas de pinturas e foi pioneiro no desenvolvimento de histórias em quadrinhos. Em 1985, seu nome foi postumamente inserido no Hall da Fama da Sociedade de Ilustradores.

Lewis Carroll, você já sabe, foi um escritor brilhante. Ele também desenhava bem, mas não chegou a ser um ilustrador profissional. Suas ilustrações costumavam acompanhar os manuscritos (textos escritos à mão) sempre que ele criava poemas e histórias para presentear as crianças. A primeira história que ele escreveu para Alice Liddell, por exemplo, também era acompanhada de desenhos feitos por ele.



TÍTULO ORIGINAL: Phantasmagoria / Early Verses

TEXTOS: Lewis Carroll

TRADUÇÃO: José Francisco Botelho e Paula Taitelbaum

ILUSTRAÇÕES: AB Frost (ilustrações da Parte 1);

Lewis Carroll (ilustrações da Parte 2)

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Sandro Fetter

REVISÃO: Heloísa Stefan

124 páginas

1ª Edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

▪

Carroll, Lewis, 1832-1898

Fantasmagoria e primeiros poemas de Lewis Carroll / Lewis Carroll ; ilustração AB Frost, Lewis Carroll ; tradução José Francisco Botelho , Paula Taitelbaum. – 1. ed. – Porto Alegre, RS : Editora Piu, 2023.

Título original: Phantasmagoria / Early Verses

ISBN 978-65-89241-13-3

1. Poesia - Literatura infantojuvenil

I. Frost, AB. II. Título.

22-125771

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

@Editora Piu, 2023

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Piu.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editora Piu

www.editorapiu.com.br

editorapiu@editorapiu.com.br

facebook.com/editorapiu

instagram.com/editorapiu